UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO UNIVERSITÁRIO NORTE DO ESPÍRITO SANTO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

ISAMARA OLIVEIRA LIMA

DESMISTIFICANDO A SEXUALIDADE:

VOZES DOS ESTUDANTES EM DEBATE NA SEQUÊNCIA DE ENSINO POR INVESTIGAÇÃO

SÃO MATEUS - ES

2024

ISAMARA OLIVEIRA LIMA

DESMISTIFICANDO A SEXUALIDADE:

VOZES DOS ESTUDANTES EM DEBATE NA SEQUÊNCIA DE ENSINO POR INVESTIGAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Orientadora: Profa. Dra. Karina Carvalho Mancini

SÃO MATEUS -ES

2024

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

Oliveira Lima, Isamara, 1995-
O48d DESMISTIFICANDO A SEXUALIDADE: VOZES DOS ESTUDANTES EM DEBATE NA SEQUÊNCIA DE ENSINO POR INVESTIGAÇÃO / Isamara Oliveira Lima. - 2024.
129 f. : il.

Orientadora: Karina Carvalho Mancini.
Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo.

1. Educação Sexual. 2. Adolescência. 3. Sequência de Ensino por Investigação. 4. Aprendizagem Ativa. 5. Protagonismo. 6. Educação Integral. I. Carvalho Mancini, Karina. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro Universitário Norte do Espírito Santo. III. Título.

CDU: 37

ISAMARA OLIVEIRA LIMA

DESMISTIFICANDO A SEXUALIDADE: VOZES DOS ESTUDANTES EM DEBATE NA SEQUÊNCIA DE ENSINO POR INVESTIGAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Aprovada em 27 de março de 2024

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br
KARINA CARVALHO MANCINI
Data: 02/04/2024 16:51:27-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Karina Carvalho Mancini
Universidade Federal do Espírito SantoOrientadora

Documento assinado digitalmente
gov.br
GUSTAVO MACHADO PRADO
Data: 04/04/2024 08:45:06-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Gustavo Machado Prado
Universidade Federal do Espírito Santo

Documento assinado digitalmente
gov.br
CAROLINA LOMANDO CANETE
Data: 03/04/2024 16:17:49-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Carolina Lomando Cañete
Instituto Federal de Espirito Santo

TRAJETÓRIA ACADÊMICA – MOTIVAÇÃO DA PESQUISA

Narrar minha trajetória acadêmica não é uma tarefa fácil, pois representa uma jornada em que a perseverança tem sido minha companheira constante, a firmeza do “se os outros conseguem, eu também consigo”. Movida pela crença, em 2012, comecei a cursar a licenciatura em Ciências Biológicas, que concluí ao longo de quatro anos por paixão por esta área do conhecimento.

Após concluir a graduação, decidi me especializar em duas pós-graduações, a fim de expandir meu currículo e melhorar minha posição em classificações e na escolha de cargos docentes. Essa busca foi motivada pela percepção de que, devido à minha entrada na educação aos 22 anos de idade, em comparação a professores com mais tempo de experiência, aprimorar minha formação era essencial para competir em um cenário com candidatos mais experientes. O início da minha jornada como docente trouxe diversos desafios, como lidar com a distância do ambiente de trabalho, enfrentar turmas com diversas problemáticas e confrontar minha inexperiência e limitações didáticas foram vivências significativas, no entanto, minha persistência me manteve firme diante dessas adversidades.

Com o passar dos anos, tornou-se evidente que um mestrado era fundamental para minha evolução profissional e para garantir melhores posições na seleção de professores, foi então que iniciar o mestrado tornou-se uma meta, uma vez que a concorrência era acirrada e a diferença de idade frequentemente se mostrava um desafio. Ao iniciar a minha jornada por uma bolsa de estudos em uma universidade pública, durante três anos passei por algumas reprovações e notas baixas, até pensei em desistir, mas procurei ajuda de algumas pessoas e finalmente alcancei meu objetivo, que era passar em um mestrado, esse momento foi um dos mais felizes da minha vida, demonstrando o quanto vale a pena a persistência.

Quando ingressei no mestrado e assisti às aulas presenciais, percebi que era muito além do que mais uma formação acadêmica, mas sim uma oportunidade para repensar e aprimorar minha prática docente e buscar o melhor para os meus estudantes, não apenas intelectualmente, mas também emocionalmente e socialmente. As aulas presenciais proporcionaram momentos para que eu expandisse

meus horizontes e saísse da zona de conforto em que muitos professores se encontram ou são colocados durante sua carreira docente.

O meu interesse pela Educação Sexual surgiu quando comecei observar as relações entre os alunos e ao conversar com adolescentes que faziam parte de meu círculo social e profissional, onde pude perceber algumas atitudes sexistas, ofensivas e desrespeitosas à imagem da mulher, bem como gravidez na adolescência, denúncias de abuso sexual, automutilação, preconceito, homofobia e intolerância contra pessoas com orientação sexual diferentes do padrão imposto pela sociedade.

Além destes episódios pude observar que alguns adolescentes são mais questionadores do que outros, e assim relutam em buscar informações devido ao medo e à vergonha. A maioria das famílias dos estudantes enfrentam desafios significativos devido às condições socioeconômicas precárias e até mesmo problemas sociais mais complexos, como a gravidez precoce, históricos de violência, suicídio, além da falta de informações sobre saúde sexual e reprodutiva nas famílias.

Diante destes fatos, se faz necessário refletir sobre a Educação Sexual escolar e criar um espaço adequado onde os jovens possam dialogar, refletir e se informar sobre as questões fundamentais relacionadas à sexualidade humana. Durante o desenvolvimento da sequência didática e condução das aulas, percebi que a sala de aula se transformava em um espaço esperado e apreciado pelos estudantes, onde aprendizado e descobertas se uniram de forma significativa.

Expresso minha gratidão pela oportunidade de cursar este mestrado, compreendendo que toda a jornada de persistência valeu a pena, aprendi que as coisas se manifestam no momento certo e que a dedicação e determinação são recompensadas. Esta trajetória não apenas fortaleceu minha base acadêmica, mas também moldou minha perspectiva como educadora e minha capacidade de criar um impacto positivo na vida dos estudantes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora Aparecida por terem me ajudado a atingir as minhas metas, com saúde, determinação, força, esperança, e acima de tudo persistência de nunca desistir.

Agradeço muito a minha mãe Jesuína da Conceição e ao meu pai Adão dos Santos, que são a minha motivação de vida, e sempre estiveram comigo em toda minha jornada me dando muita força e ânimo, para concluir o metrado.

De forma especial, agradeço à Profa. Dra. Karina Carvalho Mancini pela oportunidade e apoio, e por acreditar na proposta deste trabalho, pelo incentivo, pelo carinho, cuidado e ensinamentos nos momentos de orientações, com muita humildade e paciência sendo sempre lembrada e admirada por mim.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão à escola parceira, onde trabalho, por me proporcionar autonomia para realizar a minha pesquisa, em especial à minha querida diretora, Leonice Barbosa Bergamin, pela sua paciência demonstrada nos momentos em que eu precisava de apoio para o desenvolvimento do projeto e principalmente pelo suporte e flexibilidade para atender a todas as minhas demandas, sou imensamente grata por isso.

Agradeço ao meu esposo Adolfo Milagres, que sempre me incentivou e me proporcionou suporte para concluir este mestrado, sendo bastante paciente com a minha ausência, e me dando sempre motivação, e coragem para desenvolver todos os meus trabalhos, e tarefas com muita garra e persistência.

Não posso deixar de contar com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), sem esse recurso seria difícil a realização de todo este estudo.

Este trabalho é uma construção pela busca por uma educação inclusiva e que atenda as perspectivas dos meus estudantes, só tenho a agradecer a todos que estiveram direta ou indiretamente fazendo parte da minha jornada educacional.

RESUMO

Trabalhar nas escolas a temática Educação Sexual é desafiador e envolve diversos aspectos sociopsicológicos. Neste contexto, foi realizada uma Sequência de Ensino por Investigação em uma escola pública estadual com uma turma do 8° ano do Ensino Fundamental, com o intuito de abordar a temática da sexualidade sob a perspectiva biológica, social, política e ética, a fim de desconstruir mitos, preconceitos e tabus que cercam a questão, proporcionando aos alunos uma perspectiva de vida saudável e segura, estimulando a se tornarem agentes de mudança, criando um ambiente inclusivo na escola e na sociedade. Durante a execução da Sequência de Ensino por Investigação os estudantes foram orientados a proceder em conformidade com os princípios da investigação cientifica, averiguando as próprias hipóteses e validando-as. Os procedimentos de coleta de dados dessa pesquisa envolveram as observações em sala de aula, debate, diários de campo, gravações de áudio e entrevistas. A sequência investigativa foi dividida em quatro etapas: 1. Coleta de informações iniciais e definição das problemáticas a serem investigadas sendo esta etapa iniciada com a leitura e discussão de uma reportagem sobre sexualidade nas escolas e elaboração de perguntas anônimas que foram categorizadas e organizadas pela pesquisadora em roteiros investigativos. 2. Divisão de grupos para trabalhar os roteiros investigativos, sendo encorajados a questionar, levantar hipóteses e encontrar soluções para os problemas apresentados nos roteiros. 3. Investigação por meio de entrevistas com profissionais da saúde e busca de fontes pela Internet. 4. Compartilhamento das experiências, desafios e aprendizados, e preenchimento de questionários individuais para avaliar o processo de aprendizagem e das ações realizadas. Os resultados indicaram que as atividades propostas tiveram impacto positivo, promovendo o comprometimento dos alunos, relacionamentos saudáveis, inclusão, análise crítica e uma compreensão mais ampla da sexualidade. Os estudantes reconheceram que discutir abertamente a sexualidade não os influencia negativamente, pelo contrário, os capacita para uma vida na adolescência e adulta segura e responsável, sendo essencial para reduzir riscos, tabus e discriminações associadas à sexualidade. Espera-se que os resultados desta pesquisa inspirem professores e instituições a adotar abordagens similares, contribuindo para uma Educação Sexual inclusiva e sensível às necessidades dos adolescentes.

Palavras-chave: Educação Sexual; Adolescência; Sequência de Ensino por Investigação; Aprendizagem Ativa.

ABSTRACT

Working on the topic of Sexual Education in schools is challenging and involves several socio-psychological aspects. In this context, an Investigative Teaching Sequence (SEI) was carried out in a state public school with a class from the 8th year of Elementary School, with the aim of approaching the theme of sexuality from a biological, social, political and ethical perspective, the in order to deconstruct myths, prejudices and taboos that surround the issue, providing students with a healthy and safe life perspective, encouraging them to become agents of change, creating an inclusive environment at school and in society. During the execution of the Research Teaching Sequence, students were instructed to proceed in accordance with the principles of scientific research, investigating their own hypotheses and validating them. The data collection procedures for this research involved classroom observations, debate, field diaries, audio recording and interviews. The investigative sequence was divided into four stages: 1. Collection of initial information and definition of the problems to be investigated, this stage beginning with reading and discussing a report on sexuality in schools and preparing anonymous questions that were categorized and organized by the researcher in investigative scripts. 2. Division of groups to work on the investigative scripts, being encouraged to question, raise questions and find solutions to the problems presented in the scripts. 3. Investigation through interviews with health professionals and searching for sources on the Internet. 4. Sharing experiences, challenges and learning, and completing individual questionnaires to evaluate the learning process and the actions taken. Results indicated that the investigative sequence had a positive impact, promoting student engagement, healthy relationships, inclusion, critical analysis, and a broader understanding of sexuality. The students considered that openly discussing sexuality does not influence aspects, on the contrary, the ability to lead a safe and responsible teenage and adult life, being essential to reduce risks, taboos and discrimination associated with sexuality. It is hoped that the results of this investigation will inspire teachers and institutions to adopt similar approaches, contributing to inclusive Sexual Education that is sensitive to the needs of adolescents.

Keywords: Sex Education; Adolescence; Research Teaching Sequence; Active Learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Reportagem sobre “Educação sexual ainda é tabu no Brasil e adolescentes sofrem com a falta de informação..... 42

Figura 2 - Caixa de perguntas e sugestões, e estudantes durante a leitura e discussão colaborativa..... 51

Figura 3 - Primeiro momento com discussão e levantamento de hipóteses entre os grupos..... 54

Figura 4 - Segundo momento com roda de conversa com discussão e levantamento de hipóteses em conjunto..... 59

Figura 5 - Estudantes realizando investigação através dos links disponibilizados e elaborando o roteiro das entrevistas..... 66

Figura 6 - Entrevista presencial realizada com a enfermeira..... 69

Figura 7 - Entrevista remota realizada com a psicóloga..... 72

Figura 8 - Sistematização do processo investigativo..... 77

Figura 9 - Pergunta sobre o quanto os alunos se sentiram comprometidos durante as aulas, tarefas e aprendizado…..... 80

Figura 10 - Percepção dos alunos sobre como foi o relacionamento com o professor e colegas……..… 81

Figura 11 - Opinião dos alunos sobre quais habilidades desenvolveram durante a sequência didática…… 82

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Cronograma das atividades propostas na Sequência de ensino por investigação..... 40

QUADRO 2 Perguntas e sugestões organizadas por temas..... 43

QUADRO 3 - Lista de links que a professora disponibilizou aos estudantes... 45

QUADRO 4 - Perguntas da entrevista realizada com a enfermeira e psicóloga 47

QUADRO 5 - Registro dos estudantes sobre o roteiro investigativo “Educação sexual” 55

QUADRO 6 - Registro dos estudantes sobre o roteiro investigativo “Violência sexual e valorização da mulher” ……..... 55

QUADRO 7 - Registro dos estudantes sobre o roteiro investigativo “Sistema reprodutor e ISTS” 56

QUADRO 8 - Registro dos estudantes sobre o roteiro investigativo “Orientação sexual”. 57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 13

2 OBJETIVOS ….....…….....…….17

2.1 Objetivo geral..... 17

2.2 Objetivos específicos.....17

3 REFERENCIAL TEÓRICO.....18

3.1 Consciência e cidadania por meio da Educação Sexual escolar.....18

3.2 Saúde e Educação Sexual por meio da parceria entre família e escola.....21

3.3 Adolescência, sexualidade e saúde.....22

3.4 Manifestações e impactos da violência sexual…….....24

3.5 Diversidade sexual na escola: Uma abordagem multidimensional.....28

3.6 Práticas e Estratégias na Educação Sexual no Ensino Fundamental II..... 31

3.7 Ensino por investigação e alfabetização científica.....35

4 PERCURSO METODOLÓGICO.....38

4.1 Caracterização da pesquisa.....38

4.2 Local e participantes da pesquisa..... 39

4.3 Sequência de ensino por investigação .....…...40

4.3.1 ETAPA 1 - Ação norteadora sobre a Educação Sexual..... 40

4.3.2 ETAPA 2 - Problematização e levantamento de hipóteses…….....44

4.3.3 ETAPA 3 – Investigação…….....…..….....44

4.3.4 ETAPA 4 - Conclusão da sequência investigativa …….....47

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO ……..……..…. 48

5.1 Ação norteadora sobre a Educação Sexual.....48

5.2 Problematização e levantamento de hipóteses…….....……...53

5.2.1 Debate do roteiro investigativo: Educação sexual…….....…...59

5.2.2 Debate do roteiro investigativo: Violência sexual e valorização da mulher.....62

5.2.3 Debate do roteiro investigativo: Sistema reprodutor e ISTS…….....63

5.2.4 Debate do roteiro investigativo: Orientação sexual…….....….64

5.3 Investigação…….…….....65

5.3.1 Entrevista com a enfermeira……..…….....…...67

5.3.2 Entrevista com a psicóloga…….…….....……..…...69

5.4 Conclusão da sequência de ensino por investigação …….....73

5.4.1 Socialização.....73

5.4.2 Questionário..... 79

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS ……..….....…….……. ….87

REFERÊNCIAS…….....……....90

APÊNDICES 99

ANEXOS.....118

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa importante no desenvolvimento humano, onde se distancia de uma autoimagem infantilizada até chegar à idade adulta, passando por uma série de mudanças biológicas, emocionais e psíquicas, essas mudanças também são influenciadas pelo ambiente social em que o jovem está inserido. A sexualidade é uma característica natural do ser humano, sendo mais intensificado na adolescência, afetado por estímulos externos e internos (FIGUEREDO; TAVARES; SILVA, 2018).

A sexualidade é um tópico que não se limita apenas às questões relacionadas ao sexo ou aos órgãos genitais, mas também à personalidade, afetividade e às interações sociais, gerando um impacto significativo na saúde física e mental das pessoas (BRASIL, 2018). Portanto, todas as pessoas deveriam ter acesso ao conhecimento sobre o tema, respeitando o direito de receber informações sobre o funcionamento do seu próprio corpo, sua sexualidade e cuidados com o outro, viabilizando reflexões sobre tabus e preconceitos, a fim de construir valores de respeito, empatia e inclusão em nossa sociedade (FIGUEIRÓ, 2007).

A Educação Sexual, por ser um tema complexo, frequentemente é cercado por preconceitos e tabus por parte do corpo docente, dos responsáveis pelos alunos, dos próprios alunos e das políticas públicas (MAIA; RIBEIRO, 2011). Geralmente é no ambiente familiar que se inicia a discussão sobre Educação Sexual, com a construção dos papeis sociais e da identidade de gênero, entretanto muitas vezes os pais adiam a conversa devido a concepção de que abordar o tema possa encorajar o início da vida sexual (MACEDO *et al.,* 2013).

Conforme observado por Silva (2018, p.18) “muitas famílias privam o diálogo com os filhos, por entender que o diálogo antecipa o sexo, além de mostrar como os pais também se sentem despreparados e tímidos para tratarem o assunto em casa”. O próprio autor destacou como essa perspectiva ultrapassada e equivocada apenas complica o processo, uma vez que a falta de comunicação deixa os jovens mais vulneráveis, considerando que a sexualidade continuará a desempenhar um papel importante em suas vidas.

As mídias também exercem grande influência nos jovens atualmente, ao gerar muitas vezes visões distorcidas da sexualidade contribuindo para a propagação do preconceito e tabus (COLLINS *et al.,* 2017). As informações por estarem presentes nos meios de comunicação, não significa que o tema será sempre tratado de maneira coerente e responsável (GONÇALVES *et al.,* 2013).

Pode ser observado que cada vez mais crianças e adolescentes estão iniciando sua vida sexual mais cedo, sendo um reflexo das mudanças da realidade sociocultural que veem ocorrendo nos últimos anos, influenciando diretamente nas mudanças de comportamento social e sexual (BRASIL, 2010). Ao incentivar os adolescentes a desenvolver senso crítico e reflexivo, e a se posicionarem sobre temas relacionados aos direitos humanos e às questões sociais, estes podem realizar um papel importante na sociedade ajudando outras pessoas e promovendo práticas preventivas (FIGUEIRÓ, 2018)

No entanto, a temática da Educação Sexual para as crianças e adolescentes carecem de uma abordagem mais ampla e informada, que poderia ser oferecida por instituições de saúde e políticas públicas. Isso inclui uma abordagem da sexualidade em uma perspectiva mais abrangente, que engloba não apenas a esfera biológico-reprodutiva, mas também considera a orientação sexual, as questões de gênero e as vulnerabilidades (GUBERT *et al*., 2009).

Em muitos casos, os adolescentes não conseguem encontrar o apoio necessário para suas dúvidas sobre sexualidade no sistema de saúde, assim, a escola desempenha um papel crucial como um espaço onde os adolescentes podem buscar respostas para suas dúvidas sobre sexualidade. Segundo Louro (2016), a escola é como espaço pedagógico em que a sexualidade está fortemente presente, pois está nos gestos dos alunos, nas rodas de conversa em sala de aula, nos corredores, expressos nas paredes dos banheiros, visto que é um tema de grande interesse para os jovens.

É crucial enfatizar que a abordagem da Educação Sexual e reprodutiva no ambiente escolar não tem como objetivo estimular a promiscuidade ou o início precoce da vida sexual, mas sim promover o conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e prevenir a gravidez indesejada, visando educar e esclarecer os adolescentes sobre a responsabilidade individual em relação à saúde sexual e

reprodutiva, buscando reduzir a prática de comportamentos sexuais de risco (BRASIL, 2010).

É importante destacar a relevância da Educação Sexual também como uma ferramenta para prevenir casos de violência sexual e abuso entre crianças e adolescentes e outras questões relacionadas (PROVENZI, 2020). Além de necessárias para refletirem sobre os obstáculos que surgem ao promover uma formação de cidadãos que valorizem a diversidade humana em todas as suas dimensões (SANTOS, 2017).

O conceito tradicional de sala de aula, onde o professor é tradicionalmente visto como o único detentor do conhecimento e os alunos são considerados apenas receptores, já foi superado há algum tempo, sendo fundamental promover entre os estudantes a reflexão para que eles compreendam que também possuem responsabilidades no que diz respeito ao seu próprio processo de aprendizagem. Os alunos não devem esperar passivamente que o professor tenha todas as respostas e ofereça todas as soluções (MOTA, 2017).

Considerando que o indivíduo se desenvolve dentro de um contexto sócio-histórico, influenciado por suas vivências e experiências, a educação deve seguir a mesma lógica, nesse sentido, o aluno não é simplesmente passivo ou ativo no processo educacional, mas desempenha um papel interativo na construção do seu próprio conhecimento (VYGOTSKI, 1984). Assim como a sociedade passa por várias transformações influenciando diretamente as formas de manifestação da sexualidade, as escolas também precisam acompanhar essas mudanças e trabalhá-las em seu contexto amplo, com ações que incentivem a interação social, a diversidade cultural e os diálogos, promovendo práticas reflexivas que possam modificar a sociedade e o dia a dia do aluno.

Bastos e Ludke (2017) sugerem que as questões relacionadas à sexualidade devem ser integradas no ambiente escolar através de um diálogo aberto, o que possibilita orientar os alunos para se tornarem cidadãos comprometidos tanto na promoção da saúde individual quanto coletiva. Deve-se considerar o conhecimento do aluno nesse processo, com o objetivo de criar um ambiente mais participativo, que estimule a discussão, a reflexão e a contextualização da realidade dos estudantes.

Isso visa capacitá-los a desenvolver o pensamento crítico e alcançar uma aprendizagem significativa sobre o tema (BRASIL, 2018).

Conforme Moizes e Bueno (2010), a base da Educação Sexual é o diálogo, e a escola desempenha um papel fundamental neste processo, ajudando a corrigir visões distorcidas da sexualidade. Por exemplo, muitos alunos podem ter concepções errôneas sobre sexualidade, influenciadas por filmes pornográficos ou informações incorretas, e é crucial que a sociedade como um todo, incluindo famílias, mídias e escolas, colaborem para fornecer um conhecimento embasado e correto sobre o assunto.

Neste contexto, este trabalho visa explorar e analisar a eficácia de uma sequência didática investigativa elaborada com enfoque na Educação Sexual, considerando suas implicações no desenvolvimento integral dos estudantes e na promoção da alfabetização científica. A sequência didática proposta neste estudo busca não apenas abordar questões de saúde e qualidade de vida, mas também transcender essas dimensões, incorporando elementos da alfabetização científica. Com base em diferentes definições de alfabetização científica apresentadas por autores como Sasseron (2011) e Chassot (2003), a proposta visou formar cidadãos capazes de compreender, interpretar e aplicar conhecimentos científicos de maneira crítica, contribuindo para a construção de benefícios práticos para a sociedade.

Nesse contexto, a sequência didática desenvolvida abarcou não apenas aspectos biológicos, mas também dimensões sociais, culturais e afetivas da sexualidade, ao priorizar a participação ativa e reflexiva dos estudantes, influencia positivamente a Educação Sexual, empoderando os adolescentes na tomada de decisões informadas, saudáveis e inclusivas.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Analisar como uma Sequência de Ensino por Investigação aplicada em uma turma de Ensino Fundamental pode contribuir para uma Educação Sexual abrangente, promovendo atitudes críticas e práticas reflexivas em relação à sexualidade.

2.2 ESPECÍFICOS

- Elaborar e implementar uma sequência de ensino por investigação sobre Educação Sexual;
- Avaliar a eficácia da sequência dimdática e seu impacto na promoção da alfabetização científica e no aprimoramento das habilidades críticas dos estudantes no contexto da Educação Sexual;
- Investigar as percepções, dúvidas e curiosidades dos estudantes em relação à Educação Sexual;
- Compreender a realidade cotidiana desses adolescentes, buscando uma análise sensível e contextualizada de seus contextos individuais e coletivos no processo educacional;
- Criar um material de apoio destinado a orientar os educadores interessados em adotar uma abordagem investigativa no ensino de Educação Sexual;

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Consciência e cidadania por meio da Educação Sexual escolar

A sexualidade atrai, cativa e desperta muitas indagações, especialmente entre jovens, que sentem curiosidade em relação ao corpo e à sexualidade, pois é uma característica fundamental do ser humano compreender e explorar as coisas. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a sexualidade é definida como:

> [...] um aspecto central do ser humano ao longo da vida; ela engloba sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivida e expressada por meio de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem sempre todas elas são vividas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, jurídicos, históricos, religiosos e espirituais (OMS, 2020, p.15).

Compreende-se que a sexualidade abrange aspectos mais profundos do ser humano e está sujeita a influências de contextos sociais, culturais e históricos, os quais exercem uma influência significativa, podendo permitir a livre expressão da identidade sexual ou restringi-la, se não se adequar à ideologia dominante. No entanto, a sexualidade é muito mais do que a ligação com o ato sexual, sendo somada aos nossos sentimentos, conhecimentos, emoções e relações que criamos ao longo da vida, desde o nascimento (BONFIM, 2012).

Segundo Figueiró (2007), é necessário diferenciar sexo de sexualidade, evitando confusão entre os conceitos ou uso equivocado como simbólicos, visto que o sexo está diretamente ligado ao ato sexual e à instintiva busca do ser humano pelo prazer sexual, enquanto a sexualidade abrange uma série de comportamentos e sentimentos humanos, dos quais o sexo é apenas uma das formas de expressão.

A Educação Sexual ao longo da vida é um processo contínuo que pode ser adquirido em diferentes momentos e contextos. Esse processo tem início desde muito cedo e pode ocorrer de forma direta, por meio de informações e orientações específicas, ou de forma indireta, através da vivência e experiências pessoais, por isso a importância de desenvolver uma educação que assuma de forma significativa

a construção integral do indivíduo que sofre adaptações de acordo com as distintas fases da vida (BARROS *et al*., 2021).

Embora a abordagem da sexualidade nas escolas seja um assunto polêmico devido à grande variedade de indivíduos envolvidos, incluindo alunos, professores, pais e equipe administrativa, cada um com suas próprias crenças, valores e contextos sociais e históricos, é crucial compreender o significado e o propósito da Educação Sexual. Educação Sexual é definida como sendo qualquer abordagem de ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, envolvendo não apenas o fornecimento de informações básicas, mas também a exploração de conhecimentos, discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual (FIGUEIRÓ, 2010).

Conforme Figueiró (2014), a Educação Sexual não se limita apenas ao fornecimento de explicações e informações, mas também deve se expandir para se tornar um espaço de diálogo, que permita a reflexão e a discussão sobre preconceitos, tabus e mitos relacionados à sexualidade. A autora propõe a divisão da Educação Sexual em duas categorias distintas: a Educação Sexual Formal e a Educação Sexual Informal.

Educação Sexual formal ocorre em ambientes planejados como escolas ou casas, através de aulas programadas, diálogos sobre livros ou brinquedos específicos e com objetivos definidos, enquanto a Educação Sexual Informal é representada por atitudes, ideias e situações cotidianas não planejadas, como letras de músicas, programas de TV e interações diárias (FIGUEIRÓ, 2014). Ambas têm um impacto significativo na formação do ser humano, e o silêncio dos pais e da escola em relação ao assunto é uma forma de Educação Sexual que transmite à criança a ideia de que é um assunto proibido.

Para Monteiro e Ribeiro (2020), a Educação Sexual é um conhecimento formativo e humanizador que incentiva o desenvolvimento de habilidades cidadãs em crianças e jovens, permitindo que compreendam seus direitos e enfrentam ideias repressivas e discriminatórias, a fim de promover uma cidadania consciente, que supere concepções repressoras, preconceituosas e discriminatórias arraigadas historicamente.

A sociedade está envolvida em um cenário de muitas informações, algumas fragmentadas e baseadas em conceitos populares, o que, infelizmente, favorece o surgimento de preconceitos. Diante dessa realidade, é crucial que as escolas assumam o seu papel social, estimulando diálogos sobre temas como sexo, sexualidade, identidade de gênero e orientação sexual, e permitam aos adolescentes a oportunidade de expressar suas dúvidas e encontrar respostas em relação à sexualidade (MOIZÉS; BUENO, 2010)

Bastos e Ludke (2017) propõem que a Educação Sexual seja implementada no ambiente escolar por meio de métodos que favoreçam a abertura ao diálogo com os estudantes, permitindo a exploração de suas perspectivas e experiências. Quando os alunos se recusam a conversar, isso indica que há uma abordagem autoritária que limita as discussões abrangentes sobre sexualidade e saúde sexual, baseada em uma educação na qual o professor detém todo o conhecimento, enquanto o aluno internaliza sem fazer qualquer análise crítica e aceitando como o correto.

Ao analisar a temática da Educação Sexual na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é possível identificar o destaque da sexualidade apenas em sua dimensão biológica, tendo um silenciamento em relação às questões de gênero e uma superficialidade no tratamento dos direitos humanos (BRASIL, 2018).

Dessa forma, é possível notar que as discussões sobre Educação Sexual na BNCC tendem a se concentrar nas questões ligadas à saúde e à qualidade de vida, limitando a discussão apenas aos componentes curriculares de Ciências e Biologia, especificamente no oitavo ano do Ensino Fundamental e segunda série do Ensino Médio. É importante salientar que essas abordagens são necessárias, mas não devem ser feitas de forma isolada, pelo contrário, devem estar ligadas à grande complexidade e diversidade das questões relacionadas à Educação Sexual, à orientação sexual e à discussão de gênero, abrangendo também outras disciplinas.

A BNCC necessita, com urgência, de uma reformulação significativa para incorporar de maneira ampla a Educação para a Sexualidade nas instituições educacionais. Modesto (2018) destaca a extrema importância de os documentos escolares abordarem as questões da sexualidade e gênero e a urgência de tratar desses assuntos no ambiente escolar, considerando a realidade contemporânea da sociedade.

3.2 Saúde e Educação Sexual por meio da parceria entre família e escola

Muitas vezes, os primeiros aprendizados sobre sexualidade vêm da família, ainda que de forma superficial, ou seja, a sexualidade de um indivíduo é moldada pela influência da família, incluindo valores, tabus e até preconceitos que se refletem em suas ações e persistem por gerações. Diante desses fatos, é inegável a relevância crucial da família na Educação Sexual, sendo um dos pilares que sustentam o desenvolvimento do indivíduo na vida adulta (JACOBSON, 2007).

No entanto, a responsabilidade pela Educação Sexual não deve ser exclusiva das famílias, uma vez que algumas ideias mantidas por uma família nem sempre estão em conformidade com o que é considerado adequado ou em acordo com os padrões sociais aceitos. Um exemplo evidente dessa dinâmica é o preconceito que passa de geração em geração, com relação ao machismo arraigado, onde as famílias instituíram a crença de que o poder estaria nas mãos dos homens, considerados como fortes e viris, enquanto as mulheres são tidas como frágeis e delicadas, responsáveis apenas aos cuidados com os filhos (MACEDO, 2013).

Esse paradigma infelizmente ainda persiste na sociedade atual, contribuindo para a tendência à gravidez precoce, já que, em um ambiente marcado pelo machismo intrínseco, algumas mulheres frequentemente se sentem sem voz e aceitam imposições masculinas, como a prática de relações sexuais desprotegidas ou a vergonha de adquirir métodos contraceptivos. A má qualidade da Educação Sexual para os jovens tem como consequência a amplificação dos estereótipos de gênero, agravando a desvalorização da mulher e dando origem a diversas formas de violência, gravidez indesejada, ISTs e outras questões inter-relacionadas (CHACHAM; JAYME, 2016).

De acordo com Savegnago e Arpini (2013), diversas famílias enfrentam dificuldades na abordagem da Educação Sexual com seus filhos, seja por crenças religiosas, ou receio de vulgarizar o assunto do sexo, à dificuldade em se comunicar verbalmente ou ao receio de que o diálogo possa incentivar a prática sexual precoce. Às vezes, a família quer abordar o assunto com as crianças ou adolescentes, mas

encontram dificuldades em iniciar uma conversa, deixando o assunto para segundo plano, e acabam se sentindo responsáveis por possíveis consequências, essa situação geralmente ocorre com aqueles responsáveis que também não receberam uma Educação Sexual adequada.

Para Bonfim (2012), a sociedade consumista tem desempenhado um papel progressivo na erotização precoce das crianças, uma vez que estimula o desejo sexual e a sexualidade acaba sendo comercializada e virtualizada, o que tem estimulado crianças a iniciarem relações sexuais em idades mais jovens. Além disso, há a preocupação de que a sociedade esteja em direção a uma sexualidade claramente instintiva e desumanizada, uma vez que, sem a consideração ética necessária, as crianças começam a se envolver sexualmente em idades mais jovens.

É essencial, portanto, romper com as dificuldades arraigadas nas famílias em relação à abordagem da sexualidade, a fim de promover a formação de adultos emocionalmente saudáveis e bem resolvidos com sua sexualidade (FURLANI, 2003). Torna-se cada vez mais crucial estabelecer uma conversa aberta sobre sexualidade, sem restrições de idade, o que é crucial para ensinar crianças e adolescentes a compreender a complexidade da sexualidade, abrangendo aspectos emocionais, físicos e éticos.

Nesta perspectiva, a colaboração entre escola e família é essencial nesta abordagem e não significa substituir o papel de cada um, mas criar uma parceria que permita aos jovens e às suas famílias superar desafios relacionados com questões que atravessam as suas vidas. A escola é concebida como um ambiente favorável e complementar à educação familiar, onde o professor desempenha papel central na orientação e discussão da Educação Sexual, da promoção da saúde, da tomada de decisões e do comportamento dos jovens (CAMARGO *et al.,* 2015).

3.3 Adolescência, sexualidade e saúde

A adolescência, conforme definido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, lei 8069/90), refere-se ao período da puberdade, que se estende dos 12 aos 18 anos, durante o qual podem ser observadas não apenas alterações biológicas, mas

também psicológica e social, é considerada uma das fases mais sensíveis da vida, porque é um período que permite enfrentar as diferentes dinâmicas de interação social (SILVA *et al.,* 2019).

O funcionamento do cérebro dos adolescentes, assim como todos os órgãos do sistema nervoso central e periférico, é afetado pelos hormônios do crescimento, que passam por uma maturação, que segue as mudanças típicas da puberdade. À medida que a massa do cérebro cresce e diversas partes do córtex cerebral são ativadas, são observadas mudanças comportamentais tanto na personalidade quanto no raciocínio lógico e emocional, mudanças que são intensamente observadas pelo próprio jovem e, também por aqueles que o rodeiam (MANANO, 2007).

Durante a adolescência também ocorrem alterações na estrutura do corpo, incluindo o desenvolvimento do aparelho reprodutor masculino e feminino, além de disfunções e liberação de hormônios sexuais, que desempenham papel fundamental nesse processo. Porém, segundo pesquisas na área de neurociências, os jovens, embora tenham tendência biológica à reprodução, ainda não estão totalmente maduros na esfera cerebral e comportamental para tomar decisões maduras e realizar atividades típicas da idade adulta (COSENZA; GUERRA, 2011).

A principal característica desta faixa etária é o seu caráter questionador e curioso, que os obriga a lidar com problemas que podem causar sérios danos e até ameaçar o seu próprio futuro, fazendo com que os adolescentes sejam um grupo de atenção e que necessitam de estratégias na promoção da saúde (COSTA *et al*., 2018). É de suma importância que os adolescentes reflitam sobre suas transformações físicas, psicológicas e os princípios fundamentais da reprodução humana, para que compreendam, por exemplo, que a iniciação precoce da atividade sexual, sem a utilização de preservativos, pode expor os riscos relacionados às infecções sexualmente transmissíveis, ou até mesmo possível de gravidez não planejada (OLIVEIRA, 2017).

Nesta fase é essencial que os adolescentes conheçam os diferentes tipos e infecções sexualmente transmissíveis, como são prevenidas e transmitidas. De acordo com o decreto nº 8.901/2016 (BRASIL, 2016), passou-se a usar a nomenclatura IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis), em substituição ao termo DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis) pois enfatiza a possibilidade de uma

pessoa tem uma infecção e que transmite mesmo não havendo sinais e sintomas da doença, ao contrário das doenças em que os sinais e sintomas muitas vezes aparecem de forma visível no corpo.

Discutir métodos contraceptivos não significa incentivar a atividade sexual, visto que a utilização de preservativos significa cuidar tanto do seu corpo quanto do corpo do seu parceiro, pois a relação sexual desprotegida pode colocar em risco a saúde tanto do indivíduo quanto do parceiro. Portanto, é importante envolver os jovens na Educação Sexual por meio de abordagens baseadas em bases científicas, organizadas e seguras (CABRAL; BRANDÃO, 2020).

3.4 Manifestações e impactos da violência sexual

A violência é um grande problema social que prejudica as relações humanas na sociedade e é um desafio global, pois afeta as pessoas em todas as fases das suas vidas e manifesta-se em diferentes formas e contextos. A violência sexual pode afetar profundamente a saúde física e mental das vítimas, deixando cicatrizes emocionais irreparáveis e causando graves consequências no seu desenvolvimento, incluindo prejuízos emocionais, cognitivos, comportamentais e sociais (ARAÚJO *et al.,* 2019). Nesse sentido, é importante destacar a violência sexual, que, segundo a OMS engloba;

> (…) todo ato sexual, tentativa de consumar um ato sexual ou insinuações sexuais indesejadas, ou ações para comercializar ou usar de qualquer outro modo a sexualidade de uma pessoa por meio da coerção por outra pessoa, independentemente da relação desta com a vítima, em qualquer âmbito, incluindo o lar e o local de trabalho. (OMS, 2018).

Crianças e adolescentes são muitas vezes as vítimas mais vulneráveis neste cenário devido ao seu desenvolvimento físico e mental ainda estarem em processo de grandes transformações. A violência sexual é classificada como uma grave violação dos direitos humanos universais, que afeta a integridade física e mental tanto das crianças como dos adolescentes e viola princípios básicos como o respeito, a dignidade humana, a moralidade e a proteção integral destas pessoas.

A violência sexual contra crianças e jovens pode ser definida como uma situação em que a vítima é utilizada como objeto e forçada a realizar um ato sexual para a satisfação sexual de outra pessoa (SPAZIANI; VIANNA, 2020). Isto pode manifestar-se de diferentes formas, incluindo carícias, envolvimento em atividades sexuais (conversas, pornografia, filmes eróticos), penetração (oral, anal ou genital), prostituição e tráfico de crianças e jovens para exploração sexual (APAV, 2011).

Segundo Catarino e Almeida (2017), o abuso sexual infantil assume diferentes formas e pode manifestar através do contato físico ou até mesmo sem contato físico direto algum. Essas distintas manifestações tornam este tipo de violência particularmente difícil de detectar, porque normalmente não deixa vestígios físicos visíveis em locais facilmente identificáveis. Outro fator que dificulta a identificação de casos de violência sexual infantil está relacionado com as dificuldades que as crianças e os jovens enfrentam quando tentam expressar-se sobre o abuso, porque muitas vezes são ameaçados pelo agressor, que os manipula para manter o incidente em segredo (CATARINO; ALMEIDA, 2017).

A violência sexual contra crianças e adolescentes pode ocorrer em diferentes contextos e é geralmente dividida em violência intrafamiliar e extrafamiliar. Na violência intrafamiliar, os atos violentos e abusivos são cometidos por membros da própria família da vítima, por pessoas em quem a vítima confia e com quem ela tem laços familiares ou socioafetivos, sendo que os agressores sexuais podem incluir pais, outros membros da família ou parentes próximos (APAV, 2011). Já a violência extrafamiliar é cometida por pessoas que não fazem parte da família da criança ou adolescente, podendo ser pessoas desconhecidas da vítima ou da família, bem como pessoas que possam conviver e interagir de alguma forma com a criança ou adolescente, como se fosse um amigo da família (APAV, 2011).

A violência sexual contra crianças e adolescentes pode se manifestar em duas formas distintas: o abuso sexual e a exploração sexual. O abuso sexual envolve a exploração da sexualidade desse grupo etário com ações de natureza sexual, cometido muitas vezes por alguém em quem a vítima confia e que faz parte do seu círculo social, podendo acontecer tanto dentro quanto fora do ambiente familiar (MORESCHI, 2018).

O agressor sexual utiliza geralmente estratégias para esconder o abuso, incluindo convencer a vítima de que acariciar é uma expressão de carinho, oferecer recompensas materiais, enganar a vítima com mentiras, e em casos extremos pode sequestrar e abusar sexualmente ou permitir que outros façam o abuso (APAV, 2011). Em muitos casos essas vítimas são responsabilizadas pelo agressor, que as convencem de que elas queriam ser abusadas, fazendo com que as vítimas sintam vergonha e culpa, ou como se tivessem traído o próprio corpo (DIAS, 2007).

Na exploração sexual de crianças e adolescentes, ocorre a utilização sexual para fins comerciais e lucrativos e muitas vezes envolve um recrutador agindo como intermediário para obter lucro de clientes, ou envolve a produção de conteúdo pornográfico, como vídeos, fotografias, filmes e sites para postar na internet, assim como o tráfico para fins de exploração sexual e o turismo com motivação sexual (MORESCHI, 2018).

O debate sobre o autor do abuso ou exploração sexual tende a se concentrar principalmente nos homens, no entanto é importante destacar que as mulheres também podem ser agressoras sexuais. Contudo, é importante notar que as estatísticas geralmente não fornecem números relevantes sobre o envolvimento de mulheres em crimes sexuais, apesar de não haver muita divulgação sobre o assunto.

Segundo dados da Fundação Abrinq do ano de 2020, cerca de 3.381 pessoas do sexo masculino e menores de 19 anos foram violentadas sexualmente, e no caso do sexo feminino quantitativo expressivamente maior, chegando ao equivalente a 25.231 casos. No Brasil, estima-se que uma em cada três ou quatro meninas sofra abuso sexual até os 18 anos de idade, enquanto para os meninos, um em cada seis ou dez meninos da mesma faixa etária sejam abusados sexualmente (SANTOS, 2020).

Esse baixo índice de denúncias de abuso sexual sofrida pelos meninos pode ser atribuído aos padrões de gêneros culturais impostos na sociedade, onde o homem deve saber se defender e serem fortes. Além disso, são incentivados desde cedo a terem relações sexuais com mulheres, assim no contexto da violência sexual de um homem com um menino é muitas vezes visto como uma fonte de discriminação e comentários sexistas e homofóbicos, criando um ambiente onde os meninos se

sentem incapazes de denunciar o abuso sexual com medo de serem julgados estigmatizadas (SPAZIANI; VIANNA, 2020).

De acordo com esses autores as meninas são mais frequentemente vítimas de violência sexual devido às normas de gênero que orientam a criação dos meninos para exercerem o poder e terem seus desejos aceitos, enquanto as meninas são orientas a serem obedientes e frágeis.

A escola geralmente é o local mais comum para a divulgação espontânea da violência sexual contra crianças e jovens, principalmente pelo fato de que eles passam a maior parte do tempo neste ambiente, e ao estabelecer referencias positivas durante este período seja com professores, colegas e outros membros, acaba propiciando um ambiente seguro (CREPOP, 2020).

O ambiente educacional é um local onde devem ser desenvolvidas iniciativas e ações educativas e de sensibilização com o objetivo de capacitar crianças e jovens para o fortalecimento da autodefesa (PAIXÃO; DESLANDES, 2010). A Educação Sexual cria um ambiente seguro e gratuito que permite aos alunos se comunicarem abertamente com pais e educadores e oferece proteção contra ameaças potenciais (MEYER, 2017).

Dentro da Educação Sexual é essencial o educador "[...] esclarecer para a criança o significado da violência sexual, avaliando sua capacidade de identificá-la e evitá-la, além de fornecer orientações sobre as medidas a serem tomadas diante de uma ameaça de violência" (SPAZIANI, 2013, p. 46). Essas práticas não afetam apenas o presente, mas também o futuro, pois essas lições permanecerão com a criança e adolescente por toda a vida, é importante que todos entendam claramente que seu corpo lhe pertence, e que cada um tem o direito de aceitar ou não toque de outras pessoas.

Toda a responsabilidade não pode ser atribuída apenas para a educação, mas sem dúvida o valor das suas contribuições, como ensinar, ouvir, observar e prestar atenção às palavras escritas, aos desenhos, é crucial para a compreensão da realidade dos estudantes que apresentem alguma evidência significativa de que sofra algum tipo de abuso sexual (IBIAPINA; ROCHA, 2013).

No entanto, é importante que os profissionais da educação estejam devidamente preparados para lidar com a situação através de formações continuadas voltadas para a Educação Sexual, pois isso permite abordar temas relacionados com o sexo numa perspectiva multidisciplinar que atenda às necessidades reais dos alunos e garanta o acesso conhecimento seguros (ZERBINATI; BRUNS, 2017).

Neste contexto, é dever da escola, família, políticas públicas e de toda a sociedade educar as crianças e adolescentes sobre a importância da segurança pessoal na prevenção primária do abuso sexual infantil. Isto requer a promoção da sexualidade saudável e a educação dos jovens para identificar potenciais abusadores, incluindo a análise comportamental e a determinação de indicadores de possíveis agressores, sendo importante que todas estas unidades trabalhem em conjunto para garantir a eficácia destas medidas preventivas.

3.5 Diversidade sexual na escola: Uma abordagem multidimensional

A escola não é apenas um espaço de acumulação de conhecimentos, mas também influencia a formação de opinião e comportamento, desempenhando um papel fundamental na formação ética e na promoção da compreensão das diversidades que afeta diretamente a integração dos alunos na sociedade. A escola quando ignora as diferenças, esta contribui para a perpetuação da desigualdade social, o que pode deixar os alunos em situação de desamparo e fazê-los buscar referências em grupos marginalizados (RAFART, 2020).

A relação entre escola e diversidade sexual é complexa e exige uma abordagem multidimensional, pois envolve questões estruturais, curriculares e de poder. No entanto, abordar essas temáticas nas escolas é importante a fim de garantir o respeito e a igualdade de oportunidades para todos os alunos. De acordo com Seffner (2009, p. 132), ao discutir o papel da escola, ele ressalta que a escola

> É o local onde os alunos podem aprender de forma intensa a negociar as regras de convívio em espaços públicos, conhecimento que será necessário até o fim da vida. O estigma e a discriminação são barreiras à construção da cidadania plena de qualquer indivíduo. Não devem, portanto, ser admitidos no espaço escolar. Isto não vale apenas para os indivíduos que apresentam orientação sexual diferente daquela tida como “normal”.

Portanto, a escola não pode ser considerada como um ambiente de exclusão, mas sim um espaço de liberdade e respeito, onde são criadas e reforçadas inúmeras regras de convivência, cruciais para a convivência em uma sociedade democrática onde todos os indivíduos são considerados iguais perante a lei.

Nesse sentido, para garantir o pleno desenvolvimento de cada indivíduo, a escola deve ser capaz de lidar com a diversidade em todas as suas dimensões. Nessa perspectiva, para aprofundar este tema, é necessário analisar e distinguir quatro aspectos inter-relacionados da sexualidade: sexo, gênero, orientação sexual e identidade de gênero (CUNHA, 2020). O sexo se refere as características físicas, enquanto no gênero, são analisadas as expressões socioculturais, já a orientação sexual refere-se à atração sexual, enquanto a identidade de gênero refere-se à percepção que um indivíduo tem de seu gênero, independentemente do sexo atribuído no nascimento (CUNHA, 2020).

Aprofundando-se na orientação sexual, há heterossexuais que se sentem atraídas por pessoas do gênero oposto, homossexuais que se sentem atraídos por pessoas do mesmo gênero, bissexuais que sentem atração por pessoas de diferentes identidades de gênero sem se limitarem ao gênero em si, pansexuais que não têm restrições de gênero em sua atração e assexuais que não experimentam atração sexual por nenhum gênero (CIASCA; HERCOWITZ; JUNIOR, 2021).

Mota e Francisco (2018) destacam que esse grupo é particularmente vulnerável a agressões verbais e físicas no ambiente educacional. Neste ambiente, a homofobia se destaca como uma das formas mais evidentes de violência contra a diversidade de gênero, como apontado por Moraes, Junior e Luckow (2017 p. 3), ao afirmarem que “o preconceito em relação ao gênero e diversidade sexual, expresso por meio da LGBTfobia, tem sido responsável pela exclusão de diversos jovens e adolescentes do ambiente escolar, privando-lhes do acesso a um direito básico: educação”. Isto acontece porque as diferenças de sexo, gênero e orientação sexual não são compreendidas, o que cria um ambiente propício ao preconceito e à discriminação, levando a muitas formas de violência contra essas pessoas, somente pelo fato de não se encaixam nas normas tradicionais de identidade.

Junqueira (2019) argumenta que a chamada "ideologia de gênero" não se trata de promover a homossexualidade ou destruir a família e a sociedade, como afirmam

seus críticos, mas sim uma ideologia que envolve a luta contra o machismo, sexismo, misoginia, heterossexismo, transfobia e visões religiosas moralistas que se opõem à perspectiva de gênero nas políticas públicas. A escola e outras instituições não têm o poder de alterar a orientação sexual de crianças e adolescentes, seu papel é educar sobre a existência de diversas estruturas familiares e promover o respeito por todas elas, sem fazer julgamentos das diversas realidades que compõem nossa sociedade.

Dentro das escolas é importante criar espaços de diálogo sobre essas temáticas, onde novos significados serão construídos, permitindo questionar, debater e negociar perspectivas, abrindo novas oportunidades de desenvolvimento (PAULA; BRANCO, 2022). É no diálogo que se desenvolve novas ideias, emoções e reflexões críticas, que são importantes para questionar preconceitos e valores historicamente enraizados sobre a diversidade sexual, permitindo que as pessoas se identifiquem com diferentes grupos e compreendam melhor essas identidades.

A escola também pode estabelecer parcerias com organizações e especialistas externos que possuem conhecimento sobre o tema ou convidar profissionais capacitados para ministrar palestras e workshops, de modo a facilitar o diálogo e a abordagem adequada dessas questões (SEFFNER, 2009). Também é importante desenvolver projetos educacionais que tratam temas relacionados à diversidade de gênero e tragam visibilidade a esse tema, levando em consideração as preocupações e dúvidas dos estudantes, evitando uma abordagem moralista (BRITZMAN, 2013). Outro ponto relevante é a inclusão das famílias no processo educativo, uma vez que muitas delas têm falta de conhecimento sobre o assunto e evitam discutir sexo e sexualidade com seus filhos (SEFFNER, 2009).

Uma pesquisa da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Intersexos (ABGLT, 2016) revela que, muitas vezes, essas questões não são abordadas nas salas de aula, e é crucial mudar esse cenário. Essas ações visam criar um ambiente escolar mais inclusivo e educativo, promovendo o respeito à diversidade sexual e o entendimento das questões relacionadas.

Furlani (2011) destaca a abordagem da Educação Sexual, que deve além de fornecer conhecimento sobre mudanças corporais dos meninos e meninas, incluindo nomenclatura científica e pluralidade, destaca-se a importância de ultrapassar essa abordagem, e enfatiza a necessidade de demonstrar, problematizar e discutir

questões sexistas, visando eliminar expressões discriminatórias como "isso é coisa de homem" ou "isso é coisa de mulherzinha", englobando discussões críticas sobre gênero e combatendo estereótipos que possam discriminar ou inferiorizar os indivíduos.

De acordo com Furlani (2011, p. 97), faz-se crucial uma apresentação dos vários modelos familiares, pois

> Numa educação sexual que busca problematizar a exclusão de diferentes identidades, é preciso incluir na discussão outras formas familiares, mesmo que elas não apareçam espontaneamente na fala das crianças. Por exemplo, mencionar as famílias onde a/o “chefe” – ou pessoa de referência – não é um homem; famílias com mulheres (e/ou homens) solteiras/os com filhos/as; famílias com filhas/os agregada/os de diferentes casamentos; famílias com filhos/as adotados/as; famílias constituídas por mulheres ou homens homossexuais com filhas/os legítimos ou filhos/as adotados/as; famílias onde os/as avós moram junto, etc.

Educação Sexual busca fomentar o respeito às diferenças de gênero, sexualidade, raça e etnia, contribuindo para uma convivência mais harmoniosa em uma sociedade diversa e recentemente legitimada. É crucial salientar que o objetivo da Educação Sexual não é instigar escolhas precoces ou antecipar a vida adulta, mas está vinculada à identificação, descoberta e autoconhecimento, oferecendo às crianças e adolescentes a sensação de pertencimento na sociedade em que vivem.

3.6 Práticas e Estratégias na Educação Sexual no Ensino Fundamental II

Por meio de análises de trabalhos sobre práticas em sala de aula voltadas para a educação sexual no Ensino Fundamental II, podem ser encontrados alguns trabalhos e estudos relacionados a essa temática.

A pesquisa de Nogueira (2012) envolveu alunos do 8° ano do Ensino Fundamental, professores e profissionais de saúde de unidades básicas próximas às escolas, abordando a elaboração de uma estratégia educativa com o propósito de estabelecer um espaço de diálogo entre adolescentes, profissionais da saúde e educadores. A metodologia incluiu um questionário semiestruturado e participação de oficinas psicossociais, os resultados destacaram a eficácia das estratégias educativas baseadas no diálogo, vínculo, escuta ativa e acolhimento.

Nuncio e colaboradores (2016) descrevem um projeto desenvolvido com alunos do 7° ao 9° ano, com a proposta de abordar a temática da orientação sexual de forma contextualizada e interdisciplinar, associando a outras temáticas como drogas, alcoolismo, homofobia, violências e mídia X consumo. A metodologia incluiu a aplicação de questionários para identificar o interesse dos alunos, atividades práticas, dinâmicas de grupo e discussões sobre diversos temas relacionados à adolescência, sexualidade, influência da mídia, relacionamentos, gravidez na adolescência, infecções sexualmente transmissíveis e drogas. O projeto recebeu avaliação positiva dos alunos, destacando sua relevância na promoção de escolhas saudáveis e na formação integral dos jovens, promovendo a reflexão crítica e autônoma.

Queiroz e colaboradores (2017) realizam pesquisas com 30 adolescentes do 8º e 9º anos, envolvendo ações educativas sobre saúde sexual e contracepção, utilizando abordagem descritiva com base na pesquisa-ação. A coleta de dados ocorreu por meio de rodas de conversas e oficinas. Na prática desenvolvida muitas dúvidas e questionamentos foram expressos, indicando a necessidade de esclarecimentos e reflexão sobre a prevenção da gravidez e utilização de contraceptivos, revelando a eficácia de métodos participativos na promoção do conhecimento e na redução de dúvidas entre os adolescentes.

Piccin e colaboradores (2017), trabalharam com adolescentes do 6° ano do ensino fundamental, com idades entre onze e quinze anos, que participaram por meio do Projeto de Extensão "Adolescer", na construção do conhecimento e compartilhamento de experiências, por meio do método adotado baseado na metodologia participativa, onde foram realizados vários encontros abordando temas como sexualidade, drogas, redes sociais e violência contra a mulher, que propiciaram momentos de reflexão através de rodas de conversa e atividades dinâmicas, contribuindo para a promoção e prevenção à saúde em locais de vulnerabilidade social.

Figueredo, Tavares e Silva (2018) trabalharam com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental e abordaram a sexualidade humana, buscando investigar a viabilidade de um ensino voltado para a construção de conceitos científicos sobre o tema. A pesquisa utilizou estratégias como dinâmicas, vídeos e leituras para promover a reflexão e o conhecimento dos alunos sobre a sexualidade na adolescência. Os resultados destacaram a importância de abordar abertamente o tema na escola,

visando orientar os jovens a se prevenir, e recomendando a continuidade de práticas pedagógicas sobre sexualidade, com o suporte de profissionais da área de saúde.

Carvalho e Silva (2018) descrevem o desenvolvimento e análise de uma sequência didática sobre sexualidade e afetividade desenvolvida com alunos dos anos finais do ensino fundamental. A metodologia incluiu estratégias para auxiliar os professores no tratamento do tema, promovendo reflexão e diálogo. A participação ativa dos alunos foi essencial, ao analisar os resultados entra em destaque as interações entre professora/alunos e alunos/alunos, evidenciando a importância da comunicação na reflexão e compreensão do tema.

Santos (2019) descreve uma pesquisa com alunos de 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental que participaram de uma investigação da realidade da Educação Sexual, a partir do desenvolvimento de um projeto chamado "Falando de Sexo", abordando temas biopsicossociais, como desenvolvimento físico, conflitos adolescentes e diversidade. A pesquisa revelou que os adolescentes são inseguros e desinformados sobre sua sexualidade, buscando informações principalmente com amigos e na internet, assim, ao trabalhar com o tema na escola proporciona aos estudantes autoconhecimento, respeito à diversidade e mitigação de problemas sociais.

Lopes (2019) descreve uma atividade realizada no 8º ano do Ensino Fundamental, que abordou temáticas como sexualidade, gênero, diversidade, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência. O artigo destaca a importância de abordar esses assuntos na escola, mesmo com as resistências. O método incluiu apresentação teórica, debates, demonstrações ilustrativas de métodos contraceptivos e uma caixa de perguntas anônimas. O autor conclui que os alunos se tornaram mais autônomos e participativos nas discussões, evidenciando a relevância da escola como espaço de socialização e formação para a Educação Sexual.

Barbosa e colaboradores (2020) envolveram alunos do 6º ao 9º ano, onde foi abordado preocupações de adolescentes sobre sexualidade, destacando a importância da Educação Sexual escolar. Os resultados indicaram que dúvidas sobre doenças e AIDS foram comuns, assim como o medo de doenças e gravidez precoce,

a influência de aspectos emocionais e sociais na vivência da sexualidade foi destacada.

Franco, Marinho e Silva (2020), desenvolveram no 8º ano do Ensino Fundamental, integrada à disciplina de ciências, aulas voltadas para o estudo dos órgãos genitais, com o objetivo de promover a Educação Sexual. A prática desenvolvida possibilitou ampliar a compreensão dos temas relacionados à sexualidade, desconstruir discursos e práticas socialmente normalizadas, ressaltando a importância da inclusão de temas como corpo, gênero e sexualidade nos currículos de graduação, com o objetivo de formar profissionais qualificados para trabalhar esses temas.

Os trabalhos mencionados trataram de diferentes perspectivas e estratégias em relação à Educação Sexual nas escolas, enfatizando a promoção de um diálogo aberto sobre sexualidade, saúde sexual e reprodutiva com os jovens. As estratégias pedagógicas variam, incluindo métodos inclusivos, interdisciplinares e contextuais baseados no diálogo, inclusão e escuta ativa, onde todos enfatizam o quanto a promoção de uma compreensão mais ampla da sexualidade pode incentivar os estudantes a serem críticos e reflexivos, revelando a importância da Educação Sexual em todas as fases do desenvolvimento auxiliando na formação integral deste aluno.

Na maioria das práticas desenvolvidas no Ensino Fundamental II pode ser observado que as abordagens sobre Educação Sexual são voltadas para o 8º ano, visto que o conteúdo específico de reprodução humana é contemplado apenas no currículo dessa série. Esse engessamento do currículo limita o trabalho do professor em desenvolver a temática em outras séries do Ensino Fundamental II, e impacta na forma como a Educação Sexual é tratada que geralmente se restringe apenas em aspectos biológicos, negligenciando outras abordagens muito mais amplas sobre o tema que estão presentes no cotidiano dos estudantes.

Nesse contexto seria relevante realizar uma revisão no currículo escolar atual, com o objetivo de incluir conteúdos relacionados a Educação Sexual em todas as séries do ensino fundamental II, permitindo com que os professores façam adaptações de suas práticas educativas de acordo o nível de maturidade dos alunos dos diferentes anos de escolaridade, o que promoveria uma Educação Sexual mais ampla, e acompanhasse à complexidade do desenvolvimento dos alunos.

3.7 Ensino por investigação e alfabetização científica

A implementação das metodologias ativas tem se destacado de forma positiva, uma vez que se baseia no princípio do protagonismo e autonomia do aluno (ALMEIDA *et al*., 2006). Nesse sentido, é fundamental que o trabalho pedagógico seja orientado para a criação de situações de aprendizagem onde o aluno seja colocado no centro do processo, permitindo-lhe agir, analisar e relacionar os conhecimentos adquiridos com os conhecimentos já existentes (SUNG *et al.,* 2017).

Nesta perspectiva as atividades investigativas proporcionam aos alunos um ambiente seguro para expressarem seus pontos de vista com argumentos próprios, que se desenvolvem a partir das hipóteses e soluções geradas durante a investigação (MARTINS, 2015). Através de intervenções didáticas investigativas, os professores têm a oportunidade de criar condições propícias para a argumentação, permitindo interações entre alunos e professores ao longo do processo de investigação (SASSERON, 2013).

Para Carvalho (2016), o Ensino por Investigação deve ser realizado em um ambiente investigativo, permitindo que o professor atue como mediador, orientando os alunos no processo de trabalho científico, expandindo progressivamente sua cultura e linguagem científica, além de construir novos conhecimentos. A implementação dessa abordagem investigativa pode ser um desafio para o professor, pois ele deixa de ser um mero transmissor de conteúdo e passa a ser o mediador do processo educativo. Carvalho (2013) destaca que nenhuma mudança educacional será bem-sucedida sem a disposição do corpo docente em aceitar e aplicar essa nova proposta de ensino.

O ensino por investigação é caracterizado por atividades baseadas em situações relacionadas ao cotidiano dos alunos. Inicialmente, incentiva-se a formulação de hipóteses relacionadas ao problema proposto, seguida pela busca por informações e análise dos dados para encontrar uma solução, a discussão dos

resultados ocorre tanto entre os alunos como com a mediação ativa do professor no processo de ensino-aprendizagem (CARVALHO, 2013).

Sasseron (2015, p. 59) afirma que “uma sequência de ensino investigativa é o encadeamento de atividades e aulas em que um tema é colocado em investigação e as relações entre esse tema, conceitos, práticas e relações com outras esferas sociais e de conhecimento possam ser trabalhados”. Ao levar em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, o professor cria uma base sólida para a construção de novos conhecimentos, quer através da adaptação de estruturas mentais existentes, podem ser formadas novas estruturas cognitivas.

A implementação de estratégias pedagógicas investigativas pode gerar um impacto positivo no ensino da Educação Sexual, contribuindo também para o desenvolvimento da alfabetização científica. Segundo Sasseron e Carvalho (2011), a alfabetização científica visa à formação cidadã dos estudantes, capacitando-os a administrar e aplicar o conhecimento científico em benefício de outras pessoas, da sociedade e do meio ambiente.

Sasseron e Machado (2017), afirmam que o indivíduo alfabetizado cientificamente não necessita ter conhecimento sobre todas as áreas das ciências, mas deve possuir entendimento suficiente em diversos campos científicos e compreender como esses estudos se convertem em avanços para a sociedade. Dessa forma, quando o aluno se depara com uma situação problema, é essencial que ele possua informações e busque-as com rigor científico para encontrar respostas e métodos de solução adequados para resolver a questão apresentada.

A abordagem de Alfabetização Científica visa um ensino de ciências que não apenas transmite noções e conceitos científicos, mas também incentiva os alunos a participarem ativamente na prática científica, isso envolve confrontá-los com problemas reais nos quais a investigação é crucial para a resolução, conforme destacado por Sasseron e Carvalho, 2008, p. 336).

> É preciso também proporcionar oportunidades para que os alunos tenham um entendimento público da ciência, ou seja, que sejam capazes de receber informações sobre temas relacionados à ciência, à tecnologia e aos modos como estes empreendimentos se relacionam com a sociedade e com o meio-ambiente e, frente a tais conhecimentos, sejam capazes de discutir tais informações, refletirem sobre os impactos que tais fatos podem representar e levar à sociedade e ao meio ambiente e, como resultados de tudo isso, posicionarem-se criticamente frente ao tema.

Em concordância com essa perspectiva, Chassot (2003) destaca que a alfabetização científica implica em ter a habilidade de ler a linguagem na qual a natureza está escrita, e aquele que não é capaz de realizar essa leitura do universo é considerado um analfabeto científico, o autor ressalta ainda que a alfabetização científica pode fortalecer estratégias que promovam uma educação mais comprometida, permitindo aos alunos compreenderem as ciências e, dessa forma, melhor entenderem as manifestações do universo e do mundo em que vivem, podendo despertar neles a consciência de transformar a realidade em que vivem para algo melhor a todos.

Para que as atividades investigativas e a argumentação sejam eficazes na promoção da Alfabetização Científica, a interação entre professor, aluno, materiais e informações é de extrema importância, visto que o envolvimento dos estudantes é crucial para gerar aprendizado (SASSERON, 2015). O professor desempenha um papel fundamental neste processo, uma vez que ele deve incentivar e auxiliar seus alunos na formulação de hipóteses, manter o foco no objetivo central, e criar atividades que permitam aos alunos compreender claramente o que estão fazendo e por que o estão fazendo (CAMPOS; NIGRO, 2009).

Conforme abordado por Carvalho (2013), a estratégia do ensino por investigação pode ser desenvolvida por meio de uma Sequência de Ensino Investigativo que se inicia com a introdução de um problema, que pode ser de natureza experimental ou teórica, contextualizado de forma a envolver os estudantes no tema de interesse, fornecendo condições necessárias para que os alunos desenvolvam o pensamento crítico e interajam com as variáveis relevantes das características científicas, que constituem o núcleo do conteúdo programático. Essa Sequência de Ensino Investigativo é subdividida em três etapas fundamentais: 1) apresentação do problema, 2) atividade de sistematização do conhecimento construído e 3) contextualização desse conhecimento, muitas vezes aprofundando ainda mais o assunto.

Dessa forma, é importante ressaltar que a problematização estabelece uma conexão entre a realidade vivida pelos alunos e o conhecimento científico, promovendo uma reflexão crítica sobre ambos, conforme ressaltado por Sasseron e Machado (2017), é o estímulo à curiosidade. Para despertar um interesse maior nos estudantes, as temáticas propostas devem estar relacionadas com o contexto social,

cultural, econômico, político e da vida cotidiana dos alunos, com o objetivo de preparar os alunos para os desafios da vida, dando-lhes a oportunidade de desenvolver o pensamento crítico, expressar as suas opiniões e discutir questões que afetam diretamente o ambiente em que estão inseridos.

A aplicação de uma sequência didática investigativa no contexto da Educação Sexual, combinada com abordagens de aprendizagem ativa, desempenha um papel importante na mitigação de comportamentos de exclusão, preparando os jovens não apenas para adquirir conhecimento, mas também para se tornarem agentes conscientes na tomada de decisões relacionadas à sua sexualidade (CABRAL; BRANDÃO, 2020).

4 PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 Caracterização da pesquisa

A proposta metodológica deste trabalho baseia-se numa abordagem qualitativa que é particularmente empregada para situações de pequenos grupos populacionais, onde se pretende aprofundar conhecimentos, interpretar significados, narrar situações e descrever processos culturais e/ou institucionais (EITERER; MEDEIROS, 2010). De acordo com Minayo e colaboradores (2009), a pesquisa qualitativa aborda questões específicas e concentra-se em aspectos da realidade que não podem ser quantificados, explorando o domínio dos significados, motivos, valores e atitudes que não podem ser reduzidos a uma simples manipulação de variáveis.

O tipo de pesquisa adotado é a pesquisa-ação, que é um tipo de pesquisa na qual pesquisadores e sujeitos da pesquisa se relacionam de forma colaborativa, e cujo objetivo é realizar alguma ação ou tentar resolver problemas e fornecer os direcionamentos necessários para atingir o objetivo proposto inicialmente pelos participantes do estudo (THIOLLENT, 1995).

Na pesquisa-ação, os pesquisadores deixam de ser simples informantes para se tornarem participantes ativos na construção do conhecimento, o pesquisador

assume o papel de ativista em defesa dos grupos marginalizados e propõe ações para enfrentar e solucionar os problemas identificados durante a pesquisa (NEVES, 2006). Nessa perspectiva essa pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de incentivar os participantes a refletirem e dialogarem sobre a necessidade de transformações no ensino da Educação Sexual na instituição em questão e na comunidade em que vivem.

Essa pesquisa se caracteriza por ser de natureza descritiva, que segundo a opinião de Gil (2008, p. 28):

> As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. Esse tipo de pesquisa busca descrever os detalhes de uma determinada população ou fenômeno.

Assim, foi realizado a descrição dos fatos observados com base nas anotações registradas no diário de bordo, das observações das aulas, rodas de conversas, conversas informais com os estudantes, gravação de áudios através de um gravador de voz, fotodocumentação preservando a identidade dos participantes, questionários e transcrição de entrevistas que foi realizada pela pesquisadora, respeitando as principais falas.

4.2 Local e participantes da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, localizada em um distrito no interior da cidade de Boa Esperança – ES, sendo a agricultura a principal fonte de renda dessa comunidade. Para a realização da pesquisa foi solicitada a autorização da Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo, na qual a aprovação foi concedida por meio de e-mail, permitindo a execução do projeto nas dependências da escola (ANEXO A).

Nessa escola, a pesquisadora ocupa o cargo de docente e ministra aulas nas disciplinas de Ciências e Biologia. Devido à natureza da pesquisa envolvendo seres humanos foi solicitada a autorização junto ao Comitê de Ética e Pesquisa em seres

humanos do Centro Universitário Norte do Espírito Santo para a realização da pesquisa, sob número de aprovação CAAE 68228423.1.0000.5063 (ANEXO B).

Participaram da pesquisa um grupo de 13 estudantes do 8° ano do Ensino Fundamental do turno vespertino, com idade entre 12 e 15 anos, a maioria residente na zona rural do distrito. Devido ao fato de serem todos menores de idade e visando atender aos princípios éticos, todos assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) e seus pais ou responsáveis também assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B).

A turma participante foi escolhida devido aos estudantes se encontrarem numa fase de desenvolvimento particularmente importante, onde começam a vivenciar mudanças importantes relacionadas com a puberdade e o desenvolvimento intelectual. Além disso, a maioria pertence a diferentes contextos familiares e sociais onde temas sensíveis e complexos relacionados sexualidade, como a violência, a prostituição e a falta de Educação Sexual são problemas comuns e não são discutidos com a atenção devida, reconhecendo o quanto é importante propor ações para enfrentar estas questões sociais complexas de forma sensível e direta.

4.3 Sequência de Ensino por Investigação

O Quadro 1 sintetiza as quatro etapas da Sequência de Ensino por Investigação, indicando a duração de cada momento e as abordagens norteadoras adotadas em cada etapa do projeto.

Quadro 1 – Cronograma das atividades propostas na Sequência de Ensino por Investigação.

Etapa	Duração	Atividades
1 **Ação norteadora sobre a Educação Sexual**	2 aulas de 50 minutos	● Roda de conversa para realizar a leitura e discussão da reportagem sobre educação sexual; ● Utilização de uma caixa de perguntas anônimas para explorar as curiosidades e dúvidas dos alunos sobre sexualidade; ● Organização das perguntas anônimas e construção de quatro roteiros investigativos.

2 Problematização e levantamento de hipóteses	1° Momento 2 aulas de 50 minutos	● Utilização do aplicativo "App Sorteos" para divisão dos estudantes em quatro grupos; ● Discussão entre os grupos sobre seu respectivo roteiro investigativo, para levantamento de hipóteses e sugestões.
	2° Momento 2 aulas de 50 minutos	● Roda de conversa no jardim da escola para apresentação e discussão coletiva das problemáticas e sugestões propostas pelos grupos.
3 Investigação	2 aulas de 50 minutos	● Disponibilização da lista de links para pesquisa aos estudantes; ● Desenvolvimento da investigação em grupo; ● Convite para entrevistar as especialistas (enfermeira e psicóloga); ● Elaboração dos roteiros de entrevista.
	2 aulas de 50 minutos	● Realização de entrevistas com especialistas da área da saúde.
4 Conclusão da sequência investigativa	1 aula de 50 minutos	● Roda de conversa para socialização do processo investigativo.
	1 aula de 50 minutos	● Aplicação de questionário individual aos estudantes para avaliação e coleta de feedbacks.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.3.1 ETAPA 1 - Ação norteadora sobre a Educação Sexual

A primeira etapa teve como objetivo a coleta de informações preliminares e construção das problemáticas para a proposta investigativa que seria realizada posteriormente, proporcionando um ambiente informal, que favorecesse a interação e a troca de conhecimentos entre os estudantes e a professora.

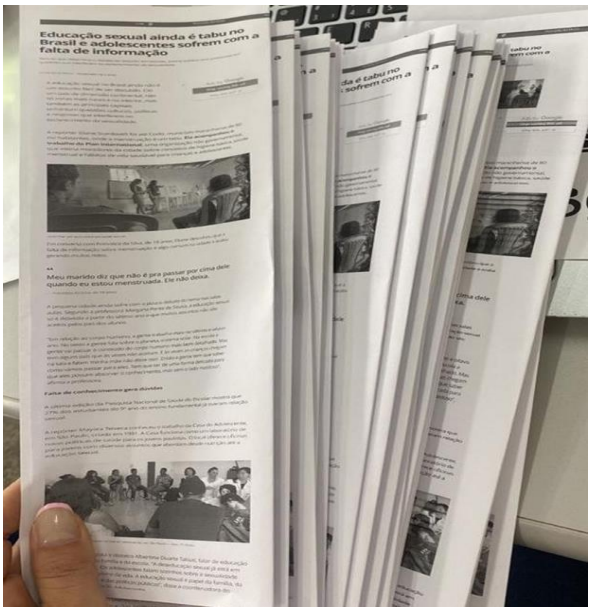
Para dar início a essa etapa, a professora conduziu os alunos a uma sala de jogos presente na escola, e os orientou a se sentarem em círculo nos tatames de EVA espalhados no chão formando uma roda de conversa. No centro, a professora colocou uma caixa de perguntas e sugestões com a seguinte indagação: “O que você tem mais curiosidade ou gostaria que fosse discutido sobre sexualidade?”. Na sequência

apresentou e explicou a eles que seria utilizada a caixa de perguntas anônimas ao final daquela etapa.

Após a organização do espaço e de esclarecimento de dúvidas, foi entregue a cada estudante um recorte impresso da reportagem “Educação sexual ainda é tabu no Brasil e adolescentes sofrem com a falta de informação” (MOLICA, 2019) (ANEXO C). Foi realizada uma leitura colaborativa, na qual os estudantes foram incentivados pela professora a apontar, de forma coletiva, dúvidas, curiosidades e inquietações em seu contexto escolar e social sobre a temática.

Esta reportagem foi escolhida por ter uma linguagem simples, clara e objetiva, além de discutir uma diversidade de temas que envolve a sexualidade, como aspectos gerais sobre a Educação Sexual nas escolas brasileiras, destacando a falta de informação dos adolescentes sobre as funções fisiológicas do corpo humano e seus mitos, o currículo escolar e o desconforto dos professores e responsáveis em discutir o tema, a pressão sofrida pelos adolescentes com relação a regras impostas ao gênero, preconceito e saúde sexual (Figura 01).

Figura 01: Reportagem sobre “Educação sexual ainda é tabu no Brasil e adolescentes sofrem com a falta de informação.



Fonte: Imagem do acervo da autora.

Ao final do debate coletivo foi solicitado aos alunos que escrevessem em um recorte de papel, sem identificação, perguntas e sugestões a respeito da indagação inicial apresentada na caixa, e informado que, ao término da escrita, todos os alunos

deveriam devolver os papéis dobrados à caixa, mantendo o anonimato. Ao término da aula a professora abriu a caixa e realizou a leitura e análise das perguntas e sugestões colocados pelos alunos, categorizando-as por temas semelhantes (Quadro 2).

Quadro 2: Perguntas e sugestões organizadas por temas.

TEMAS DOS ROTEIROS INVESTIGATIVOS	PROBLEMÁTICAS
Educação sexual	*"Por que muitos seres humanos são desprovidos de bom senso e sabedoria para compreender os assuntos que envolvam sexualidade?"* *"Eu gostaria que os professores falassem e explicassem sobre sexualidade, pois muitos alunos têm vergonha"* *"De confiar no seu filho para conversar"* *"Por que o homem também sofre machismo?"* *"E porque aqui na escola quando chega absorvente; a "fulana "fala q tem q ir buscá-los com bolsa; acabamos incentivando essa ideia de que menstruação é tabu e que a mulher tem que esconder."*
Violência sexual e valorização da mulher	*"Acho que deveria ser falado mais sobre o abuso sexual"* *"Como contar para os filhos de 7,8,9 anos sobre a questão do abuso?"* *"Sobre consentimento, pois as vezes as pessoas acham que são obrigadas a fazer o que seu parceiro quer mesmo sem vontade, por ele(a) serem namorados /estarem juntos"* *"Eles poderiam. Eu acho que os meninos têm que dar valor às mulheres e aprender porque isso é feio para os meninos. E aprender que não é fácil engravidar e ter filhos."* *"O contato dos homens deveria ser diferente em relação às mulheres?"* *"Que devem valorizar mais as mulheres e não só por sexo."*
Sistema reprodutor e ISTs	*"Como os espermatozoides se formam no homem?"* *"Como a menstruação das mulheres ocorre, e como se forma o espermatozoide?"* *"Por que a mulher tem seu emocional afetado pela menstruação?"* *"Como os espermatozoides se tornam humanos?"* *"Falar mais das doenças sexuais"*
Orientação sexual	*"O que é orientação sexual?"* *"Qual a diferença entre pan e bi?"* *"Falar um pouco mais sobre pessoas transsexuais"* *"Sobre orientação sexual"* *"É errado trocar de gênero"* *"Dúvidas entre pessoas bissexual e lésbica se ela e bi ou lésbica...?"* *"Tenho curiosidade de saber como tem pessoas que mudam de gênero?"*

Fonte: Elaborado pela autora.

As perguntas sugestões dos estudantes foram organizadas pelo professor em quatro roteiros investigativos distintos, com os seguintes temas: Educação sexual; Violência sexual e valorização da mulher; Sistema reprodutor e ISTs; Orientação

sexual. Cada um desses roteiros investigativos continha orientações para proporem soluções para os problemas identificados, e um espaço em branco para que pudessem descrever suas hipóteses, análises e reflexões, possibilitando uma compreensão mais clara dos principais temas e preocupações levantados pelos alunos (APÊNDICE C).

4.3.2 ETAPA 2 - Problematização e levantamento de hipóteses

PRIMEIRO MOMENTO - Em sala de aula a pesquisadora dividiu os estudantes em quatro grupos utilizando um aplicativo criador de equipes e grupos aleatórios chamado "App Sorteos" com o objetivo de promover a interação e a socialização entre os alunos, evitando que se formassem grupos fechados ou "panelinhas". Logo após, os grupos se reuniram e foi entregue a cada grupo um roteiro investigativo distinto, para realizarem questionamentos e levantamento de hipóteses, buscando soluções proporcionais para os problemas colocadas por eles, mediante seus conhecimentos prévios, sendo registradas por escrito no próprio roteiro, logo após as discussões.

SEGUNDO MOMENTO - Todos os grupos foram direcionados para o jardim da escola por ser um espaço que oferece uma atmosfera agradável e relaxante, e se organização em roda de conversa, para apresentar o que foi proposto em cada roteiro investigativo, onde cada grupo teve a oportunidade de discutir as hipóteses e sugestões levantadas por seus membros referente às problemáticas, além de receber contribuições e ideias dos demais colegas presentes.

4.3.3 ETAPA 3 - Investigação

Para a realização da investigação, a professora forneceu a cada grupo uma lista de links, com o objetivo de evitar o acesso a informações imprecisas ou fontes duvidosas, devido à sensibilidade dos temas abordados, o que poderia comprometer a qualidade e a validade da pesquisa através de informações inadequadas. Para conduzir a investigação, os alunos utilizaram recursos tecnológicos disponíveis na

escola, como Notebook, acesso à internet e seus próprios celulares como suporte para acessar os links disponibilizados.

Na temática Educação Sexual, os materiais enfatizaram a importância de uma abordagem abrangente sobre o assunto, o papel da família neste processo, a importância de incluir esta temática nas escolas, além de outros pontos relevantes.

No tema Violência Sexual e Valorização da Mulher, os links levaram a estatísticas alarmantes sobre o abuso e violência sexual sofrida por muitas crianças e adolescentes, e a uma discussão sobre a luta pelo respeito e valorização das mulheres, enfatizando a responsabilidade coletiva na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, livre de estereótipos e posições de poder.

Os vídeos sobre o tema Sistema Reprodutor e Infecções Sexualmente Transmissíveis abordaram diversos tópicos, desde avanços tecnológicos na reprodução até os impactos da COVID-19 no aparelho reprodutor, a importância do conhecimento sobre ISTs, incluindo HIV, e métodos contraceptivos para se prevenirem contra infecções e informar outras pessoas sobre o assunto.

Os vídeos sobre orientação sexual disponibilizaram dados de investigações demonstrando um número significativo de adultos que se identificam como homossexual ou bissexual, além de ressaltarem a importância de reconhecer e respeitar esta diversidade, sobre o aumento dos crimes de ódio, o desrespeito por parte de algumas pessoas e a necessidade de combater a homofobia.

Os materiais enfatizavam a importância de uma abordagem abrangente sobre o assunto, o papel da família neste processo, a importância de incluir esta temática nas escolas, além de outros pontos relevantes (Quadro 3).

Quadro 3 – Lista de links que a professora disponibilizou aos estudantes.

TEMA	LINKS PARA INVESTIGAÇÃO
Educação Sexual	● https://agenciaaids.com.br/noticia/muito-alem-do-sexo-especialistas-dizem-que-educacao-integral-em-sexualidade-contribui-para-uma-vida-mais-saudavel-entre-jovens/ ● https://www.youtube.com/watch?v=WzjfM3-mQ5A ● https://www.youtube.com/watch?v=sYC1RAeKw7w ● https://www.youtube.com/watch?v=qYqIi6zHd-E ● https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2019/03/educacao-sexual-em-casa-deve-comecar-respondendo-a-duvidas-veja-dicas-de-especialistas-cjta50xyr022u01k0hcni684a.html ● https://www.uol.com.br/vivabem/colunas/jairo-bouer/2022/07/08/brasileiros-

	querem-educacao-sexual-nas-escolas.htm
Violência sexual e valorização da mulher	• https://www.youtube.com/watch?v=wvbBA4d1XRQ • https://www.youtube.com/watch?v=h7zEYi1TkDM • https://www.youtube.com/watch?v=e5R0sQ9QWkM • https://www.agazeta.com.br/todaselas/uma-em-cada-5-adolescentes-ja-sofreu-abuso-sexual-no-es-diz-ibge-0921 • https://esbrasil.com.br/espirito-santo-ja-tem-1-600-crimes-contra-criancas-e-adolescentes-em-2022/#:~:text=Apesar%20dos%20esfor%C3%A7os%20para%20combater,de%20zero%20a%2019%20anos. • https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/especial-publicitario/bem-viver-em-minas/mulher-e-maternidade/noticia/2022/01/03/a-luta-pela-valorizacao-e-respeito-das-mulheres-e-responsabilidade-de-todos.ghtml
Sistema reprodutor e ISTs	• https://www.youtube.com/watch?v=ZO8NTiGVF7g • https://www.youtube.com/watch?v=WsMo1vJZmQk • https://www.youtube.com/watch?v=mhmcTP_rz2M • https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/06/tecnologia-permite-que-mulheres-com-cancer-engravidem-no-futuro.html • https://portalhospitaisbrasil.com.br/artigo-covid-19-pode-infectar-aparelho-reprodutor-masculino/ • https://www.youtube.com/watch?v=-Nomg3brQiw • https://www.youtube.com/watch?v=bha7uVLMyso • https://www.es.gov.br/Noticia/cai-numero-de-novos-casos-de-hiv-no-espirito-santo • http://giv.org.br/ist/o-que-sao-ist.html
Orientação sexual	• https://www.youtube.com/watch?v=QEg5evZcYZs • https://www.youtube.com/watch?v=y9Idf5CnMEo • https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33785-em-pesquisa-inedita-do-ibge-2-9-milhoes-de-adultos-se-declararam-homossexuais-ou-bissexuais-em-2019 • https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/05/18/crimes-de-odio-e-de-desrespeito-a-orientacao-sexual-aumentaram-185percent-no-para-em-2021.ghtml • https://es360.com.br/427-mil-se-declaram-homossexuais-no-es-aponta-pesquisa-inedita/ • https://grafittinews.com.br/em-vitoria-es-24-da-populacao-ou-2966-mil-pessoas-sao-declaradamente-homossexuais-ou-bissexuais/

Fonte: Elaborado pela autora.

Além da investigação por meio de recursos digitais, os alunos sugeriram a realização de entrevistas com especialistas na área da saúde para enriquecer suas pesquisas com informações e perspectivas profissionais. Considerando todas as propostas apresentadas pelos estudantes durante a etapa de problematização, as entrevistas tornaram-se uma estratégia mais viável e acessível para atender todos os grupos, especialmente considerando o contexto escolar, disponibilidade de recursos e tempo de pesquisa.

Com a ajuda da diretora escolar, a pesquisadora convidou dois especialistas, uma enfermeira e uma psicóloga, que desenvolvem serviços na área da saúde no

próprio município. Os estudantes elaboraram perguntas para a entrevista, seguindo suas principais dúvidas e curiosidades, bem como as formações específicas dos profissionais, logo após todas as perguntas foram organizadas com a ajuda da professora, garantindo distribuição igualitária entre os entrevistados e evitando repetições ou perguntas desnecessárias (Quadro 4).

Quadro 4 – Perguntas da entrevista realizada com a enfermeira e psicóloga.

PROFISSIONAL	PERGUNTAS DA ENTREVISTA
Enfermeira	● Se você já teve algum colega de trabalho que já sofreu abuso sexual? Se sim, como você reagiu a isso? ● Você já atendeu alguma pessoa que já sofreu abuso sexual? ● Você já atendeu alguma pessoa transexual, ou que quis trocar de gênero? ● Como o período menstrual ocorre? Os hormônios interferem de que forma neste período? ● Tem a idade exata para a realização de atividade sexual? ● Explique um pouco sobre a herpes. Você já atendeu alguma pessoa com essa doença? ● Quais doenças sexualmente transmissíveis são mais comuns de atender em seu trabalho? ● Tem a maneira correta de fazer a higienização das partes íntimas?
Psicóloga	●Como fica a sanidade mental de uma pessoa depois de um abuso sexual? ●A pornografia pode intensificar os casos de estupro? ●A pornografia desvaloriza as mulheres? ●Como a menstruação afeta o emocional da mulher?” ●Como ajudar o psicológico de uma pessoa após o abuso e estupro? ●Já teve algum caso de paciente que teve medo de revelar a sua sexualidade para família? ●Com quantos anos a mãe da criança pode discutir o assunto sobre sexualidade?

Fonte: Elaborado pela autora.

4.3.4 ETAPA 4 - Conclusão da sequência investigativa

Em sala de aula, foi realizada uma socialização por meio de uma roda de conversa, na qual os alunos tiveram a oportunidade de discutir detalhes do processo investigativo, as dificuldades enfrentadas ao longo do desenvolvimento da prática, os aprendizados adquiridos e as contribuições para o desenvolvimento pessoal e coletivo.

Após a socialização, cada estudante recebeu um questionário com questões objetivas e discursivas, cujo objetivo foi avaliar de forma abrangente a sequência didática desenvolvida e obter informações valiosas dos alunos sobre diferentes aspectos do processo de aprendizagem, possibilitando uma avaliação individual mais detalhada (APÊNDICE D).

5- RESULTADOS E DISCUSSÃO

SEQUÊNCIA DE ENSINO POR INVESTIGAÇÃO

5.1 Ação norteadora sobre a Educação Sexual

Durante a leitura colaborativa, os estudantes destacaram aspectos cruciais relacionados à abordagem da sexualidade, como a relação familiar e o papel dos pais, mencionaram que estes deveriam conversar com os filhos sobre cuidados com o corpo, como a higiene adequada e os limites do toque íntimo, ponto destacado na reportagem. Um estudante ressaltou que "*é na adolescência que a pessoa costuma se descobrir, aí essa é a hora certa pra saber das coisas*", enfatizando a necessidade de discutir esses assuntos desde a infância para esclarecer dúvidas, desmistificar conceitos errôneos e conscientizar sobre questões de abuso sexual.

As famílias desempenham um papel fundamental na educação dos adolescentes, onde é importante a discussão sobre sexualidade estar presente (SAVEGNAGO; ARPINI, 2013). No entanto, muitas famílias evitam falar sobre o tema, ou abordam de maneira inadequada, ou podem até conversar sobre, porém de forma indireta, sem clareza, talvez por falta de habilidade no diálogo, entretanto faz-se necessário repensar essas atitudes a fim de melhorar a comunicação entre pais e filhos sobre questões sexuais.

O período da adolescência, conforme apontado pelos estudantes, é particularmente crucial para garantir que os jovens possuam informações claras, tendo estas um papel significativo na formação de atitudes saudáveis e no fornecimento de suporte emocional aos adolescentes durante esse período de

mudanças. Por isso a urgência em promover uma abordagem aberta sobre sexualidade dentro das famílias.

Contudo os estudantes afirmaram que essa resistência das famílias em discutirem abertamente a sexualidade com os filhos pode ser atribuída a uma variedade de fatores, seja por adotarem uma postura mais rígida, tabus culturais, crenças religiosas ou a falta de informação adequada. Esta compreensão, por parte dos estudantes, demonstra a diversidade de contextos familiares e realidades culturais presentes.

Moizés e Bueno (2010) destacam que a abordagem de temas ligados à sexualidade frequentemente esbarra em valores, crenças, preconceitos, tabus, mitos e estereótipos, sendo essencial reconhecer que a sexualidade é uma parte inerente ao ser humano, e que vai muito além de seu aspecto reprodutivo. Compreender estes elementos é essencial porque os valores e os estilos de vida são experiências exclusivas de cada indivíduo, refletindo na forma de pensar, agir, tomar decisões na convivência em sociedade.

Os estudantes também relataram a diferença de tratamento entre os gêneros em relação à Educação Sexual, como citou uma estudante: “*na maioria das vezes os pais falam mais pros homens do que para as meninas*”. Essas diferenças de tratamento não apenas perpetuam estereótipos de gênero, mas também limitam a compreensão individual sobre sexualidade. É imprescindível abordar essa desigualdade, para que haja a compreensão de que a Educação Sexual deve ser igualitária, inclusiva e que atenda às necessidades de todos os jovens, independentemente do gênero.

Outro ponto importante levantado pelos estudantes está relacionado ao quanto a temática Educação Sexual é ampla, ao perceberem que esta não se limita apenas ao ato sexual em si, mas inclui a importância dos cuidados com o corpo, da saúde física e das relações saudáveis, superando uma visão limitada e estigmatizada que se concentre apenas no sexo.

Durante a leitura da reportagem, surgiu uma preocupação relacionada à realidade da prostituição na comunidade, especialmente entre os jovens em situações vulneráveis, esse é um ponto sensível que merece atenção. A identificação desses casos pelos estudantes destaca a necessidade de se abordar não apenas os aspectos

biológicos e emocionais da sexualidade, mas também as realidades sociais e econômicas que podem influenciar nas escolhas dos jovens. Como destaca Carvalho (2013), que ressalta a importância de atividades que contextualizam o conhecimento na vida cotidiana dos estudantes.

A prostituição, muitas vezes associada a contextos de vulnerabilidade, realça os desafios sociais que alguns jovens enfrentam nas suas comunidades e evidencia a necessidade de recursos e ajuda de programas de interversão e apoio a esses jovens para que enfrentem esses desafios, e ofereçam opções alternativas que os permitam ter novas oportunidades, e a desenvolver novos rumos e decisões sobre as suas vidas. A integração da escola com a comunidade é essencial, e isso se deve ao fato de que tal integração evita a alienação dos alunos de seu contexto cultural imediato conforme apontado por Krasilchik (2016). Ao envolver os alunos na discussão de questões relacionadas à sua própria realidade, propicia-se não apenas a oportunidade de serem abordados problemas presentes no cotidiano, mas também desenvolve nos jovens a capacidade de enfrentar e resolver esses desafios.

Outro ponto que surgiu durante a discussão foi a pressão que os adolescentes sofrem para se relacionarem com pessoas do sexo oposto, como se tivessem que atender as expectativas sociais impostas independentemente de sua atração ou interesse pessoal, como destaca um estudante: "*eu não sou obrigado a ficar com uma menina! mas quando eu não quero, meus colegas dizem que eu não gosto da coisa*". Tais pressões sociais podem levar a situações desconfortáveis e conflitos internos, porque os jovens se sentem obrigados a cumprir essas expectativas, no entanto é necessário promover um ambiente onde os jovens se sintam confortáveis para expressar a sua sexualidade e construir relações baseadas em seus próprios desejos e atração pessoal sem julgamento ou pressão.

A organização dos alunos em círculo, em oposição à disposição tradicional de filas voltadas para a mesa do professor, enfatiza a importância de repensar a dinâmica de poder na sala de aula, onde o espaço de ensino deixa de ser aquele onde o professor ocupa uma posição central e dominante, transformando-se em um cenário que valoriza a contribuição de cada aluno.

Como sugere Krasilchik (2016), esta mudança física vai além da estética e afeta a natureza da comunicação educacional, uma organização circular desafia a

hierarquia tradicional, pois favorece um ambiente mais democrático e inclusivo, abrindo espaço para o desenvolvimento de relações equitativas entre alunos e professores. Essa mudança não só promoveu a interação entre os alunos, mas também facilitou a conexão entre alunos e professores, criando um ambiente propício para a troca de ideias e experiências.

A utilização da reportagem como recurso inicial serviu como um ponto de partida para os alunos se envolverem com o tema de forma mais aberta e descontraída, na qual puderam compartilhar suas opiniões, expressar suas dúvidas e trocar experiências, criando um ambiente mais acolhedor e propício para a aprendizagem, instigando-os a buscar mais informações e aprofundar seus conhecimentos sobre a sexualidade. Além disso, a discussão da reportagem como recurso inicial foi uma estratégia importante, pois o conteúdo não apenas informou os alunos sobre situações vivenciadas na sociedade, mas também os encorajou a explorarem suas próprias perspectivas promovendo uma discussão significativa em sala de aula, onde eles participaram ativamente, expressaram as suas opiniões, exploraram diferentes perspectivas e levantaram novos questionamentos (Figura 02).

Figura 02: Caixa de perguntas e sugestões, e estudantes durante a leitura e discussão colaborativa.

Fonte: Imagem do acervo da autora.

A estratégia adotada após a discussão da reportagem, que envolveu a coleta de dúvidas e sugestões de forma anônima através da caixa de perguntas e sugestões, proporcionou um ambiente que favoreceu a participação ativa e respeitou a individualidade de cada estudante, onde eles demonstraram engajamento e concentração na formulação de perguntas e sugestões por escrito.

Hossotani e colabores (2014) destacam um desafio comum na abordagem de temas sexuais, que é o receio dos alunos em questionar dúvidas pessoais, muitas vezes devido ao medo de serem julgados ou pelo constrangimento. Nesse contexto, o anonimato proporcionado pela caixa de dúvidas estimulou os alunos a expressarem suas preocupações de maneira mais aberta, contribuindo para um ambiente educacional que favorece novas discussões e esclarecimentos.

Ao analisar as perguntas e sugestões colocadas na caixa (QUADRO 2), pode ser observada uma diversidade de questões, curiosidades e inquietações relacionadas à sexualidade. Isso ressalta a importância de compreender os pensamentos dos adolescentes, incluindo suas concepções, mitos e tabus, para orientar uma abordagem apropriada que contribua para o desenvolvimento e crescimento sexual saudável dos adolescentes, como destacado por Sacramento e colaboradores (2019).

Foi observado que dentre as dúvidas e sugestões colocadas por eles algumas não foram expressas durante a discussão da reportagem, o que demonstra a vergonha ou medo de falar sobre o tema em público, e a importância de oferecer diferentes formas de participação sem a pressão de se expor publicamente. O constrangimento ao discutir a sexualidade é uma reação comum, como enfatizado por Figueiró (2007). Assim, o papel do professor é crucial na criação de um ambiente que permita a expressão desses sentimentos, como escrever as suas dúvidas, que se apresentou como um canal de comunicação alternativo, permitindo que cada aluno tivesse sua pergunta ouvida, mesmo por não se sentir confortável em compartilhar oralmente.

Dentre as perguntas e sugestões colocadas pelos alunos destacam-se as preocupações sociais, como a necessidade de discutir abertamente o abuso sexual e fornecer orientações sobre como abordar esse tema com crianças de diferentes faixas etárias, a promoção de uma cultura de respeito e igualdade de gênero, assim como o

interesse de conhecer os conceitos relacionados à diversidade sexual e aspectos biológicos do corpo humano.

As questões colocadas pelos alunos enfatizaram a curiosidade e a necessidade de uma Educação Sexual que vá além de meros conceitos anatômicos e fisiológicos, em que se procure uma abordagem claramente abrangente, informativa e aberta que atenda às necessidades dos alunos e os motive a desenvolver princípios como respeito, igualdade e inclusão.

Maia e Ribeiro (2011) destacam que a Educação Sexual escolar deve não apenas orientar, ensinar e informar, mas também promover a discussão, reflexão e questionamento de valores e concepções, possibilitando que cada indivíduo desenvolva uma compreensão dos referenciais culturais, históricos e éticos que fundamentam sua visão de sexualidade e sua prática sexual.

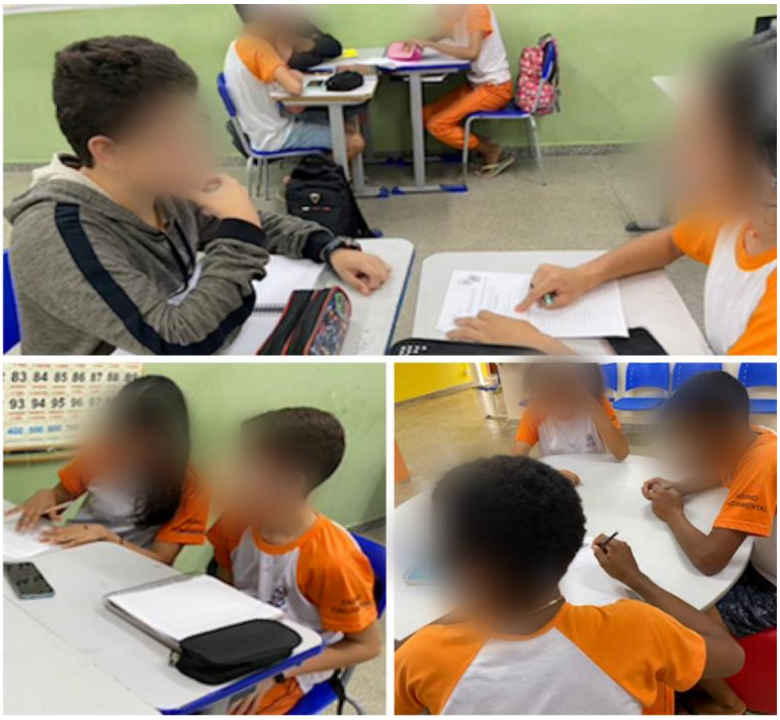
5.2 Problematização e levantamento de hipóteses

PRIMEIRO MOMENTO

Ao organizar os estudantes em grupos aleatoriamente para desenvolver o levantamento e hipóteses referente às problemáticas, novas conexões puderam ser observadas, pois eles tiveram a oportunidade de se relacionar com diversos colegas, muitos dos quais não teriam essa interação em situações tradicionais. Esta estratégia também desempenhou um papel fundamental no fortalecimento de um ambiente educativo colaborativo, onde os alunos puderam aprender uns com os outros (Figura 3).

Conforme destacado por Sasseron (2013), no trabalho em grupo, os alunos têm a oportunidade de desenvolver potencialmente conhecimentos e habilidades com a orientação de seus colegas e, por estarem dentro da mesma zona de desenvolvimento, muitas vezes esse fato facilita o entendimento entre eles, mais do que compreender o professor.

Figura 03: Primeiro momento com discussão e levantamento de hipóteses entre os grupos.



Fonte: Imagem do acervo da autora.

Durante a discussão em grupo de seus respectivos roteiros investigativos para levantarem hipóteses e sugestões às problemáticas propostas, os estudantes manifestaram já no início da investigação propondo a utilizando a internet ou outros recursos, evidenciando receio de cometer erros, contudo, a professora enfatizou a importância de avaliar os conhecimentos prévios dos alunos.

Esse receio, como ressaltado por Carvalho (2013), faz parte do processo de aprendizagem dos alunos. Essa abordagem destaca a necessidade de equilibrar o entusiasmo pela exploração para uma análise cuidadosa da base de conhecimento existente. A preocupação dos alunos em evitar equívocos ilustra a importância de um ambiente de aprendizado que encoraje a iniciativa, mas também forneça suporte e orientação.

Em determinados momentos, a intervenção da professora se fez necessária nos grupos, com o objetivo de esclarecer os propósitos de cada roteiro e elucidar situações cotidianas relacionadas aos temas discutidos. A participação ativa da professora contribuiu para direcionar as discussões dos grupos, garantindo que as propostas estivessem alinhadas com os objetivos do trabalho.

As hipótese e sugestões propostas por cada grupo foram descritas no espaço em branco disponível no roteiro investigativo, para que pudessem registrar suas ideias de maneira organizada (Quadros 5 a 8).

Quadro 5– Registro dos estudantes sobre o roteiro investigativo “Educação sexual”

Em algumas famílias a menstruação é dada como tabu, pois as pessoas mais velhas geralmente não dizem para os filhos que eles vão passar por isso, é que os homens também devem dizer que a menstruação é algo normal e tentar auxiliar no que puder. Em um certo ponto de vista, talvez as meninas devessem levar a mochila sim para pegar o absorvente distribuído na escola, pois alguns meninos são meio entre "pervertidos", mas por outro lado talvez usando a mochila criará um tabu maior ainda. Chamar os pais para palestra para orientar os filhos seria a boa ideia, pois tirariam dúvidas de pais e alunos, mas também tem algumas questões, como alguns pais não se importam muito com isso e muitos filhos têm vergonha de falar sobre assunto com os pais, então para solucionar o problema seria bom em escola fazer palestra sobre os assuntos relacionados com a Sexualidade e falar que é algo necessário de ser discutido com os filhos. Muitas pessoas sentem vergonha de falar sobre o assunto porque a própria família prende, e a orientação dos Pais dentro da própria família. Os homens sofrem machismo muitas vezes por conta de a sociedade julgar maneiras de ser e determinar que os homens devem ter um certo comportamento para ser considerado homem.

Fonte: Registro digitado e corrigido ortograficamente pela autora.

Quadro 6 – Registro dos estudantes sobre o roteiro investigativo “Violência sexual e valorização da mulher.”

O abuso sexual eu acho que deve ser falado na escola com calma e precisão em palestras brincadeiras em horários de aula, e alertar a tomar cuidado ao conversar com estranhos, falar sobre o abuso sexual, violência ou virtual, serve para ajudar as crianças e adultos a se prevenirem. Sobre a violência devemos estar conscientes de que um abuso na maioria das vezes acontece com mulheres e podemos sim evitar esse ato de abuso não usando roupas decotadas e curtas. Mas na minha opinião devemos nos vestir como quisermos! Independente das mulheres estarem com roupas curtas não é uma questão de que os homens possam mexer ou abusar das mulheres. Para mim às vezes quando o parceiro quer fazer algo que a sua parceira não quer é abuso e a solução poderia ser com os dois sentem e conversem um com outro para ver se eles conseguem se resolver ou terminar o namoro ou casamento. As mulheres não precisam se preocupar com a roupa e o homem deveria não olhar com maldade a mulher, as leis poderiam ser bem melhores e poderia ter consequências bem ruins para quem

pratica um abuso.

Tudo é no seu tempo, o parceiro ou parceira não é obrigada a fazer aquilo que não quer... Porque é isso tem seu tempo.

Primeiro que o hábito de respeitar não só as mulheres, mas quem quer que seja deveria ser aprendido em casa os pais a família deveriam orientar desde a infância as crianças.

Outras soluções bem legais os homens têm que aprender a dar respeito às mulheres e não as tratar com objeto qualquer para somente transar e abandonar tem que ter maturidade sobre o que eles fazem, do mesmo jeito que os homens devem respeitar as mulheres tem que ser respeitado um ao outro e ter um pouco de responsabilidade.

Enfim achamos que todos os dois tanto o homem quanto a mulher devem respeitar bem sobre o caso dos homens não deveriam querer cobiçar as mulheres apenas pela sensação de prazer, mas sim por optar a pensar pelo outro, tudo além disso o sexo não é tudo, mas sim todos os sentimentos em jogo.

Fonte: Registro digitado e corrigido ortograficamente pela autora.

Quadro 7 – Registro dos estudantes sobre o roteiro investigativo “Sistema reprodutor e ISTS”.

O ciclo menstrual acontece a cada mês e num momento especial o ovário libera um óvulo nas tubas uterinas aguardando a fecundação ser feita por um espermatozoide. Se acontecer a fecundação, o feto vai grudar no útero, porém é necessário a formação de um tecido para forrar o útero. Se não tiver fecundação o ovócito é absorvido pelo corpo e o tecido se desfaz na forma de sangue em pedaços pois ele é formado de veias com sangue.

Cada ser vivo tem um sistema reprodutor e alguns deles produz gametas e outros não. O sistema reprodutor masculino e feminino das pessoas são bem diferentes e produz gametas diferentes, tipo o sistema reprodutor masculino produz espermatozoide e o sistema reprodutor feminino produz óvulo.

O espermatozoide é formado nos testículos do homem e ele fica armazenado no epidídimo até ser liberado na ejaculação.

A fecundação ocorre quando acontece a relação sexual em que o homem ejacula seus espermatozoides dentro da mulher, após isso os espermatozoides se orientam pela parede uterina para chegar até o óvulo onde apenas um espermatozoide pode fecundar o óvulo, formando assim o bebê.

As mulheres têm seu emocional bem afetado pela menstruação porque nesse momento tem uma grande liberação de hormônios que afetam o psicológico delas.

É necessário que se fale da sexualidade em sala de aula, para que os estudantes possam conhecer os métodos contraceptivos para evitar uma gravidez e também saber discernir o abuso sexual que é uma realidade da nossa sociedade. Isso deve ser passado aos alunos em atividades escritas, rodas de conversa e em metodologias diferenciadas para fixar o conhecimento.

Fonte: Registro digitado e corrigido ortograficamente pela autora.

Quadro 8 – Registro dos estudantes sobre o roteiro investigativo “Orientação sexual”.

Orientação sexual é ensinar sobre os gêneros sexuais que existem. A diferença entre pan e bi é que bi senti atração pelo próprio sexo, já pan sente atração por mais de um gênero. Para a pessoa transexual é difícil para ela falar para alguém que ela é trans e dependendo do local ela pode ser muito xingada e é melhor você falar primeiro para os seus pais que eles irão compreender melhor. Trocar de gênero não é errado muito menos certo pelo fato da pessoa não se sentir da forma que ela nasceu, por exemplo, uma menina que quer virar um homem no caso transexual ela não se identifica com o seu gênero então ela já nasceu com essa vontade. Quando o assunto é gênero sexual não tem como não dizer só sobre os casais héteros e nos outros casos ocorre pelo desrespeito e o preconceito para resolver esse problema precisa ser trabalhado a conscientização desde criança nas famílias e na sociedade e pode ser também apresentado nas escolas através de palestras ou numa aula de educação sexual. Tocar no assunto só sobre casais héteros porque já é comum, mas também é comum falar da sociedade LGBTQI+, mas é importante ressaltar que a maioria tenta evitar sobre assunto pois os pais muitas vezes não concordam que a criança adolescente aprenda sobre essa tal coisa, mas os responsáveis devem ter consciência de que no mundo de hoje devemos sim falar disso e acima de tudo ter respeito.

Fonte: Registro digitado e corrigido ortograficamente pela autora.

SEGUNDO MOMENTO

O jardim da escola como espaço escolhido para a interação entre os estudantes se mostrou propício para uma abordagem mais descontraída, propiciando uma troca de diferentes perspectivas, e hipóteses levantadas sobre as problemáticas abordadas em seus respectivos roteiros investigativos. A disposição em círculos facilitou a comunicação, demonstrando que o arranjo físico do espaço de ensino pode influenciar positivamente na dinâmica do aprendizado.

A atuação da professora como mediadora foi crucial, facilitando o diálogo entre os grupos, e esclarecendo dúvidas referentes a metodologia aplicada, sem impor juízo de valor sobre as ideias debatidas, o que promoveu um ambiente de discussão aberto e colaborativo. Conforme destacam Savegnago e Arpini (2013), a postura do professor como mediador, é essencial para estabelecer um vínculo afetivo, construir confiança e promover respeito mútuo, estabelecendo diálogos reflexivos, criando um espaço

seguro para os alunos expressarem suas ideias e dúvidas, principalmente ao abordar temas sensíveis, como os relacionados à sexualidade.

Ao conduzir esse tipo de diálogo, e atento aos limites de intimidade, o professor contribui para o desenvolvimento mútuo, promovendo não apenas a aquisição de conhecimentos, mas também o amadurecimento emocional e social dos alunos, alinhada com a compreensão de que a educação vai além da transmissão de informações, envolvendo a formação integral do estudante.

As discussões dos roteiros investigativos não se limitaram apenas aos grupos de estudantes, uma vez que cada grupo abordava temáticas distintas, portanto, a realização de uma discussão em formato de roda de conversa proporcionou a todos os participantes a oportunidade de obter informações sobre os diversos temas explorados, além de ter proporcionado um ambiente para o surgimento de novas ideias e debates construtivos. Essa troca de perspectivas não só fortaleceu o aprendizado individual, mas também incentivou a coletividade, onde os alunos compartilharam experiências e conhecimentos enriquecendo o repertório de todos.

Durante a atividade foi encontrada nos alunos uma dificuldade em expressar seus pensamentos por escrito, portanto, a discussão coletiva permitiu superar esse desafio, pois a expressão oral das hipóteses e propostas apresentadas facilitou a compreensão de conceitos e objetivos e deu mais clareza na apresentação de ideias, eliminando obstáculos que poderiam surgir se as discussões fossem apresentadas apenas por escrito. Conforme destacado por Carvalho (2013), é crucial basear-se nos conhecimentos prévios dos alunos e na manipulação do material escolhido, permitindo que eles levantem hipóteses e as testem para resolver o problema.

Ao iniciar a discussão dos roteiros investigativos, percebeu-se que os alunos inicialmente ficaram apreensivos, mas à medida que a interação foi avançando, houve uma mudança perceptível, pois os alunos se sentiram mais confortáveis e livres de julgamentos ou piadas desconfortáveis para expressar suas opiniões sobre os temas, tornando as discussões mais fluidas e propícias para a troca construtiva de conhecimentos.

Essa experiência mostrou o quão importante é promover uma cultura de diálogo e escuta ativa na escola, criando um ambiente que promova a reflexão, o questionamento e a construção coletiva do conhecimento. Nesse contexto, destaca-

se a abordagem proposta por Paulo Freire (1996) enfatizando a importância de uma educação, que não apenas informe, mas também possibilite que as pessoas sejam críticas e reflexivas e participem ativamente do processo de aprendizagem.

A educação quando orientada por princípios participativos, pode ser um agente de mudança social, capacitando os estudantes não apenas a compreenderem o mundo, mas também na formação de indivíduos críticos e conscientes de sua capacidade transformadora de construírem ativamente uma sociedade mais justa e igualitária. Durante a discussão, não só foram discutidas as questões propostas, mas também foram levantadas diversas outras dúvidas, que se revelaram muito úteis, incentivando os alunos a investigar e buscar respostas (Figura 04).

Figura 04: Segundo momento com roda de conversa com discussão e levantamento de hipóteses.

Fonte: Imagem do acervo da autora.

5.2.1 Debate do roteiro investigativo: Educação sexual

Na discussão do primeiro roteiro investigativo, os estudantes propuseram algumas soluções aos problemas apresentados, como a importância de desenvolver palestras de sensibilização específicas para pais e alunos na escola e comunidade, pois algumas famílias ainda não discutem abertamente sexualidade com os filhos ou não possuem conhecimento sobre o tema.

Essa proposta dos estudantes destaca a compreensão deles sobre a importância de envolver não apenas os alunos, mas também seus responsáveis nas discussões sobre sexualidade, o que, além de reforçar a importância da comunicação ampla sobre o tema, oportuniza uma compreensão das implicações sociais e culturais da educação em sexualidade, e a importância da parceria entre escola e família.

Algumas meninas afirmaram que, embora suas mães abordem aspectos como cuidado com o corpo e menstruação, a discussão sobre sexo é mais retida, gerando constrangimento, além disso, não possuem tanta liberdade para sair de casa com os amigos. Por outro lado, os meninos relataram uma maior liberdade de sair de casa, além de uma abordagem um pouco mais superficial sobre sexo por parte dos pais, não contemplando todo o contexto que envolve o tema.

Esse relato evidencia a persistência de estereótipos de gênero na educação sexual, refletindo normas sociais tradicionais que limitam a discussão aberta sobre sexualidade, principalmente para as meninas, a falta de liberdade para sair de casa e a falta de confiança por parte dos pais podem contribuir para a perpetuação de desigualdades de gênero e limitar o desenvolvimento saudável da sexualidade das adolescentes. Nesse contexto, é crucial promover uma abordagem na educação sexual que reconheça a importância de tratar temas relacionados ao corpo, menstruação e sexo de maneira igualitária para ambos os gêneros.

A narrativa dos estudantes revela a complexidade de lidar com o machismo na sociedade, destacando a necessidade de uma compreensão mais profunda e crítica sobre as expectativas impostas aos gêneros, pois a sociedade precisa entender que todos têm o direito de serem quem são, independentemente de seu gênero, e que a masculinidade não deve ser ditada por padrões rígidos e comportamentos rotulados. Alguns meninos relataram que sofrem com a pressão da sociedade para se encaixarem em estereótipos de masculinidade, assim como presenciaram vários julgamentos quanto a roupa que se veste, como diz um aluno “*se eu usar rosa, ou estiver de brinco na orelha falam que eu sou mulherzinha*”, ou seja, essas situações estão presentes no cotidiano.

Louro (2003) destaca que atualmente persistem normas e padrões sociais arbitrários que orientam o comportamento, vestimenta e interações individuais, essas diretrizes moldam as expectativas e práticas sociais, refletindo a evolução dinâmica

da sociedade, a compreensão crítica dessas normas é essencial para questionar ideias historicamente difamatórias, promovendo uma reflexão mais profunda sobre as influências que moldam percepções e ações individuais.

Outra discussão foi quanto a distribuição de absorventes para as meninas na escola, onde a maioria concordou que os absorventes fossem distribuídos sem a necessidade de levar uma mochila para guardá-los. Uma aluna destacou "*parece que estamos fazendo algo errado, ou escondendo algo, só por estar pegando um absorvente, algo que deveria ser normal pra todas as meninas"*, ressaltando a persistência de estigmas em torno da menstruação. Isso evidencia a urgência de normalizar essa prática essencial para todas as meninas, não apenas garantindo o acesso, mas também combatendo os tabus associados à menstruação.

Algumas alunas apontaram desafios adicionais relacionados à timidez e piadas feitas por alguns meninos durante o processo de obtenção de absorventes. Esses relatos destacam a importância de criar estratégias que garantam uma experiência confortável e respeitosa para todas. A proposta dos estudantes de normalizar a distribuição de absorventes na escola demonstra a importância de transformar a distribuição de absorventes em uma prática comum e aceitável, onde todas as estudantes possam lidar com questões relacionadas à saúde menstrual sem constrangimentos ou preconceitos.

Portanto é importante uma abordagem educacional que reconheça e promova a igualdade de gênero, a liberdade individual e o respeito à diversidade, como o que foi aparentado, evidenciando a importância de uma abordagem em direção à quebra de estigmas e à uma compreensão crítica das normas sociais e padrões que moldam as interações individuais, enfatizando a necessidade de questionar ideias historicamente difamatórias para promover uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

5.2.2 Debate do roteiro investigativo: Violência sexual e valorização da mulher

No segundo roteiro investigativo, as problemáticas apresentadas enfatizaram fortemente a questão de como conversar com as crianças sobre situações de abuso e a importância da discussão aberta. Para essas problemáticas os estudantes

propuseram a criação de projetos escolares para sensibilizar e informar sobre o tema, a criação de leis mais severas para punir os autores destes crimes, oferecer redes de psicólogos e projetos que promovam o acolhimento de pessoas que sofreram alguma forma de abuso ou violência.

Os estudantes relatam que já viram em redes sociais ou televisão casos de pessoas que passaram por situações de abuso sexual, sendo a maioria das vítimas mulheres, que por muitas vezes são criticadas ou julgadas pela comunidade, no próprio ambiente familiar ou nas redes sociais como relata uma estudante: “no *Instagram as pessoas falam o que querem, xingam o outro como se fossem donos da verdade só porque estão detrás de uma tela, são tudo covardes!”.* Os relatos dos estudantes evidenciam como o ambiente digital, sobretudo nas redes sociais, podem intensificar estigmas e julgamentos.

A revolta dos estudantes mostra um claro reconhecimento da seriedade do problema, e destaca a necessidade de incluir tópicos sobre abuso sexual nos currículos escolares para que forneçam não apenas informação, mas também habilidades para compreender e lidar com os desafios desse assunto, além da necessidade de promover responsabilidade digital. Sendo importante destacar que a Educação Sexual nas escolas não deve ser responsabilidade apenas da disciplina de Ciências ou Biologia, essa abordagem deve ser trabalhada de maneira interdisciplinar, permeando todas as áreas do conhecimento humano.

Durante as discussões, o grupo destacou as críticas enfrentadas por muitas mulheres por usarem roupas decotadas e curtas, associando como influência nos casos de abuso, no entanto, os estudantes ressaltaram que a roupa de uma mulher não justifica qualquer tipo de violência ou abuso por parte dos homens. Ainda, reconheceram a necessidade de considerar o contexto e bom senso, como em ambientes específicos, por exemplo igrejas, onde há expectativas culturais e normas de vestimenta.

Os estudantes apresentaram como proposta às problemáticas, a importância de a educação familiar ensinar aos filhos que mulheres e homens têm direitos iguais e que o respeito mútuo é essencial. Esta reflexão destaca a compreensão dos alunos sobre a necessidade de criar relações baseadas na igualdade de gênero, quebrar estereótipos e promover uma compreensão mais justa e cooperativa de homens e

mulheres, baseada nos princípios do respeito mútuo, a fim de contribuir para uma sociedade com relacionamentos mais saudáveis e inclusivos.

5.2.3 Debate do roteiro investigativo: Sistema reprodutor e ISTs

Quando se fala do sistema reprodutor muitas concepções dos estudantes são errôneas mesmo com a gama de informações disponíveis na atualidade. Nas problemáticas apresentadas pelos estudantes muitas perguntas sobre a fisiologia do corpo humano surgiram, dentre elas o como ocorre a formação dos gametas, a menstruação na mulher, a geração de um bebê e alterações emocionais nas mulheres.

Alguns estudantes sabiam as respostas a essas perguntas mesmo que parcialmente e com algumas pronúncias errôneas, entretanto a maioria possuía dúvidas principalmente sobre como hormônios interferem nas mudanças de humor da mulher e os detalhes do passo a passo até o processo de fecundação, desde o local onde são formados os espermatozóides e o óvulo até a união destes gametas. Essa lacuna de conhecimento sugere a necessidade de uma abordagem mais aprofundada e esclarecedora sobre o sistema reprodutor, visando corrigir concepções equivocadas e fornecer informações precisas.

Com relação ao tema infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), a fala dos estudantes evidenciou muitas dúvidas sobre métodos contraceptivos e um conhecimento limitado referente algumas ISTs como AIDS, sífilis e herpes, não sabendo explicar os principais sintomas e modos de transmissão. Porém eles destacaram a importância da utilização de preservativos para prevenir essas infecções. Essa falta de compreensão destaca a urgência de fornecer a esses adolescentes informações mais detalhadas sobre a diversidade de métodos contraceptivos disponíveis, e os principais sintomas e modos de transmissão de várias ISTs.

Para solucionar as problemáticas apresentadas os estudantes propuseram a realização de palestras nas escolas com a participação de profissionais de saúde, a fim de oferecer esclarecimentos sobre as principais dúvidas que envolvem as

temáticas ISTs e métodos contraceptivos, e fornecer informações práticas, com o objetivo de contribuir para desmistificação de tabus em relação à saúde sexual, incentivando atitudes mais saudáveis e responsáveis entre os jovens.

5.2.4 Debate do roteiro investigativo: Orientação sexual

Na discussão do último roteiro investigativo ficou evidente o quanto a temática orientação sexual despertou muito interesse e gerou muitas dúvidas e curiosidades entre os estudantes, sendo observada uma compreensão limitada do conceito "orientação sexual", onde os estudantes relacionavam o termo com a ideia de ensinar os diferentes gêneros existentes, e possuíam muitas dúvidas referente à bissexualidade e à pansexualidade, termos que os estudantes não sabiam definir com clareza.

As diversas dúvidas expressas pelos estudantes sobre a temática orientação sexual, evidenciam a necessidade de uma abordagem mais esclarecedora da diversidade de orientações sexuais, que inclui, para além da definição de conceitos, o estudo e a compreensão das diferentes identidades sexuais, a fim de criar um ambiente mais inclusivo.

Outro ponto que os estudantes destacaram foi a realidade dessas pessoas na sociedade, que muitas vezes sofrem com preconceitos, julgamentos, violência, falas ofensivas, e a família também desempenha um papel muito importante no diálogo e acolhimento dessas pessoas.

Nessa perspectiva, um aluno fez a seguinte fala "*a pessoa que é homossexual ela não escolheu ser assim por que quis, e sim porque já nasceu ou se sente assim, porque no mundo de hoje quem vai querer sofrer preconceito, ou ser violentado?",* ou seja, a perspectiva de que a orientação sexual não é uma escolha, mas uma expressão intrínseca, e destaca o impacto negativo da homofobia e da violência enfrentadas pela comunidade LGBTQIA+. Junqueira (2009, p. 17) corrobora essas experiências ao afirmar que

> Tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais têm sido uma constante na vida escolar e profissional de jovens e adultos LGBT. Essas pessoas vêem-se desde cedo às voltas com uma “pedagogia do insulto”, constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes – poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica.

Essa discussão evidencia a importância do diálogo aberto e inclusivo nas famílias e na sociedade para combater o preconceito e criar ambientes mais acolhedores para as pessoas LGBTQIA +.

De acordo com as problemáticas apresentadas, os estudantes propuseram abordar por meio de projetos de conscientização em toda a comunidade, ações que que incluíram palestras em escolas ou salas de aula com professores para informar sobre a importância do respeito e do combate à homofobia e à violência. Essas propostas refletem a compreensão dos estudantes sobre a necessidade de um esforço conjunto para promover a conscientização e a mudança da sociedade, por meio do respeito e igualdade.

5.3 Investigação

Os links fornecidos apresentaram uma ampla abordagem e complexidade das questões relacionadas com a sexualidade na sociedade atual, o que não só contribuiu para o aumentou a compreensão dos alunos sobre as questões discutidas, mas também fortaleceu nos estudantes a capacidade de investigação, análise e interpretação, o que pode ser observando durante esta etapa (Figura 5).

Figura 05: Estudantes realizando investigação através dos links disponibilizados e elaborando o roteiro das entrevistas.

Fonte: Imagem do acervo da autora.

Além da investigação utilizando os links, os estudantes decidiram incluir entrevistas com profissionais da saúde, revelando um comprometimento em aprofundar sua compreensão das problemáticas. A inclusão dessa abordagem prática e especializada enriqueceu consideravelmente a perspectiva teórica, proporcionando aos estudantes insights valiosos advindos da experiência e conhecimento dos profissionais entrevistados, uma enfermeira e uma psicóloga.

A iniciativa dos estudantes de realizarem uma entrevista, é um aspecto fundamental que fortalece a qualidade e relevância da pesquisa, demonstrando uma abordagem madura e consciente diante de temas sensíveis. O exercício do protagonismo pelos estudantes, ao conduzir entrevistas com profissionais de diferentes áreas, contribuiu para o desenvolvimento de habilidades práticas e para uma compreensão mais abrangente das questões investigadas. Isso sugere uma consciência crítica e uma abordagem multifacetada por parte dos estudantes, fomentando uma compreensão mais completa e contextualizada das questões abordadas.

A abordagem investigativa empregada durante as aulas atuou como facilitadora da aprendizagem, permitindo e proporcionando condições para que os alunos busquem soluções para os problemas apresentados e expliquem a situação ou

fenômeno estudado, onde são instigados a criar meios que viabilizem a resolução dos problemas (CARVALHO, 2013; SASSERON, 2015).

5.3.1 Entrevista com a enfermeira

A entrevista realizada contou com a participação de todos os alunos da turma, no entanto, para garantir uma melhor organização e otimização do tempo da entrevista, foram selecionados alguns estudantes para atuarem como representantes da turma, sendo os responsáveis por conduzir a entrevista, fazendo as perguntas à especialista convidada.

Durante a entrevista, a enfermeira se apresentou brevemente e compartilhou sua experiência profissional, o que ajudou os alunos a compreenderem a importância de participar da entrevista e estabelecer um vínculo com a profissional. Em seguida, os estudantes iniciaram a entrevista, sendo estimulados pela professora a desenvolverem confiança, autonomia, habilidades de liderança e comunicação na condução do diálogo, onde se sentiram responsáveis pela entrevista. A entrevista realizada com a enfermeira está descrita no Apêndice E.

No que diz respeito ao abuso sexual no ambiente de trabalho, a profissional destacou casos específicos no seu ambiente de trabalho, ressaltando a importância de notificar e encaminhar essas situações para acompanhamento psicológico e testes no posto de saúde. Ao abordar o atendimento a pessoas transexuais, a enfermeira esclareceu que embora não tenha atendido pacientes transexuais, já conviveu com pessoas próximas que mudaram sua orientação sexual.

A explicação detalhada sobre a fisiologia menstrual e a Tensão Pré-Menstrual (TPM) proporcionou informações essenciais sobre as mudanças hormonais nas mulheres. Isso contribuiu para a conscientização dos estudantes sobre a fisiologia feminina e seus aspectos emocionais. No que se refere ao início da atividade sexual, a profissional enfatizou a importância de considerar a maturidade emocional e a estabilidade antes de se envolver nessa prática, essa orientação abordou questões relacionadas a gravidez precoce e infecções sexualmente transmissíveis, incentivando uma abordagem responsável.

A enfermeira também explicou com detalhes sobre o ciclo menstrual das mulheres, fornecendo informações detalhadas sobre as alterações hormonais nas mulheres, conscientizando os alunos sobre a fisiologia feminina e seus aspectos emocionais. Em relação ao início da atividade sexual, a enfermeira enfatizou a importância de considerar a maturidade e a estabilidade emocional antes de pensar em práticas sexuais, visto que podem estar expostos à gravidez precoce ou infecções sexualmente transmissíveis.

Na discussão sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis a enfermeira ressaltou a importância do diagnóstico e tratamento precoce no controle dessas infecções, enfatizando a importância do preservativo como medida preventiva, sendo o único método contraceptivo que previne tanto a gravidez quanto as ISTs. Além disso, destacou a sífilis como a IST mais comum atendida pela unidade de saúde da comunidade. Outro ponto relevante foi a orientação sobre a higiene íntima, alertando sobre o uso excessivo de produtos que possam comprometer a flora natural da parte íntima.

Durante a entrevista, outros alunos participaram ativamente da entrevista, manifestando sua curiosidade e interesse sobre o tema e fazendo outras perguntas que não estavam programadas no roteiro. O fato de outros estudantes, além dos representantes, terem participado ativamente da entrevista é um indicativo de que a abordagem utilizada ofereceu um ambiente acolhedor e seguro para que todos os alunos se expressassem livremente, e se sentissem incentivados a perguntar, compartilhar suas inquietações e buscar conhecimento sobre sexualidade sem receber julgamentos ou estigmatização (Figura 6).

Figura 06: Entrevista presencial realizada com a enfermeira.

Fonte: Imagem do acervo da autora.

5.3.2 Entrevista com a psicóloga

A entrevista com a psicóloga foi realizada remotamente por meio do aplicativo Google Meet, projetada no quadro da sala de aula. Os alunos ficaram muito entusiasmados com esta oportunidade de entrevistar um psicólogo, pois a entrevista anterior foi considerada muito satisfatória.

Apesar da limitação do distanciamento físico, os alunos demonstraram muito interesse em participar da entrevista da psicóloga, o que significa que com a ajuda da tecnologia todos puderam se comunicar e tirar dúvidas diretamente com a profissional, o que tornou a experiência enriquecedora e dinâmica incentivou os alunos a se familiarizarem com o uso das tecnologias de comunicação e sua aplicação no ensino aprendizagem. A entrevista realizada com a psicóloga foi transcrita no Apêndice F.

A entrevista com a psicóloga abordou uma gama de questões relacionadas à saúde mental, sexualidade e desafios sociais. Sobre os efeitos do abuso sexual na saúde mental, a psicóloga enfatizou a extensão das consequências, destacando que as cicatrizes deixadas vão além dos danos físicos afetando o emocional, e o quanto é

importância reconhecer o seu corpo como propriedade pessoal, ressaltando a necessidade das pessoas que sofrem abuso de processar a dor e redefinir significados para ajudar a superar o trauma.

Considerando a relação entre pornografia e violência sexual, a psicóloga argumentou que a violência sexual está relacionada com o caráter de cada indivíduo, e não apenas na pornografia como gatilho. Com relação a desvalorização da mulher na sociedade, a psicóloga defendeu um equilíbrio saudável entre homens e mulheres, criticando atitudes extremas em ambas as partes, além disso, destacou os padrões de beleza que são impostos na sociedade, e o quanto os indivíduos sofrem para atender essa expectativa social.

A prostituição foi outro tema discutido, evidenciando o quanto este tema está presente na realidade dos estudantes, onde destacaram o fato de muitas mulheres recorrerem a essa prática devido à falta de perspectivas e apoio social e financeiro, compreendendo que as pessoas devem saber primeiro a realidade de cada um antes de julgar, ressaltando a necessidade de políticas públicas que ofereçam oportunidades a essas pessoas.

Em sua fala sobre menstruação e saúde mental, a psicóloga explicou sobre algumas mudanças que ocorrem no corpo da mulher como a menarca, climatério a gestação, que podem afetar as mulheres devido às mudanças hormonais, além disso, ela incentivou os estudantes a desmistificarem alguns tabus relacionados à menstruação, destacando que o assunto deve ser reconhecido não apenas pelas mulheres, mas também pelos homens.

Outro assunto em destaque na entrevista foi a automutilação, na qual a psicóloga manifestou preocupação com relação essa prática e destacou a importância de abordar questões como ansiedade, automutilação e suicídio nas escolas, sendo a mensagem principal encarar os problemas e situações difíceis e não se automutilar como se fosse a solução, e buscar uma rede de apoio com pessoas confiáveis e profissionais.

Sobre a revelação da sexualidade à família, a psicóloga relatou alguns casos de pessoas que têm receio de compartilhar sua orientação sexual por medo de sofrer julgamentos, no entanto, destacou a importância de as famílias acolherem e respeitarem. Com relação à abordagem da educação sexual para com crianças e

adolescentes, a psicóloga enfatizou a importância de iniciar a conversa desde cedo, adaptando a abordagem conforme a idade e maturidade das crianças, a fim de promover uma comunicação aberta e prevenir contra eventuais problemas.

Ao final da entrevista, a psicóloga ressaltou a importância de compartilhar as informações discutidas na entrevista com outras pessoas, para que possam contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade melhor. A entrevista com a psicóloga proporcionou aos estudantes a oportunidade de obter informações sobre diversos temas relacionados à saúde mental, sexualidade e relações interpessoais. O diálogo aberto sobre esses temas auxilia os estudantes em sua jornada de crescimento e desenvolvimento pessoal.

A psicóloga, ao encorajar os estudantes a disseminarem as informações, só demonstra o comprometimento da profissional não apenas com o bem-estar individual dos alunos, mas também com o impacto positivo na comunidade, incentivando-os a serem agentes de mudança para uma sociedade de respeito mútuo.

Assim como na entrevista da enfermeira, também surgiram várias perguntas que não estavam previstas no roteiro, sejam de anseios pessoais ou curiosidades. Durante a entrevista a professora teve que intervir em alguns momentos, por conta de algumas falhas no áudio pelo Meet, além dos momentos em que vários alunos queriam falar ao mesmo tempo, precisando de uma intervenção a fim de evitar algum tumulto e auxiliar na compreensão e organização de todas as falas. No entanto, nada que atrapalhasse o andamento da entrevista, muito pelo contrário pôde ser observado que os estudantes estavam bastante atentos às falas da psicóloga, e participando ativamente, sendo um indicativo positivo da relevância e impacto do conteúdo abordado pela psicóloga, evidenciando um ambiente propício para a troca de ideias e opiniões (Figura 7).

Figura 07: Entrevista remota realizada com a psicóloga.

Fonte: Imagem do acervo da autora.

Os resultados desta etapa de entrevista demonstram o quanto os estudantes desenvolveram habilidades investigativas, como analisar suas hipóteses e sugestões apresentadas, assim como avaliar as intervenções propostas as problemáticas discutidas, e ir em busca de uma melhor fonte de informação e que sejam confiáveis e relevantes. Sobre a metodologia abordada, Carvalho (2011, p. 253) afirma que:

> Ao ensinarmos Ciências por investigação estamos proporcionando aos alunos oportunidades para olharem os problemas do mundo elaborando estratégias e planos de ação. Desta forma o ensino de Ciências se propõe a preparar o aluno desenvolvendo, na sala de aula, habilidades que lhes permitam atuar consciente e racionalmente fora do contexto escolar.

O avanço dos estudantes durante as investigações, demonstram, conforme destacado pela autora, o quanto o ensino por investigação oferece oportunidades para que os alunos reflitam sobre problemas do mundo real. Ao colocar os alunos no centro do processo de aprendizagem, os capacita e prepara para se tornarem cidadãos mais informados, engajados e capazes de enfrentar os desafios da sociedade contemporânea, dessa forma, é necessária uma abordagem educacional que valorize a investigação, a reflexão crítica e a aplicação prática do conhecimento.

5.4 Conclusão da sequência de ensino por investigação

5.4.1 Socialização

Durante a socialização em roda de conversa, os grupos tiveram a oportunidade de apresentar os pontos cruciais que aprenderam durante a investigação e contribuições para o seu desenvolvimento de forma integral. O grupo responsável pelo tema “Educação sexual” enfatizou que o tratamento deste tema não se limita apenas ao ato sexual, mas incluem orientações abrangentes, como autocuidado, consciência corporal, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e reconhecimento de situações de abuso sexual.

A ênfase do grupo numa abordagem abrangente da educação sexual reflete a compreensão de que o assunto vai além de questões puramente físicas para incluir aspectos emocionais e psicológicos, destacando a importância da educação sexual como uma parte importante do desenvolvimento humano.

Os estudantes também relembraram algumas falas importantes da psicóloga, o que demonstra o quanto a profissional contribuiu significativamente para a compreensão dos alunos sobre a educação sexual, impactando diretamente nas reflexões e aprendizados dos estudantes, e reforçando a importância de trazer outros profissionais para contribuírem com a educação.

Nas pesquisas realizadas pelos estudantes com os links disponibilizados, eles destacaram que uma parcela significativa da população brasileira acredita na importância da inclusão da educação sexual no ambiente escolar, tendo percepção de que a abordagem pode desempenhar um papel crucial na prevenção e proteção de crianças e adolescentes contra o abuso sexual. No entanto como destaca a autora Lopes (2019) devemos reconhecer a importância de uma parceria entre escola, saúde e família, pois cada uma possui responsabilidades na educação sexual e no bem-estar dos estudantes.

Destacaram também dados alarmantes referentes ao estado do Espírito Santo, onde foram registrados 1600 crimes contra crianças e adolescentes somente no ano de 2022, entre as vítimas, observou-se uma parcela considerável de casos de estupro,

principalmente envolvendo meninas. Essas constatações reforçam a necessidade da implementação de programas educacionais que abordem questões de abuso sexual nas escolas, visando a proteção e o bem-estar das crianças e adolescentes.

O grupo enfatizou a importância dos pais na educação sexual dos filhos e ressaltou que quando manifestam curiosidade os pais devem iniciar a discussão sobre o tema, isso é essencial para que os filhos não busquem informações em fontes não confiáveis. A sociedade discute frequentemente a idade apropriada para abordar o tema da sexualidade como se esta informação fosse importante apenas na idade adulta, uma perspectiva equivocada pois a sexualidade é inerente ao ser humano. Nesse contexto, segundo Bonfim (2012, p.114):

> As pessoas hoje têm acesso fácil às informações sobre sexo, mas continuam mantendo visões limitadas e distorcidas sobre a sexualidade, como já dissemos em outro momento; há uma grande diferença entre informar e formar, educar e conscientizar. (…) Os meios de comunicação criam símbolos sexuais e significações que influenciam profundamente o comportamento social, especialmente de crianças e adolescentes que ainda não possuem discernimento para refletir acerca desses “modelos” estrategicamente idealizados para favorecer a venda de produtos ou de comportamentos ditos “modernos”.

Essa análise ressalta a preocupação com a exploração comercial da sexualidade pelos meios de comunicação, e a necessidade de uma abordagem educacional que conscientize os jovens sobre a complexidade e a necessidade de uma educação crítica e reflexiva.

Os estudantes ressaltaram a importância de ensinar os filhos a utilizar corretamente os termos para descrever as partes íntimas, destacando a experiência compartilhada pela psicóloga sobre um caso de abuso sexual em que uma criança não conseguia fornecer os nomes corretos dos órgãos, onde alertaram sobre a necessidade de proteger as partes íntimas, permitindo apenas o contato por pessoas de confiança. Segundo Spaziani (2013) deve-se capacitar as crianças a identificarem casos de assédio e comunicarem-se com os pais, destacando a relevância da comunicação aberta entre pais e filhos, com a finalidade de orientar sobre como agir diante de ameaças de violência.

Ao falar sobre sexualidade, é importante enfatizar o papel tanto da família quanto do professor, onde os pais desempenham um papel crucial na decisão do que consideram certo ou errado para os seus filhos. Por outro lado, o professor tem a

responsabilidade de proporcionar aos estudantes momentos de reflexão e discussão para formar a sua própria opinião, além disso, é importante que os estudantes tenham acesso a informações científicas sobre sexualidade (FIGUEIRÓ ,2007).

No entanto os alunos enfatizaram que é compreensível que alguns pais não se sintam confortáveis para discutir este tema, seja por falta de conhecimento ou vergonha, mas é importante enfatizar que a educação e a conscientização sobre a sexualidade são cruciais para um desenvolvimento saudável dos jovens, evitando concepções errôneas sobre o tema.

O grupo responsável pelo tema “Violência Sexual e Valorização da Mulher” relatou terem aprendido que a violência e abuso sexual pode se expressa de várias formas como a violência mental e virtual, além da violência física. Destacam o fato de algumas crianças não reconhecerem que estão sendo abusadas, mesmo que considerem o comportamento estranho de alguém tocando nas suas partes íntimas, o que torna a discussão do tema importante para a conscientização e proteção dessas crianças.

Segundo Figueiró (2018), a educação sexual oferece uma abordagem diversa sobre o tema do abuso sexual infantil, que inclui, os cuidados com o corpo e o reconhecimento do toque abusivos, mas o autor enfatiza que para as crianças aprenderem a distinguir o afeto do abuso, é necessária a utilização de uma linguagem simples, objetiva e abrangente, onde as crianças são informadas sobre partes do corpo que não devem ser tocadas e a forma como agir com pessoas estranhas.

Os alunos enfatizaram a importância de tratar o assunto nas escolas por meio de palestras direcionadas a crianças e adolescentes, cujo objetivo é prevenir e identificar possíveis situações de abuso, inclusive aquelas relacionadas à família. Santos e colaboradores *(*2020) enfatizam o papel central das escolas na prevenção primária da violência contra crianças e jovens, na sensibilização para os direitos e nos programas de educação em saúde sexual que ajudam os alunos a desenvolver uma sexualidade saudável e a identificar abordagens inadequadas.

As escolas também podem desempenhar um papel importante na prevenção secundária, identificando e denunciando violência sexual ou suspeitas. Santos (2020) enfatiza a importância de denunciar esses casos, destacando que, além de ser um

dever moral, a denúncia pode prevenir outras situações de violência, prevenir a sua recorrência e evitar que outras crianças e jovens sejam vítimas do mesmo agressor.

O grupo apontou estatísticas que destacam a alta incidência de jovens que já foram vítimas de alguma forma de abuso sexual, tanto no estado do Espírito Santo quanto no Brasil, onde ressaltaram a importância de denunciar estes incidentes à polícia ou ao conselho tutelar e destaca a necessidade de toda a sociedade tomar medidas para combater esta violência.

Segundo Dias (2007), ainda existe um equívoco generalizado de que a violência sexual está concentrada nas classes sociais mais baixas, o que é simplesmente um preconceito infundado, pois o abuso não se limita a profissões, faixas etárias, grupos religiosos, situações, econômica ou de certas raças. Esta perspectiva enfatiza a complexidade do problema e a necessidade de abordagens mais amplas para tratar os casos de violência sexual em diferentes contextos sociais.

O grupo destacou a importância da valorização de todas as pessoas, independentemente do gênero, destacando a necessidade de promover a igualdade e o respeito mútuo. A discussão sobre esses temas na escola é essencial na prevenção e combate à violência sexual. Maia e Ribeiro (2011, p. 75) acreditam que

> a educação sexual na escola deve ser um processo intencional, planejado e organizado que vise proporcionar ao aluno uma formação que envolva conhecimento, reflexão e questionamento; mudança de atitudes, concepções e valores; produção e desenvolvimento de uma cidadania ativa; e instrumentalização para o combate à homofobia e à discriminação de gênero.

O grupo responsável pelo tema “Sistema Reprodutor e ISTs”, enfatizou a importância da reprodução para a continuação das espécies na Terra, onde descreveram o processo de produção de gametas, em que o masculino é produzido nos testículos, enquanto o feminino é produzido nos ovários, detalhando a trajetória percorrida por esses gametas até a fecundação.

Os alunos destacaram vários exemplos de infecções sexualmente transmissíveis que foram pesquisadas, como herpes oral e vaginal, HIV, sífilis e HPV, destacando os principais sintomas e incentivando o uso de preservativo para prevenção das ISTs, e a importância de se consultar com um profissional de saúde, independentemente de serem sexualmente ativos.

O último grupo responsável pela temática “Orientação Sexual” destacou a divisão da temática orientação sexual em dois termos, orientação sexual e identidade de gênero, que são conceitos separados, mas relacionados, referente a forma como uma pessoa vivencia e se identifica com sua sexualidade e identifica seu gênero. Segundo o grupo, a orientação sexual refere-se à atração emocional e sexual que uma pessoa sente por outras pessoas, onde mencionaram vários tipos de orientação sexual, como a heterossexualidade, a homossexualidade, bissexualidade, pansexualidade e a assexualidade.

Além disso, o grupo abordou a identidade de gênero, ressaltando que se trata de como uma pessoa se identifica em relação ao gênero, podendo ser masculino, feminino ou não-binário. A ênfase na importância de respeitar e aceitar a diversidade sexual e de gênero foi evidente, destacando a necessidade de construir uma sociedade inclusiva e justa, onde todos possam viver sua sexualidade e identidade de gênero com liberdade e autonomia, livre de discriminação ou preconceito (Figura 8).

Figura 08: Sistematização do processo investigativo.

Fonte: Imagem do acervo da autora.

Além da discussão de cada grupo, os alunos compartilharam experiências cotidianas de situações de abuso, homofobia, violência contra a mulher e gravidez na adolescência, tanto em contextos próximos quanto nos noticiários. Esta interação aumentou a compreensão dos alunos sobre os problemas sociais e destacou o

potencial do conhecimento e da informação como ferramentas poderosas para enfrentar estes problemas e propor soluções.

Como enfatizou Furlani (2020), o conhecimento biológico por si só não é eficaz na mudança de comportamento dos jovens, pois a educação sexual vai além de apenas tratar de reprodução, doenças e métodos contraceptivos. A educação sexual inclui todas as informações que ajudam a sociedade a reduzir preconceitos, discriminação e intolerância, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes.

Essa compreensão dos alunos é muito importante porque enfatiza a consciência social e o desejo de buscar mudanças positivas em relação a esses problemas. A partir desse entendimento, eles podem se tornar agentes de transformação, presentes como defensores dos direitos humanos, da diversidade e da igualdade de gênero em suas comunidades e além delas. Como destaca o autor Furlani, (2011, p.24)

> A Educação Sexual baseada na abordagem dos direitos humanos é aquela que fala, explicita, problematiza e destrói as representações negativas socialmente impostas a esses e as suas identidades “excluídas”. Trata-se de um processo educacional que é assumidamente político e comprometido com a construção de uma sociedade melhor, menos desigual, mais humana – na totalidade semântica desses termos.

O compartilhamento de experiências pelos estudantes proporcionou uma consciência coletiva sobre questões relacionadas à sexualidade e fortalece a luta por uma sociedade mais inclusiva e livre de violências, permitindo não apenas a transmissão de informações, mas também a análise crítica e reflexiva das atitudes individuais e coletivas em relação à sexualidade. Envolver os alunos em conversas e discussões, não apenas fornece exemplos práticos, mas também orienta a pensarem e a construírem novos conceitos, a partir do que está sendo discutido (KRASILCHIK, 2016)

Analisando a percepção dos estudantes referente à prática desenvolvida, percebe-se que as atividades oportunizaram aos estudantes exercerem o protagonismo, levando discussões abrangentes que possuem relação direta com sua realidade. Isso evidencia a importância de abordagens pedagógicas que estimulem a reflexão crítica e a participação ativa dos alunos, e promovam uma compreensão mais

profunda e reflexiva das questões relacionadas à sexualidade (MOIZÉS; BUENO, 2010).

5.4.2 Questionário

Após a conclusão da sistematização do conhecimento coletivo, foi aplicado aos estudantes um questionário referente à prática que foi desenvolvida. Este momento foi crucial, pois os alunos, por conta própria, organizaram suas ideias e destacaram o que realmente chamou a atenção durante as atividades, além de aprimorarem suas habilidades de escrita, e reflexão.

Essa abordagem, conforme Carvalho e colaboradores (2013, p.13) argumentam:

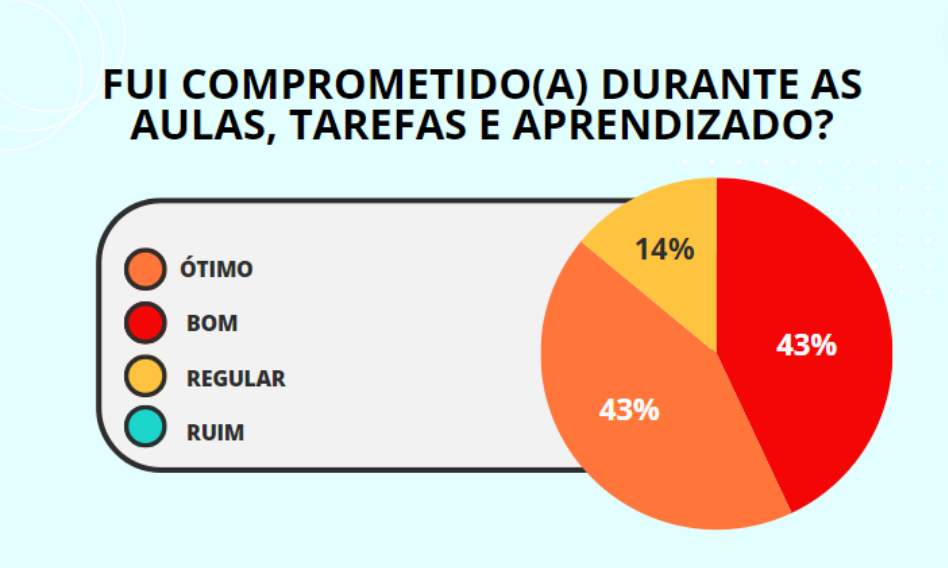
> [..] O professor deve, nesse momento, pedir que eles escrevam e desenhem sobre o que aprenderam na aula. O diálogo e a escrita são atividades complementares, mas fundamentais nas aulas de Ciências, pois, como o diálogo é importante para gerar, clarificar, compartilhar e distribuir ideias entre os alunos, o uso da escrita se apresenta como instrumento de aprendizagem [...]

Análise das questões objetivas do questionário:

Fui comprometido(a) durante as aulas, tarefas e aprendizado?

Como pode ser observado na Figura 09, a maioria dos estudantes avaliou seu comprometimento como "ótimo" ou “bom “, esse resultado é um indicador positivo do quanto os estudantes se sentiram satisfeitos com a prática desenvolvida e motivados a desenvolver as tarefas. Quanto os 14% das respostas serem “regulares” sugere o quanto alguns estudantes avaliaram sua própria participação como não tão satisfatória, seja por fatores individuais, ou receio, mas é importante ressaltar que isso não significa necessariamente falta de interesse, ou nenhum comprometimento no desenvolvimento na prática desenvolvida, visto que todos os estudantes participaram, apesar de que alguns mais do que outros, mas isso pode ser devido a diferentes abordagens e estilos de aprendizagem ou avaliação pessoal.

Figura 09: Pergunta sobre o quanto os alunos se sentiram comprometidos durante as aulas, tarefas e aprendizado.

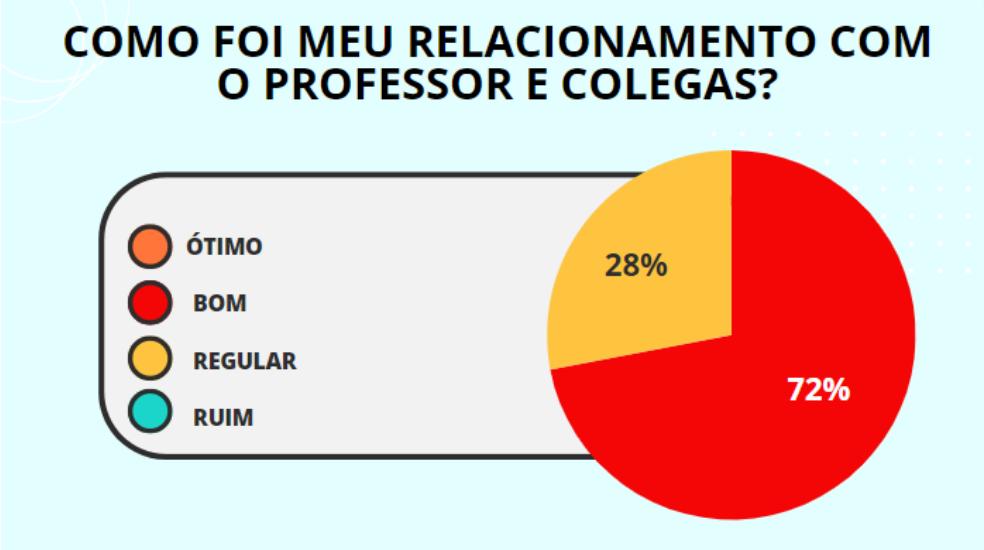


Fonte: Elaborado pela própria autora.

Como foi meu relacionamento com o professor e colegas?

Quanto ao relacionamento com os professor e colegas (Figura 10), a maioria dos alunos avaliou como “bom” sendo uma indicação positiva de que a maioria dos estudantes se sentiu confortável, acolhida em relatar suas opiniões pessoais, em desenvolver relações saudáveis em sala de aula, propiciando um ambiente de colaboração e comunicação construtiva, fatores importantes em um ambiente de aprendizagem.

Figura 10: Percepção dos alunos sobre como foi o relacionamento com o professor e colegas.



Fonte: Elaborado pela própria autora.

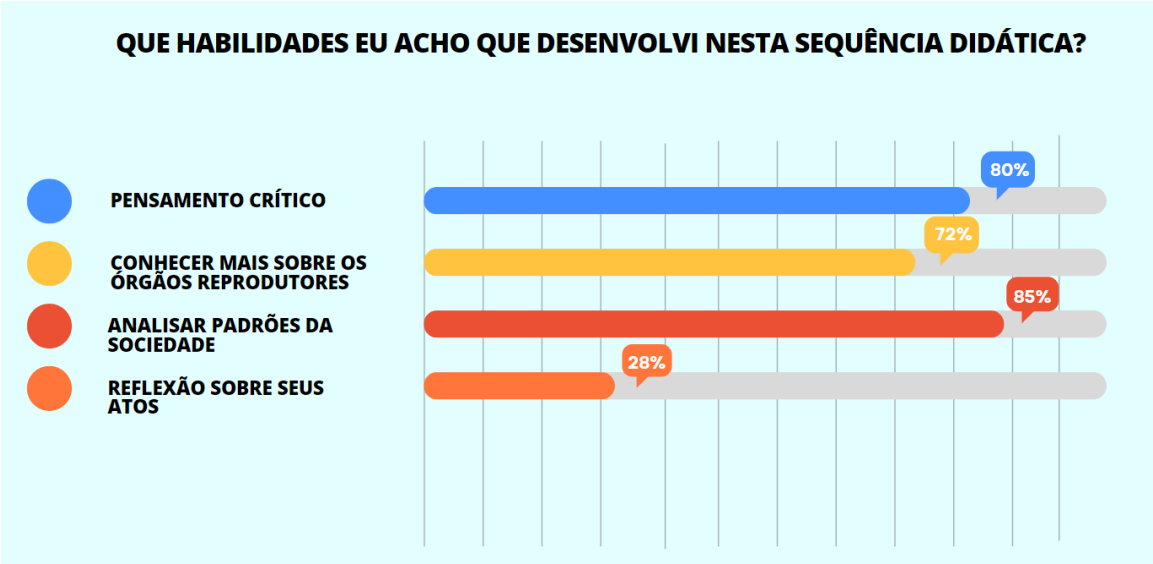
Com relação aos 28% das respostas terem sido “regular”, isso indica que um grupo minoritário de alunos teve uma experiência que não foi excepcionalmente positiva ou negativa, mas algo intermediário, onde os estudantes reconhecem sua individualidade e suas diferenças com os seus pares, este resultado também é um indicativo do quanto os alunos já se relacionam bem entre eles e com o professor, mesmo antes da prática ser desenvolvida, o que não impactou significativamente os alunos nessa questão. A ausência de respostas “excelente” ou “ruim” pode refletir uma visão mais equilibrada e realista das relações interpessoais, reflexo de uma relação que já está bem consolidada seja pela convivência em sala de aula ou pelas interações cotidianas.

Que habilidades eu acho que desenvolvi nesta sequência didática?

Os estudantes destacaram uma ampla gama de habilidades que consideraram ter desenvolvido (Figura 11), o que demonstra um resultado positivo da prática, onde grande parte dos estudantes indicou o desenvolvimento do pensamento crítico,

evidenciando o quanto a prática desenvolvida os incentivou a analisarem a realidade em que convivem e fazer uma avaliação crítica, formulando suas próprias concepções baseadas em fundamentos inclusivos.

Figura 11: Opinião dos alunos sobre quais habilidades desenvolveram durante a sequência didática.



Fonte: Elaborado pela própria autora.

Com relação ao aprofundamento no conhecimento sobre o sistema reprodutor, grande parte dos estudantes afirmou que compreendeu mais sobre este tema, ponto muito importante para os estudantes, pois compreender seu próprio corpo, propicia uma visão mais ampla de como se cuidar, prevenir e também cuidar do outro. Como destacado no trabalho de Lopes (2019) onde a abordagem desse tema nas escolas permite ampliar o entendimento dos adolescentes sobre sexualidade e as vulnerabilidades associadas a ela, por meio da conscientização, destacando implicações como gravidez na adolescência e ISTs, reduzindo as consequências negativas.

A maioria dos estudantes também destacou o desenvolvimento de habilidades analíticas de padrões presentes na sociedade, o que mostra o quanto a sequência didática estimulou a discussão sobre questões sociais e culturais, fomentando uma consciência crítica das influências sociais na formação de valores e atitudes em relação à sexualidade. É necessária uma abordagem contextualizada associada com

uma prática reflexiva para que os estudantes possam encontrar de forma independente caminhos mais seguros para tomar melhores decisões sobre questões afetivas e sexuais (FIGUEIRÓ, 2018).

A menção de uma parcela menor de estudantes sobre a reflexão de seus próprios comportamentos indica que o projeto também promoveu a autoconsciência e a autorreflexão, embora essa porcentagem seja menor em comparação com outras habilidades mencionadas, essa dimensão é essencial, destacando que um grupo de estudantes conseguiu realizar uma análise pessoal. Isso sugere que o projeto não apenas impactou o entendimento geral, mas também provocou uma reflexão mais íntima sobre as atitudes individuais em relação à sexualidade.

Análise das questões discursivas do questionário:

O que mais gostei de aprender durante a sequência didática?

Os estudantes descreveram terem desenvolvido uma *compreensão abrangente e positiva em relação a sexualidade*, na qual destacaram *ter gostado de vários assuntos* dentre eles citaram o *funcionamento dos órgãos reprodutivos, o processo de reprodução humana, orientação sexual, prevenção contra ISTs e o verdadeiro significado do que é o sexo*.

A menção dos alunos de terem gostado de tudo que foi desenvolvido na prática, demonstra o quanto a sequência didática foi satisfatória em abordar temas fundamentais para o desenvolvimento de uma compreensão mais ampla da sexualidade, despertando o interesse e a curiosidade dos alunos, além de esclarecer conceitos e termos que podem ser confusos ou incompreendidos por eles e que muitas vezes permanecem ocultos ou distorcidos na sociedade.

Nessa perspectiva Figueredo, Tavares e Silva (2018) destacam em seu trabalho o papel da escola de implementar atividades que promovam a orientação sobre a sexualidade, superando tabus, para que os jovens possam receber esclarecimentos e evitar a pressa em experiências que devem ser vivenciadas com naturalidade e consciência.

Algo que mais se recorda quando falamos da sequência didática?

Os estudantes descreveram que os aspectos mais marcantes da sequência didática, foi a *compreensão de que a sexualidade humana vai muito além da simples relação sexual*, abrangendo também *sentimentos e emoções*, além disso, ressaltaram uma *compreensão mais detalhada com relação a orientação sexual*. Ao explorar as dimensões emocionais, psicológicas e sociais envolvidas, os estudantes compreenderam a complexidade e a riqueza destes aspectos fundamentais da experiência humana e sociedade.

Como destacado no trabalho de Nogueira (2012), em que a conexão entre Educação e Saúde tem sido destacada como essencial para a implementação de estratégias de promoção da saúde que abordem a sexualidade de forma abrangente, indo além do enfoque reprodutivo, sendo importante incluir os adolescentes como cidadãos com direito ao exercício e à vivência de sua sexualidade de maneira plena, saudável e segura.

Os estudantes também mencionaram que a *dinâmica da "caixa de perguntas e sugestões" foi um ponto marcante da sequência didática*, pois essa dinâmica proporcionou aos estudantes uma oportunidade de expressarem suas dúvidas sobre questões sensíveis ou constrangedoras relacionadas a sexualidade de forma anônima, o que incentivou a participação ativa, eliminando preocupações sobre a associação de suas perguntas a eles pessoalmente.

Além disso, os estudantes *destacaram os momentos em que se reuniram em outros espaços da escola* como relevantes, pois permitiu uma interação mais dinâmica fora do contexto de sala de aula que eles vivem rotineiramente, na qual todos eles tiveram a oportunidade de contribuir, expressar suas opiniões e compartilhar ideias de forma aberta e sem o medo de serem julgados. Como é evidenciado também no trabalho de Queiros e colaboradores (2017), na qual, as oficinas e os grupos de discussão forneceram esclarecimentos e diminuíram preocupações, promovendo a

autorreflexão sobre a prevenção da gravidez e contribuiu para a autonomia dos alunos na escolha de contraceptivos.

Esta abordagem alinha-se também com à visão de Figueiró (2007, p.28) que destaca "[...] a educação sexual é muito mais do que aulas sobre a Biologia e a Fisiologia da Sexualidade; refere-se a proporcionar oportunidades para discussões, reflexões, debates em grupo, com os colegas, coordenados por um educador". Durante esse processo, é importante criar um espaço para abordar sentimentos, emoções, atitudes, preocupações e valores que são trazidos à tona e que os alunos não trariam para a sala de aula em contextos tradicionais de sala de aula.

Outro destaque foram as entrevistas, que os estudantes consideraram *momentos de esclarecimento de muitas dúvidas*, além disso, por serem especialistas na área da saúde, forneceram informações importantes e detalhadas, que contribuíram na desmistificação de tabus, mitos e desinformação sobre a sexualidade. Essa satisfação dos estudantes com as entrevistas, evidencia o quanto o envolvimento de profissionais nas discussões educativas, propicia aos estudantes o acesso a informações precisas e uma visão mais educada e cotidiana em relação a esses temas.

Discutir sobre a sexualidade (orientação sexual, sistema reprodutor, violência sexual, educação sexual, …) influencia negativamente os adolescentes ou jovens?

Os estudantes descreveram que uma *discussão aberta sobre temas relacionados à sexualidade não afeta negativamente os adolescentes*, pelo contrário, enfatizaram que o *acesso educativo a esses temas traz benefícios importantes que ajudam os jovens a obter as informações seguras e precisas*, como compreender o funcionamento do corpo humano, se prevenirem de uma gravidez indesejada, a identificarem possíveis situações de abuso ou violência e dos riscos associados às infecções sexualmente transmissíveis.

Conforme destacam Barros e colaboradores (2021), a consolidação da sexualidade dos jovens dá-se através da construção de conhecimentos sobre a educação sexual, sendo importante fornecer informações a uma ampla quantidade de

estudantes, permitindo não apenas ampliar as decisões e atitudes corretas em relação à sexualidade, mas também os capacitar a serem agentes de disseminação das informações.

Para os estudantes, abordar sobre a orientação sexual contribui para promover a aceitação e compreensão em relação às diferentes orientações sexuais e identidades de gênero, propiciando um ambiente mais inclusivo, e que incentive o combate de casos de homofobia. Essa perspectiva alinha-se com a visão de Lopes (2017, p. 3), que destaca:

> É necessário se despir de preconceitos para fazer uma educação cada vez mais humana, aberta às experiências múltiplas. Por isso, deve-se investigar a base da opressão, conhecê-la para que através da reflexão crítica e da prática educativa possamos contribuir na sua superação, discutindo a diversidade e o seu convívio, e fazendo emergir as contradições provenientes da realidade.

É importante questionar e modificar as ideias preconcebidas presentes na cultura e sociedade em relação a Educação Sexual, e a desconstrução dessas ideias é essencial para permitir uma compreensão mais aberta e inclusiva, evitando práticas discriminatórias, quando não são discutidas e questionadas, movimentos como esse têm o potencial de reforçar a narrativa difamatória historicamente associada à comunidade LGBT, conforme descrito por Louro (2003, p. 68):

> A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los às “gozações” e aos “insultos [...], fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejáveis ou ridículos.

Os estudantes destacaram que *a discussão sobre sexualidade também pode desempenhar um papel fundamental no processo de autoconhecimento dos jovens*, especialmente no que diz respeito à orientação sexual. Muitos jovens possuem insegurança e dúvidas sobre sua própria identidade sexual, e a oportunidade de receber informações claras e objetivas durante as discussões permite que eles explorem seus sentimentos e compreendam melhor quem são.

Essa analise se assemelha muito com o trabalho de Nuncio e colaboradores (2016) ao ressaltar que através de uma metodologia que proporcione para os educandos se autoconhecerem, é possível tratar a orientação sexual de maneira que eles se sintam capacitados para fazer escolhas conscientes e saudáveis para suas

vidas. Portanto, as discussões sobre temas relacionados à sexualidade proporcionam aos estudantes conhecimento, autocompreensão, conscientização, propiciando mudanças na sociedade que levam à paz e combate à violência.

Este trabalho, assim como os mencionados no referencial teórico com relação a práticas desenvolvidas no Ensino Fundamental II referente a temática da Educação sexual, se assemelham com este projeto por focarem em práticas baseadas na escuta e diálogo aberto entre os estudantes, sendo evidenciados por utilizarem com uma estratégia que promove o desenvolvimento integral desses alunos, que passam a se sentir engajados, protagonistas e conscientes de sua importância e contribuição perante a sociedade.

8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa explorou de maneira abrangente e aprofundada a implementação de uma sequência didática sobre sexualidade no contexto escolar, com foco na promoção da educação sexual, respeito à diversidade, desconstrução de tabus e com o propósito de desenvolver uma abordagem mais leve da sexualidade no ambiente escolar, buscando combater preconceitos e incentivar mudanças práticas e comportamentos.

A implementação da educação sexual nas escolas é uma tarefa difícil, mas o assunto deve ser abordado de forma direta e consciente, incentivando a introdução de métodos preventivos e possibilitando a reflexão, para que a instituição de ensino impacte diretamente na sociedade em que atua. Apesar de a BNCC não oferecer orientações mais amplas sobre a abordagem da educação sexual na sala de aula, a escola ainda é o ambiente mais propício para abordar a Educação Sexual, pois é um espaço de possibilidades de trocas e experiências, onde estudantes da mesma faixa etária vivenciam situações semelhantes e possuem dúvidas muito semelhantes. A escola não pode permitir que prevaleça uma cultura do silêncio, pelo contrário deve promover espaços para diálogos, esclarecimento de dúvidas, cultivando um ambiente pautado pelo respeito em relação a todos os aspectos inerentes à sexualidade.

Na prática desenvolvida, os estudantes evoluíram de meros ouvintes para participantes ativos, pois foram protagonistas nesse processo, construindo novos significados e buscando alternativas para lidar com as problemáticas. Esse protagonismo conferido aos estudantes não se limitou apenas à participação na prática, mas também foi fundamental para a construção desta sequência, visto que foram eles que formularam as problemáticas da sequência didática, desenvolveram métodos de investigação, como a entrevista, e sugeriram abordagens e soluções para as questões apresentadas.

O envolvimento dos estudantes na proposta pedagógica proporcionou a eles a oportunidade de organizar ideias, expressar pensamentos e aprimorar habilidades fundamentais, não apenas no âmbito acadêmico, mas também no desenvolvimento pessoal. Os relatos dos estudantes ressaltaram a importância de discussões abertas sobre educação sexual, contribuindo para a construção de um ambiente mais inclusivo. Além disso, a criação de espaços seguros, como a "caixa de perguntas e sugestões" e a realização de rodas de conversa e entrevistas foram identificadas como componentes valiosos para a promoção de diálogos construtivos.

Contudo, reconhece-se que o trabalho realizado não é suficiente para eliminar completamente os tabus e mitos relacionados à sexualidade entre os estudantes. No entanto, o reconhecimento da necessidade de abordagens contínuas e repetidas para tratar de sexualidade destaca a complexidade do tema e a importância desse processo formativo ao longo do tempo. Apesar das problemáticas não terem sido totalmente erradicadas, o progresso alcançado nesta prática evidencia a relevância da constante discussão sobre sexualidade na construção de uma educação mais aberta e inclusiva.

Conclui-se que a prática desenvolvida não apenas beneficiou os estudantes envolvidos, mas também ofereceu suporte valioso a outros educadores que buscam abordar essa temática em sala de aula, visto que a experiência compartilhada nesse projeto serve como um guia e inspiração para profissionais interessados em desenvolver novas práticas relacionadas à educação sexual no ambiente escolar. Cabe investigar de que forma estes e outros estudos relacionados ao tem têm chegado às escolas e aos professores.

No planejamento dessa sequência didática a expectativa era que fosse desenvolvida com menos aulas, no entanto os estudantes ao interagirem perdiam a noção do tempo o que prolongou a sequência didática. No entanto, caso outros educadores desejem implementar essa sequência, podem realizar ajustes e adaptações, garantindo uma abordagem mais adequada às características de cada escola e turma.

Minha expectativa é que os resultados apresentados neste trabalho incentivem outras escolas e possam orientar outros professores e enriquecer o processo educativo escolar, tornando as práticas pedagógicas relacionadas à sexualidade mais inclusivas, informativas, acolhedoras e seguras para todos os estudantes, capacitando-os a tomar decisões responsáveis e saudáveis em relação à sua sexualidade.

9 - REFERÊNCIAS

ABGLT. **Relatório da Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no brasil 2016: As Experiências de Adolescentes e Jovens LGBT em nossos Ambientes Educacionais. Disponível em: http://www.abglt.org.br/docs/IAE-Brasil.pdf. Acesso em 16 jul. 2023.

ALMEIDA, T.J. B. Abordagem dos temas transversais nas aulas de ciências do ensino fundamental, no distrito de Arembepe, município de Camaçari-BA. Candombá–**Revista Virtual**, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2006.

APAV. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. **Crianças e jovens vítimas de violência**: compreender, intervir e prevenir. Lisboa/Portugal, 2011.

ARAÚJO, F.M.P.A; SILVA, J. A; RODRIGUES, T.S. **Caracterização das infecções sexualmente transmissíveis em usuários da atenção básica**: uma revisão integrativa. Revista UNINGÁ, Maringá, v. 56, n. S2, p. 204-221, jan./mar. 2019. Disponível em: https://revista.uninga.br/uninga/article/view/2417. Acesso em 16 jul. 2023.

BARBOSA. L. U.; PEREIRA. J. de C. N.; LIMA. A. de G. T; COSTA. S. S. da; MACHADO. R. da S; HENRIQUES. A. H. B.; FOLMER. V. Dúvidas e medos de adolescentes acerca da sexualidade e a importância da educação sexual na escola. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 4, 12 mar. 2020.

BARROS, T. M. K. B. H. et al. Atitudes de alunos adolescentes perante a sexualidade: a construção e validação de uma escala. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 39, n.1, p.1-8, 2021.

BASTOS, G. D.; LUDKE, E. **Reflexões Sobre Gênero no Ensino de Biologia**: um olhar sobre o discurso de estudantes do primeiro ano do ensino médio acerca da gravidez na adolescência. Contexto & Educação, Ijuí, v. 32, n. 101, p. 142-174, jul. 2017.

BONFIM, C. **Desnudando a Educação sexual**. Campinas, SP. Papirus, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Subsecretaria de Assuntos Administrativos. **Regimento Interno do Ministério da Saúde**: Decreto nº 8.901, de 10 de novembro de 2016. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Secretaria- Executiva. Subsecretaria de Assuntos Administrativos, 2017.Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/regimento_interno_ministerio_saude. pdf. Acesso em: 16 jul. 2023.

BRASIL. Renato Palhano. Ministério da Saúde. **Infecções Sexualmente Transmissíveis:** Ministério da Saúde atualiza orientações e reforça prevenção. 2021

BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 83 – 111.

CABRAL, C. S; BRANDÃO, E. R. **Gravidez na adolescência, iniciação sexual e gênero:** perspectivas em disputa**.** Cadernos de resposta pública, v. 36, n.8, p. e00029420, 2020.

CAMARGO, de N. S. J.; BLASZKO, C. E; UJIIE, N. T. **O ensino de ciências e o papel do professor**: concepções de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12 EDUCERE, 2015. Curitiba. Anais. 2015.

CAMPOS, M. C. C.; NIGRO, R. G. **Teoria e prática em ciências na escola**: o ensino-aprendizagem como investigação. São Paulo: FTD, 2009.

CARVALHO, A. M. P de. **Ensino de ciências por investigação:** condições para implementação em sala de aula., São Paulo: Cengage Learning 2013.

CARVALHO, A. M. P. Ensino e aprendizagem de Ciências: referenciais teóricos e dados empíricos das sequências de ensino investigativas (SEI). In: LONGHINI, M. D. (Org.). **O uno e o Diverso na Educação**. Uberlândia: EDUFU, 2011. cap. 18, p. 253-266

CARVALHO, J.A. **O ensino por investigação como estratégia de ensino da temática sexualidade para adolescentes de uma unidade de internação socioeducativa**. 2016. f.51.Ensino de Ciências por Investigação. Monografia. Curso de Especialização no Ensino de Ciências por Investigação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2016. Disponível em https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBDAGSGHF/1/monografia_final_para_impress_o.pdf. Acesso em 16 jul. 2023.

CARVALHO, R. C. de S.; SILVA, F. A. R. e. **Uma sequência didática para o ensino de temas de sexualidade no ensino fundamental**: puberdade e adolescência. Experiências em Ensino de Ciências, v. 13, p. 617-630, 2018. Disponível em: <http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID561/v13_n5_a2018.pdf>. Acesso em 16 jul. 2023

CATARINO, E.M; ALMEIDA, M.P. **A importância do professor da educação infantil no combate à violência sexual infantil**. In: Anais Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar (ISSN-2527-2500) & Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar. 2017. Disponível em: Acesso em 16 jul. 2023

CHACHAM, A. S; JAYME, J. G. **Violência de gênero, desigualdade social e sexualidade:** as experiências de mulheres jovens em Belo Horizonte. Civitas: revista de Ciências Sociais, *[S. l.]*, v. 16, n. 1, p. e1-e19, 2016. DOI: 10.15448/1984-7289.2016.1.21760. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/21760. Acesso

em 16 jul. 2023

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 22, jan/fev/mar/abr. 2003.

CIASCA, S.V.; HERCOWITZ, A.; JUNIOR, A.L.; editores. **Saúde LGBTQIA +**: Práticas de Cuidado Transdisciplinar. 1. ed. São Paulo: Manole, 2021. 604 p.

COSENZA, R., GUERRA, L. B. **Neurociência e educação**: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COLLINS, R. L. et al. **Sexual Media and Childhood Well-being and Health. Pediatrics**, v. 140, n. Supplement 2, p. S162–S166, nov. 2017. Disponível em:<https://publications.aap.org/pediatrics/article/140/Supplement_2/S162/34185/Sexual-Media-and-Childhood-Well-being-and-Health?autologincheck=redirected>. Acesso em 16 jul. 2023.

COSTA, R. S. L.; SILVA, W. B. NASCIMENTO, K. J. O. Percepção de risco de adolescentes escolares em relação às infecções sexualmente transmissíveis em duas escolas de ensino médio do Acre. **Dê Ciência em Foco**, Rio Branco, v. 2, n. 2, p. 59-72, 2018.

CREPOP. Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas. Conselho Federal de Psicologia. Conselhos Regionais de Psicologia. **Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) na rede de proteção às crianças e adolescentes em situação de violência sexual.** Brasília: CFP, 2020.

CUNHA, L. R da. Transgêneros: conquistas e perspectivas. **Direito na Sociedade da Informação V**,São Paulo: Almedina, 2020.

DIAS, M. B. **Incesto e Alienação Parental**: Realidades que a justiça insiste em não ver. Editora Revista dos Tribunais, São Paulo, 2007.

EITERER, C. L.; MEDEIROS, Z. **Metodologia de pesquisa em educação**. Belo 93 Horizonte: UFMG, Faculdade de Educação, p. 48, 2010.

MOLICA, J**. Educação sexual ainda é tabu no Brasil e adolescentes sofrem com a falta de informação.** Tv Globo, Recife, 27/06/2019 às 00h21. Disponível em: https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2019/06/27/educacao-sexualainda-e-tabu-no-brasil-e-adolescentes-sofrem-com-a-falta-de-informacao.ghtml. Acesso em 16 jul. 2023.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: Como Ensinar No Espaço Da Escola. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 01-21, 2007.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: professores não podem doutrinar. Pais e mães podem? In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: saberes essenciais para quem educa**. Curitiba: CRV 2018c. p. 243-258.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. Londrina: Eduel, 2010.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de Educadores Sexuais**: adiar não é mais possível. 2a edição. Londrina: EDUEL, 2014.

FIGUEREDO, R.; TAVARES, C.; DA SILVA, A. M. **Discutindo a sexualidade em sala de aula**. In Congresso Internacional de Educação e Tecnologias, e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância. 2018. São Paulo. p. 7. 2018. Disponível em: https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/749/162. Acesso em 16 jul. 2023

FRANCO, R.; MARINHO, J. C.; DA SILVA, F. **Relato de uma experiência de estágio supervisionado em ciências desenvolvida a partir da perspectiva da educação para a sexualidade**. Revista Insignare Scientia - RIS, v. 3, n. 1, p. 340-356, 4 jun. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes segundo raça/cor**. Observatório da Criança e do Adolescente. São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.fadc.org.br/. Acesso em 16 jul. 2023.

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FURLANI, J. **Educação Sexual - possibilidades didáticas**. In: LOURO, G. L; HECKEL, J. F; SILVANA. (Org.). Corpo, Gênero e Sexualidade – um debate contemporâneo em educação**.** Petrópolis, Rio de Janeiro, 2003.

FURLANI, J. **Sexualidade e Estudos de gênero na escola**: como a biologia se coloca nessa discussão? Vídeo. 03 de set. de 2020 – 1h 46min 10seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qdjcLbiRBJE&ab_channel=SemanadoBi%C3%B3logoUniville>. Acesso em: 12 jan. 2024.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6.ed. São Paulo: Atlas. 2008.

GONÇALVES, R. C; FALEIRO, F. H; MALAFAIA, G. **Educação Sexual no contexto escolar:** impasses e desafios. **Honos**, v.29, n.5, 2013.

GUBERT, F, do A, et al. Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 11, n. 1, p. 165-172, 2009. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n1/v11n1a21.htm. Acesso em: 10 ago. 2023.

HOSSOTANI, J. de S. et al. **A técnica da caixa de perguntas anônimas como forma de trabalhar sobre o tema saúde e sexualidade**. 2014. Disponível em: http://eventos.ufgd.edu.br/enepex/anais/arquivos/791.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023

IBIAPINA, A. C; ROCHA, G. O. R da. Políticas públicas de enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil e no Maranhão. In: **Jornada Internacional de Políticas Públicas**. VI. Ed. Cidade Universitária da Universidade Federal do Maranhão, 2013.

JACOBSON, C. **A construção da sexualidade na família e seus contextos**. In: HORTA. Ana, Sexualidade na família. Ed. Expressão e Arte. São Paulo- 2007. p 31 a 40.

JUNQUEIRA, R. D. **A invenção da "ideologia de gênero"**. In: RIBEIRO, Marcos. (Org.) A conversa sobre gênero na escola: aspectos conceituais e político-pedagógicos. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de Biologia**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

LOPES, B. O Ensino de Gênero e Sexualidade na Formação de Professores. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN: 2179-510X. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1497836421_ARQUIVO_FazendoGenerorevisado.pdf > Acesso: 2020.

LOPES, E. Orientação Sexual no Ambiente Escolar. **Revista Insignare Scientia - RIS**, v. 2, n. 3, p. 109-116, 21 nov. 2019.

LOURO, G. L. e et al. **O corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**/ Guacira Lopes Louro (org); Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3ª ed.; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOURO, G. L. In:NECKEL, JaneFelipe, GOELLER,Silvana Vilodre (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. In: Petrópolis RJ, voses, 2003.

MACEDO, S. R. H.; MIRANDA, F. A. N; PESSOA JÚNIOR, J. M.; NÓBREGA, V. K. M. Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 66, n. 1, p. 103, 2013.

MAIA, A. C. B; RIBEIRO, P. R. M. **Educação Sexual**: Princípios para ação. 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/AnaClaudiaMaia/publication/341262997_EDUCACAO_SEXUAL_PRINCIIOS_PARA_A_ACAO_Doxa_v15_n1/links/5eb60a43299bf 1287f77decf/EDUCACAO-SEXUAL-PRINCIIOS-PARA-A-ACAO-Doxa-v15-n1.pdf>. Acesso em: 01 set. 2023.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 21 ed.Petrópolis: Vozes, 2009.

MODESTO, M. A. **BNCC, transversalidade, meio ambiente e ensino de história**: elementos para um diálogo entre história e a pedagogia. Boletim. Historiar,2018; 05(3): 14-28

MOIZÉS, J. S; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas

escolas segundo professores do ensino fundamental**. Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 205-212, 2010.

MONTEIRO, S. A. de S.; RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade e Gênero na atual BNCC: possibilidades e limites. **Revista Pesquisa e Ensino**, Bahia, v. 1, p. 1-24, maio de 2020.

MORAES, D.S; JUNIOR, L.A. da S.S; LUCKOW, H. I. **As Trajetórias Escolares De Alunos Lgbt**: Um Levantamento De Produções Bibliográficas. Paraná: PUCPR, 2017.

MORESCHI, M. T. **Violência contra Crianças e Adolescentes**: Análise de Cenários e Propostas de Políticas Públicas. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

MOTA, G. B; FRANCISCO, M. V. **Bullying e LGBTfobia**: um balanço da produção de artigos científicos no contexto escolar brasileiro. 2018. 15 f. Monografia (Pós-graduação em Docência e Gestão na Educação Superior) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2018.

MOTA, J. G. S. M. **Aplicação de uma Sequência Didática no Ensino de Biologia**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Centro de Ciências, Universidade Federal do

NEVES, V. F. A. Pesquisa-ação e etnografia: caminhos cruzados. **Pesquisas e práticas psicossociais**, São João Del-Rei, MG, v. 1, n. 1, p. 1-17, jun. 2006. Disponível em: < https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/revistalapip/Pesquisa-Acao_e_Etnografia..._- _VFA_Neves.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2023.

NOGUEIRA, M.J; MARTINS, A.M; RODRIGUES, A.R; BARCELOS, S.M.; MODENA, C.M.; SCHALL, V.T. **Escolas e Unidades Básicas de Saúde**: diálogos possíveis e necessários para a promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. Saúde em Debate, Rio de Janeiro, v. 36, n. 92, p. 117-124, jan./mar. 2012.

NUNCIO, A. P; FRANTZ, A. M. F; BRUSTOLIN, J. G.; KRONHARDT, K., CZEIKOSKI, W. L., & da CUNHA, G. **Uma proposta diferenciada para trabalhar com orientação sexual no Ensino Fundamental**. Anais do XV Seminário Internacional de Educação, 1, 1-17, 2016.

OLIVEIRA, F. E. S. HIV: conhecimento de jovens que concluem o ensino médio. In: IV **Seminário Estadual de Práticas Educativas, Memórias e Oralidades**, 2017, Fortaleza. Anais... Fortaleza: EdUECE, 2017. p.1688-1696.

Organização Mundial da Saúde e Organização das Nações Unidas (OMS/ONU). **OMS aborda consequências da violência sexual para saúde das mulheres**. 2018. Disponível em: < https://brasil.un.org/pt-br/80616-oms-aborda-consequencias-da-violencia-sexual-para-saudedas-mulheres >. Acesso em 16 jul. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Saúde sexual, direitos humanos e a lei**. Porto Alegre: UFRGS, 2020.

PAIXÃO, A. C. W da; DESLANDES, S. F. Análise das políticas públicas de

enfrentamento da violência sexual infantojuvenil. **Saúde soc.,** São Paulo, v. 19, n. 1, p. 114-126, mar. 2010.

PAULA, L. D; BRANCO, A. U. Desconstrução de preconceitos na escola: o papel das práticas dialógicas. **Estudos de Psicologia**, 39 [Dossiê: Psicologia Cultural da Educação], 1-12, 2022.

PICCIN, C. da S. B, C; MARTINS, F. S; OLIVEIRA, G. de B. A, K; RESSEL, L. B; RAMOS, T. K. Projeto adolescer: promovendo educação em saúde com adolescentes de uma escola municipal de Santa Maria. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**, v. 6, n. 2, 2017.

PROVENZI. J. **Educação sexual é fundamental para combater o abuso infantil**. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/educacao-sexual-e-fundamental-para-combat er-o-abuso-infantil/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

QUEIROZ, O. M. V; ALCÂNTARA, C. M; Gonçalves, M. B. E; BRASIL. E.G. M; SILVA, R.M. Participação de adolescentes em ações educativas sobre saúde sexual e contracepção. **Revista Brasileira em promoção da Saúde**, v. 29, n. sup, p. 58–65, 30 dez. 2017.

RAFART, M. **Sexualidade Humana**. Curitiba: Intersaberes, 2020.

SACRAMENTO, B. P.; PINA, G. R.; AGUIAR, J. S.; SILVA, K. A.; LUSTOSA, M. M.; SOUZA, M. J. C.; PEIXOTO, O. S.; NEIVA, R. P; NASCIMENTO, R. O; MENEZES, 53 R. A. O. Educação e saúde sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis no contexto escolar: Comportamento e conhecimento de adolescentes de uma escola pública de Belém- PA. In: MATTOS, S. M.; FREIRE, K. A. **Atenção Interdisciplinar em Saúde**. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, v. 4, 2019. p. 104 -117.

SANTOS, B. R. dos. O comunicado às autoridades de suspeitas ou ocorrências de violência contra crianças e adolescentes e o papel dos diversos órgãos do Sistema de Garantia de Direitos (SGD). In: SANTOS, B. R.; GONÇALVES, I. B. (Orgs.). **Escuta Protegida de Crianças e de Adolescentes Vítimas ou Testemunhas de Violência**: Aspectos teóricos e metodológicos – guia de referência para capacitação em escuta especializada e depoimento especial Brasília-DF; Universidade Católica de Brasília; Childhood Brasil, 2020.

SANTOS, L. H dos. **Educação Sexual no Ensino Fundamental**: construindo uma unidade didática. 2019. 149 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

SANTOS, L. P. Diversidade Sexual e Homofobia na Escola: Posicionamentos de professoras e professores do ensino básico. Volume 13, n 2. **Revista eletrônica da graduação/pós-graduação em educação**, 2017.

SASSERON, L. H. Alfabetização científica, ensino por investigação e argumentação: relações entre ciências da natureza e escola. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, 17(especial), nov, 2015, p. 49-67.

SASSERON, L. H.; CARVALHO, A. M. P. Alfabetização Científica: uma revisão

bibliográfica. **Investigações em Ensino de Ciências**, 16, 2011. 59-77

SASSERON, L. H.; CARVALHO, A. M. P. Almejando a alfabetização científica no ensino fundamental: a proposição e a procura de indicadores do processo. **Investigações em ensino de ciências**, v.13, n.3, p.333-352, 2008.

SASSERON, L. H; MACHADO, V. F. **Alfabetização Científica na Prática**. São Paulo: LF, 2017.

SASSERON, L.H. Interações discursivas e investigação em sala de aula: o papel do professor. In: CARVALHO, A.M.P. (Org.) **Ensino de ciências por investigação-Condições para implementação em sala de aula**. São Paulo: Cengage Learning, 2013. cap.3.

SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. **Conversando sobre sexualidade na família**: olhares de meninas de grupos populares. Cad. Pesqui. São Paulo, v. 43, n. 150, p. 924-947, dezembro de 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100 15742013000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16 jul. 2023.

SEFFNER, F. Equívocos e armadilhas na articulação entre diversidade sexual e políticas de inclusão escolar. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: SECAD/UNESCO, 2009. p. 125 – 140. (Coleção Educação para Todos, vol. 32).

SILVA, A. S. **Educação sexual, escola e família:** uma revisão integrativa. Curso de Saúde da Família, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-CE, 2018

SILVA, S. M. da; SANTOS, J. L. P. dos; ROSA, A. C. da S.; COSTA, J. P. R. da; FERREIRA, R. da S. B; SOUSA, J. R. R. de; CRUZ MATOS, J. da. Educação Sexual: Estratégias e obstáculos em uma escola pública. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, São Paulo, n. 35, e 1653, 1 nov. 2019.

SPAZIANI, R. B. e VIANNA. C. P. **Violência sexual contra crianças: a categoria de gênero nos estudos da educação**. Educação Unisinos, v. 24, 2020. Tradução. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2020.241.16. Acesso em 16 jul. 2023.

SPAZIANI, R. B. **Violência sexual infantil**: compreensões de professoras sobre conceito e prevenção. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2012.

THIOLLENT, M. **Notas para o debate sobre a pesquisa-ação**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1995.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Trad. M. Resende, Lisboa, Antídoto, 1979. A formação social da mente. Trad. José Cipolla Neto et alii. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1984.

ZERBINATI, J. P; BRUNS, M. A de T. Sexualidade e educação: revisão sistemática

da literatura científica nacional. **Travessias**, Cascavel, v. 11, n. 1, p. 76-92, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A- TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PPGEEB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Universidade Federal do
Espírito Santo

TERMO DE ASSENTIMENTO DESTINADO AOS ALUNOS

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você,_____,
está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa intitulada *"Sequência de Ensino por Investigação (SEI) sobre o tema integrador Gênero, Sexualidade, Poder e sociedade com produção de histórias em quadrinhos"* sob a responsabilidade de Isamara Oliveira Lima, aluna do programa de pós-graduação em ensino na educação básica PPGEEB , modalidade Mestrado Acadêmico em Ensino na Educação Básica, na Universidade Federal do Espírito Santo, Campus São Mateus, Centro Universitário Norte do Espírito Santo – CEUNES. Seus pais permitiram que você participasse.

Justificativa: A proposta desta pesquisa é apresentar aos estudantes temáticas cotidianas relacionados a sexualidade de uma maneira mais leve e dinâmica, a fim de que gere, discutam e reflitam sobre a formação de uma sociedade baseada em princípios de equidade, respeito e amor pelo próximo, conscientizando-os sobre a problemas sociais de violência e assédio contra mulheres, crianças e adolescentes, assim como práticas homofóbicas e gravidez na adolescência.

Objetivos: Analisar como a metodologia de ensino pesquisa-ação/ investigação e a produção de histórias quadrinhos podem contribuir para discussões acerca do tema sexualidade com ênfase no contexto social dos estudantes por meio da produção de roteiros investigativos e entrevistas semiestruturadas. Construir uma sequência didática baseada no ensino por investigação sobre o tema integrador Gênero, Sexualidade, Poder e Sociedade. Ressignificar o tema sexualidade em termos biológicos, sociais, políticos e éticos desconstruindo mitos, preconceitos e tabus. Produzir histórias em quadrinhos, narrando histórias cotidianas através de desenhos e textos sobre questões sociais e sua relação com a sexualidade. Avaliar a eficiência das intervenções, verificando se a metodologia utilizada impactou no conhecimento dos adolescentes sobre a sexualidade contemporânea.

Riscos e Desconfortos:
Os riscos envolvidos com esta pesquisa são mínimos e estão relacionados ao desconforto e à inibição em prestar as informações solicitadas, e neste caso, você poderá se negar a dar qualquer tipo de informação que cause constrangimento ou mesmo desistir da pesquisa a qualquer momento, sem a necessidade de explicar o motivo. Durante a pesquisa terá toda liberdade de fazer qualquer pergunta ou questionamento relacionado ao estudo.

Benefícios:
O benefício dessa pesquisa é contribuir no processo de ensino aprendizagem desenvolvendo juntamente com os estudantes discussões e reflexões sobre a temática sexualidade de uma maneira mais leve e dinâmica a fim de que os estudantes desenvolvam habilidades cognitivas, senso crítico reflexivo, autonomia, desconstruindo mitos e preconceitos sobre a sexualidade.

Garantia do Sigilo e Privacidade:
As suas informações ficarão sob sigilo, ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa.

PPGEEB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Universidade Federal do
Espírito Santo

Garantia de recusa em Participar da Pesquisa e/ou Retirada de Consentimento:
A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador e você não mais será contatado (a) pela mesma. Caso aceite poderá deixar de participar dela a qualquer momento de sua execução, sem que haja penalidades ou prejuízos decorrentes de sua recusa.

Esclarecimento de dúvidas:
Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, o (a) Sr. (A) pode contatar a pesquisadora Isamara Oliveira Lima, no celular (27) 99945-5068. O (A) Sr (A) também pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa – Campus do Ceunes pelo telefone (27) 3312-1519, e-mail: cepceunes@gmail.com/ comitedeetica.ceunes@institucional.ufes.br, endereço Rodovia BR 101 Norte, Km 60, Bairro Litorâneo, São Mateus, ES, CEP: 29.932-540.

Nesse sentido, gostaria de contar com a sua colaboração, através de seu Assentimento Livre e Esclarecido.

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Eu fui informado (a) pela pesquisadora responsável do presente estudo sobre os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.
Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO e tive a oportunidade de fazer perguntas, assim como, todas as minhas perguntas foram respondidas. Eu recebi uma via deste Termo de Assentimento, de igual teor, assinada pela pesquisadora principal e rubricada em todas as páginas.

São Mateus, ____ de _____de 2023.

_____
ASSINATURA DO (A) MENOR PARTICIPANTE DA PESQUISA

Na qualidade de pesquisadora responsável pela pesquisa *"Sequência de Ensino por Investigação (SEI) sobre o tema integrador Gênero, Sexualidade, Poder e sociedade com produção de histórias em quadrinhos"*, eu Isamara Oliveira Lima, declaro ter cumprido as exigências do termo IV.3, da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

São Mateus, _____de _____de 2023.

_____
PESQUISADORA RESPONSÁVEL

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PPGEEB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Universidade Federal do
Espírito Santo

TERMO DE CONSENTIMENTO DESTINADO AOS PAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DESTINADO AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEGAIS

O (a) menor _____ pelo (a) qual o (a) senhor (a) é responsável está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada "*Sequência de Ensino por Investigação (SEI) sobre o tema integrador Gênero, Sexualidade, Poder e sociedade com produção de histórias em quadrinhos*", sob a responsabilidade de Isamara Oliveira Lima, aluna do programa de pós-graduação em ensino na educação básica PPGEEB , modalidade Mestrado Acadêmico em Ensino na Educação Básica, na Universidade Federal do Espírito Santo, Campus São Mateus, Centro Universitário Norte do Espírito Santo – CEUNES, sob orientação da professora Karina Carvalho Mancini. Todas as informações necessárias sobre a pesquisa encontram-se relacionadas abaixo e, caso haja dúvidas, favor esclarecê-las antes da assinatura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Justificativa: A proposta desta pesquisa é apresentar aos estudantes temáticas cotidianas relacionados a sexualidade de uma maneira mais leve e dinâmica, a fim de que gere, discutam e reflitam sobre a formação de uma sociedade baseada em princípios de equidade, respeito e amor pelo próximo, conscientizando-os sobre a problemas sociais de violência e assédio contra mulheres, crianças e adolescentes, assim como práticas homofóbicas e gravidez na adolescência.

Objetivos: Analisar como a metodologia de ensino pesquisa-ação/ investigação e a produção de histórias quadrinhos podem contribuir para discussões acerca do tema sexualidade com ênfase no contexto social dos estudantes, por meio da produção de roteiros investigativos e entrevistas semiestruturadas. Construir uma sequência didática baseada no ensino por investigação sobre o tema integrador Gênero, Sexualidade, Poder e Sociedade. Ressignificar o tema sexualidade em termos biológicos, sociais, políticos e éticos desconstruindo mitos, preconceitos e tabus. Produzir histórias em quadrinhos, narrando histórias cotidianas através de desenhos e textos sobre questões sociais e sua relação com a sexualidade. Avaliar a eficiência das intervenções, verificando se a metodologia utilizada impactou no conhecimento dos adolescentes sobre a sexualidade contemporânea.

Riscos e Desconfortos:
Os riscos envolvidos com esta pesquisa são mínimos e estão relacionados ao desconforto e à inibição em prestar as informações solicitadas, e neste caso, você poderá se negar a dar qualquer tipo de informação que cause constrangimento ou mesmo desistir da pesquisa a qualquer momento, sem a necessidade de explicar o motivo. Durante a pesquisa terá toda liberdade de fazer qualquer pergunta ou questionamento relacionado ao estudo.

Benefícios:
O benefício dessa pesquisa é contribuir no processo de ensino aprendizagem desenvolvendo juntamente com os estudantes discussões e reflexões sobre a temática sexualidade de uma maneira mais leve e dinâmica a fim de que os estudantes desenvolvam habilidades cognitivas, senso crítico reflexivo, autonomia, desconstruindo mitos e preconceitos sobre a sexualidade.

PPGEEB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Universidade Federal do Espírito Santo

Garantia do Sigilo e Privacidade:

As suas informações ficarão sob sigilo, ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa.

Garantia de recusa em Participar da Pesquisa e/ou Retirada de Consentimento:
A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador e você não mais será contatado (a) pela mesma. Caso aceite poderá deixar de participar dela a qualquer momento de sua execução, sem que haja penalidades ou prejuízos decorrentes de sua recusa.

Esclarecimento de dúvidas:
Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, o (a) Sr. (A) pode contatar a pesquisadora Isamara Oliveira Lima, no celular (27) 99945-5068. O (A) Sr (A) também pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa – Campus do Ceunes pelo telefone (27) 3312-1519, e-mail: cepceunes@gmail.com/ comitedeetica.ceunes@institucional.ufes.br, endereço Rodovia BR 101 Norte, Km 60, Bairro Litorâneo, São Mateus, ES, CEP: 29.932-540.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS LEGAIS

Declaro que fui verbalmente informado (a) e esclarecido (a) sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito a participação do (a) menor pelo (a) qual sou responsável e compreendo que posso retirar meu consentimento e interrompê-lo a qualquer momento, sem penalidade. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pela pesquisadora principal em todas as páginas.

São Mateus/ES,_____de_____de 2023.

_____
ASSINATURA DO PAI/OU MÃE/OU RESPONSÁVEL LEGAL

Na qualidade de pesquisadora responsável pela pesquisa "*Sequência de Ensino por Investigação (SEI) sobre o tema integrador Gênero, Sexualidade, Poder e sociedade com produção de histórias em quadrinhos*" eu Isamara Oliveira Lima declaro ter cumprido as exigências do termo IV.3, da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

São Mateus/ES_____de_____de 2023.

_____
PESQUISADORA RESPONSÁVEL

APÊNDICE C - ROTEIROS INVESTIGATIVOS

Ciências

8º ano

Atividade investigativa

O que você tem mais curiosidade ou gostaria que fosse discutido sobre sexualidade?

Realizem uma discussão em grupo destacando hipóteses e propostas para solucionar os problemas apresentados abaixo :

ORIENTAÇÃO SEXUAL

- ·O que é orientação sexual?
- ·Qual a diferença entre pan e bi?
- ·Falar um pouco mais sobre pessoas transsexuais
- ·Sobre orientação sexual.
- ·É errado trocar de gênero
- ·Dúvidas entre pessoas bissexual e lésbica se ela e bi ou lésbica...?
- ·Tenho curiosidade de saber como tem pessoas que muda de gênero?

COMO RESOLVER ESSES PROBLEMAS?

Ciências

8° ano

Atividade investigativa

O que você tem mais curiosidade ou gostaria que fosse discutido sobre sexualidade?

Realizem uma discussão em grupo destacando hipóteses e propostas para solucionar os problemas apresentados abaixo :

EDUCAÇÃO SEXUAL

- ·Por que muitos seres humanos são desprovidos de bom senso e sabedoria para compreender os assuntos que envolva sexualidade?
- ·Eu gostaria que os professores falassem e explicasse sobre sexualidade, pois muitos alunos tem vergonha
- ·De confiar no seu filho para conversar
- ·Por que homem também sofre machismo?
- ·Como contar para os filhos de 7,8,9 anos sobre a questão do abuso?
- E porque aqui na escola quando chega absorvente; a "fulana "fala q tem q ir buscar-los com bolsa; Acabamos ensetivando essa ideia de que menstruação e tabu e que as mulheres tem que esconder.

.

COMO RESOLVER ESSES PROBLEMAS?

Ciências

8° ano

Atividade investigativa

O que você tem mais curiosidade ou gostaria que fosse discutido sobre sexualidade?

Realizem uma discussão em grupo destacando hipóteses e propostas para solucionar os problemas apresentados abaixo :

SISTEMA REPRODUTOR E ISTS

- Como os espermatozoide se forma no homem?
- Como a menstruação das mulheres ocorre, e como se forma o espermatozoide?
- Por que as mulheres tem seu emocional afetado pela menstruarão?
- Como os espermatozoides se torna humano?
- Falar mais das doenças sexuais

COMO RESOLVER ESSES PROBLEMAS?

Ciências

8º ano

Atividade investigativa

O que você tem mais curiosidade ou gostaria que fosse discutido sobre sexualidade?

Realizem uma discussão em grupo destacando hipóteses e propostas para solucionar os problemas apresentados abaixo :

VIOLÊNCIA SEXUAL E VALORIZAÇÃO DA MULHER

- ·Acho que deveria ser falado mais sobre o abuso sexual.
- ·Como contar para os filhos de 7,8,9 anos sobre a questão do abuso?
- Sobre consentimento, pois as vezes as pessoas acham que são obrigadas a fazer o que seu parceiro quer mesmo sem vontade, por ele(a) serem namorados /estarem juntos.
- Eles poderiam. Eu acho que os meninos tem que dar valor as mulheres e aprender porque isso er feio para os meninos. E aprender que não e fácil transa e engravidar e ter filhos.
- O contato dos homens deveriam ser diferente entre relação as mulheres?
- Que devem valorizar mais as mulheres e não só por sexo

COMO RESOLVER ESSES PROBLEMAS?

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO FINAL APLICADO AOS ESTUDANTES

Retrospectiva da sequência didática sobre sexualidade- 2023

Durante esse ano desenvolvemos uma sequência didática sobre sexualidade, e é muito importante analisar como foi desenvolvido, como foi importante essa experiência, o que aprenderam, onde podemos melhorar, onde acertamos. Preparei este questionário para que vocês possam avaliar esse processo.

Fui comprometido(a) durante as aulas, tarefas e aprendizado?

( ) Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim

Como foi meu relacionamento com o professor e colegas?

( ) Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim

Que habilidades eu acho que desenvolvi nessa sequência didática?
(Pode selecionar mais de uma)

( ) Pensamento critico
( ) Conhecer mais sobre os órgãos reprodutores
( ) Analisar padrões da sociedade
( ) Reflexão sobre seus atos

O que mais gostei de aprender durante a sequencia didática?

_____
_____
_____
_____

Algo que mais se recorda quando falamos da sequência didática?

_____
_____
_____
_____
_____

Discutir sobre a sexualidade (orientação sexual, sistema reprodutor, violência sexual, educação sexual, ...) influencia negativamente os adolescentes ou jovens?

_____
_____
_____
_____
_____
_____

APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A ENFERMEIRA

(…) “Boa tarde, a primeira pergunta é se você já teve algum colega de trabalho que já sofreu abuso sexual? Se sim, como você reagiu a isso?” (Aluno 1).

“Assim, não foi exatamente um abuso. Foi colega do trabalho (…), ela estava no consultório com ele sozinho e aí ele pegou e assediou ela, porém não teve um ato confirmado nem forçou ela a fazer o que não queria, no final o colega foi exonerado e a minha colega foi para outra unidade de saúde” (Enfermeira).

“A segunda pergunta é! Você já atendeu alguma pessoa que já sofreu abuso sexual?” (Aluno 2).

Eu nunca cheguei a atender casos assim confirmados até hoje, mas já tive colegas que atendeu, se a pessoa sofrer qualquer tipo de abuso sexual ou violência contra mulher ou física, psicológica (…) ela pode passar pela unidade de saúde que a gente faz uma notificação, a gente tem um programa que faz a notificação sem expor o paciente, colocamos qual o tipo de agressão, ou violência que ocorreu com a pessoa (…), para estar enviando o paciente ao psicólogo para fazer acompanhamento, com certeza vai ficar abalado(…) e também estar fazendo testes, para saber se esta com sífilis , HIV, Hepatite e entrar com a medicação” (Enfermeira).

“Você já atendeu alguma pessoa transsexual, ou que quis trocar de gênero?” (Aluno 3)

“Paciente não, (…). Já tivemos pacientes homossexuais que sente atração sexual por pessoas do mesmo sexo, isso é muito comum. Assim tem pessoas da minha família que mudou a opção sexual que ele nasceu homem e quis ser mulher, mas aí é uma opção sexual, mas não fez uma cirurgia de fato” (Enfermeira)

“Quando uma mulher troca de gênero de feminino para o masculino continua com o seu sistema reprodutor feminino apenas mudou o genital externo. Então como ela ejacula?” (Aluno não representante).

“A mulher também ejacula, o nome é orgasmo, (…) quando chega lá no ápice do prazer, (…), só que o homem junto da ejaculação tem os espermatozóides, a mulher não. E a quantidade também (…) depende da mulher, tem mulher que sai mais líquido, tem mulher que não (…), é variável.” (Enfermeira)

“Como o período menstrual ocorre? Os hormônios interferem de que forma neste período?” (Aluno 4).

“Ocorre primeiramente com a fase ovulatória que é quando os hormônios estão

todos alterados (…), quando acontece a ovulação aí a mulher entra no que a gente fala de período fértil da mulher, (…). É aí que vai acontecer a liberação do óvulo nas tubas uterina e aí pode acontecer a fecundação (…). Se não acontecer a fecundação o útero (…) aquele endométrio ele vai ser expelido que a gente chama de menstruação.

A mulher durante a menstruação começa a observar que (…) fica mais estressada, que a gente fala da TPM, dá aquela vontade exagerada de comer doce. A mulher fica mais nervosa, fica mais chorosa, isso aí são todas as alterações que os hormônios causam. Também os seios ficam mais doloridos, o corpo mais inchaço, começa a aparecer acne, algumas têm cólica (…) alguém sabe me dizer o que significa TPM?" (Enfermeira)

"Não! Não …" (alguns alunos) "Tensão pré-menstrual?!" (Aluno 4)

"Isso! Antes da mulher menstruar aqueles sintomas (…) é a tensão pré, significa antes, vem antes da menstruação." (Enfermeira)

"Tem a idade exata para a realização de atividade sexual?" (Aluno 5)

"Não tem uma idade específica (…) Só que a gente tem que pensar em tudo, a partir do momento que você teve uma relação sexual pode acontecer de ter uma gravidez ou adquirir uma doença sexualmente transmissível.

Uma pré-adolescente com onze anos não tem o corpo totalmente formado ainda, nem chegou a sua maior idade ainda, e já está grávida? não terminou os seus estudos ainda. Então, a gente fala o que? A fase que você tá preparada é aquela fase que você já tem mais ou menos uma estabilidade na sua vida, porque o que vier acontecer através dessa relação sexual, você consiga assumir suas consequências.

Se acontecer de um menino engravidar uma menina ou a menina engravidar, quem vai cuidar do seu filho vai ser você? Tem condições financeiras para manter uma criança? Então é pensar nas consequências? Ah, mas eu vou ter relação sexual, não tô pensando em engravidar, pode acontecer de no momento não ter um preservativo e você querer fazer sem camisinha, pode acontecer da camisinha estourar (…). Uma gestação, pode interromper o futuro pela frente, interromper os estudos, interromper uma faculdade, interromper talvez um sonho que você tem de ir embora e de estudar em outro lugar, de construir sua vida, é uma consequência que você vai ter que carregar pra vida toda! Sem falar de uma doença sexualmente transmissível! (…), a gente tem que pensar que tem o momento certo de acontecer e tem as suas consequências." (Enfermeira)

"Explique um pouco sobre a herpes. Você já atendeu alguma pessoa com essa doença?" (Aluno 6).

Sim! Já atendemos alguns casos, às vezes a pessoa chega e não sabe que é a doença, né? Mas fala os sintomas pra gente (…) e a gente acaba chegando a conclusão do diagnóstico de que é herpes, que é mais comum do que a gente imagina. Porque tem vários tipos de herpes, que pode ser herpes genital e bucal, (…) ela é transmitida através daquele líquido que tem dentro das vesículas, no caso as bolhazinhas, muita gente tem, ela não tem cura, mas também não é alarmante assim, ah eu vou morrer porque tenho herpes! Não! É bem fácil de tratar, com pomada, antivirais, tranquilo de tratar, (…), toda vez que a imunidade baixa, ela volta a aparecer." (Enfermeira)

"A herpes é transmitida apenas por relação sexual?" (Aluno não representante)

"Também, ou por qualquer tipo de contato com o líquido dentro da vesícula ou a feridas aberta (…) É, às vezes nem sempre acontece no ato sexual, (…), às vezes a pessoa ela tem o vírus e está ativo naquele momento e você troca uma peça íntima (…), usa a mesma toalha, (…). A herpes é causada por um vírus que não tem cura, então os remédios são apenas para amenizar a dor (…) os sintomas. Mas em algum período, e época da sua vida, ela pode aparecer novamente (…) uma vez que você adquiriu a herpes você vai ter que conviver com ela pro resto da vida.

A troca de peça íntima, ah! Vou na casa do meu colega, esqueci de levar a minha calcinha ou minha cueca e vou usar a dele? Você tem que pensar que você pode estar pegando uma doença sexualmente transmissível (…) que causa muito desconforto, tem pessoas que manifestam febre, as bolhinhas elas vão estourar e depois na hora de você fazer xixi, na hora de passar o papel higiênico vai arder. Então assim, causa muito desconforto e mal-estar (…) a herpes labial mesmo usando o mesmo copo, o batom também acontece de pegar." (Enfermeira).

"Por exemplo, a pessoa pode ter relação sexual com outra que está com alguma doença e não pegar?" (Aluno não representante)

"Pode sim! porém tem doenças que demora meses, semanas e anos pra manifestar, tem doenças que só vai manifestar quando o seu sistema imunológico estiver muito baixo. (…) Então você vai fazer exames e não vai manifestar nada (…) mas uma hora ela pode manifestar e ativar no seu organismo, e você vai ter que viver com aquilo ali pra sempre. Algumas doenças têm cura, tem tratamento, mas tem doenças que não tem." (Enfermeira)

“Quais doenças sexualmente transmissíveis são mais comuns de atender em seu trabalho?” (Aluno 7)

“(…) Em nossa unidade de saúde a doença que tem mais incidência acho que é a sífilis, mas tem outras doenças igual a herpes que é bem comum, mas neste caso às vezes a pessoa nem procura, trata mesmo com os próprios remédios em casa. Porque como a herpes (…) o tratamento vai ser sempre o mesmo que é antiviral e uma pomada pra diminuir coceira e dor, (…) já a sífilis a pessoa aparece os sintomas, só que como ela é lenta às vezes a pessoa nem nota, (…) aparece uma ferida e depois a ferida não tem dor, ela aparece no órgão genital e desaparece aí depois de um tempo ela começa a manifestar umas manchas na palma da mão, na planta dos pés.

Então assim, são sintomas grandes até chegar na fase terciária que a gente fala que começa a comprometer, a parte neurológica, e cardiovascular (…) que chegou nessa fase e já está comprometendo outros órgãos. Então ela vai levando aquilo ali, às vezes ela vai lá fazer um teste mesmo só por curiosidade e acaba descobrindo. Outra doença é a hepatite, seja b ou c, (…), às vezes vai fazer um ultrassom e o fígado tá comprometido, e aí começa a comprometer outros órgãos e aí começa a ter curiosidade de saber, vai fazer um exame e constata” (Enfermeira)

“Tem uma maneira correta de fazer a higienização das partes íntimas?” (Aluno 8).

Com certeza! O uso de bucha, sabonete, né? A gente fala que ficar lavando muito acaba tirando a flora natural do órgão genital e tirando a proteção. Então, pode acontecer a proliferação de fungos, bactérias e acaba acontecendo uma candidíase (…). (Enfermeira)

“em uma dúvida, quando duas pessoas fazem o ato sexual e o homem tiver usando camisinha, preservativo. Eh não tem possibilidade de a mulher engravidar não né? só se a camisinha estiver estragada, danificada?” (Aluno não representante)

“É! Se estourar a camisinha. Às vezes rompe a camisinha e você não percebe, às vezes a camisinha tem lubrificante, então no ato sexual você não percebe (…). O único meio que temos de contraceptivo que previne tanto a gravidez quanto às doenças sexualmente transmissíveis é a camisinha. (…).

APÊNDICE F- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PSICÓLOGA

“Eh… como fica a sanidade mental de uma pessoa depois de um abuso

sexual?" (Aluna 1)

"Bom, a primeira coisa que eu tenho que tratar com vocês é que o nosso corpo é do nosso domínio, nós que controlamos ele, quando tem uma outra pessoa que viola isso tem suas consequências (…). O abuso sexual ele não afeta sói o físico, mas também afeta o emocional (…) a gente entende que está ultrapassando aquilo que a gente achou que era nosso só nosso e que a gente tem que permitir o acesso de alguém. Isso afeta muito o emocional porque vai vir exatamente violar a propriedade do nosso corpo (…) (psicóloga)

"A pornografia pode intensificar os casos de estupro?" (Aluno 2)

Acredito que não seja a pornografia. Mas acredito seja a pessoa que assiste a pornografia (…) A pessoa pode até assistir vídeo de pornografia, mas se ela tiver caráter ela nunca vai violar o corpo de uma pessoa sem autorização. Então eu acredito que o problema não é o que a pessoa vê, mas o que ela é frente aquilo que ela está vendo (…). É o caráter dessa pessoa (…), a gente tem que entender que no mundo tem pessoas de caráter ruim, (…). (Psicóloga)

"A pornografia desvaloriza as mulheres?" (Aluno 3)

"Vamos lá pensar… levando em consideração que eu nunca analisei um vídeo pornográfico ficaria bem difícil responder isso pra vocês, mas vamos na prática. A gente está numa sociedade que valoriza a mulher?" (psicóloga)

"Não! Mais ou menos! (Alguns Alunos)

"(…) Estamos em uma sociedade atual extremista, e isso é ruim, ou as pessoas puxam muito para o machismo muito pro feminismo, e muitas vezes não querem mesmo entender. (…) o feminismo é importante, mas não de forma extremista. O feminismo veio para que as mulheres fossem valorizadas, (…) reconhecidas. (…) a gente tem que pensar na nossa cultura, que quer que a mulher tenha um corpo esbelto, peitão, bundão, silicone, que não deve agir como ela é, que tem vergonha de ter estrias de ter celulite. Então estamos em uma sociedade que pinta um objeto de venda (…). Uma mulher que participa de um filme pornográfico de uma revista ela não está sendo desvalorizada porque é um trabalho. (…) porém a imagem que querem passar desvaloriza a mulher, desvaloriza o homem (…) assim como desvaloriza o ato sexual.

(…) Então por isso que a gente tem que pensar sempre em valores, e lembrar que estamos em uma sociedade corrompida, e que pra gente mudar a cultura, a gente precisa mudar primeiro os indivíduos a gente não muda a cultura sem mudar de forma

individual (…) seja os padrões de beleza ou preconceito (…)" (psicóloga)

"Tem mulheres que se prostituem para alimentar os filhos, ou para manter algum vício! "(Aluno não representante)

(…) a gente não está aqui pra julgar ninguém, mas falar o que é certo (…). A gente está numa sociedade que precisa realmente ser trabalhada (…) é muito triste a gente ver por exemplo a gente tá falando de mulheres (…) ou adolescentes que por não terem muita perspectiva na vida acabam achando que a única solução é vender o que tem de mais precioso que é seu próprio corpo (…).

(…) e aí aparece uma adolescente grávida, e geralmente o adolescente menino ele não é falado, porém não é só a menina que tá grávida, o casal fica grávido (…). Aí você para pra pensar, se a menina está grávida a família vai e põe pra fora de casa com uma criança pequena, sem ter como alimentar o filho, pra ter uma moradia, ela não se dá uma base, uma estrutura (…).

Então o que está precisando também é de uma assistência social funcionando, da saúde funcionando, de políticas públicas eficientes, pois para muitos jovens a falta de apoio e assistência a prostituição se torna a única opção (…). Então antes da gente apontar o dedo pra ser assim, a gente tem que conhecer a história das pessoas, entendeu? E isso que você falou é muito comum." (psicóloga)

"Aí às vezes também quando um adolescente ou jovem engravida a mulher, aí ele não quer assumir o filho, aí ele pega e finge que nem aconteceu aquilo, só fez aquilo por querer fazer e larga o filho lá com a mãe. Aí a mãe tem que dar o corpo pra poder ganhar dinheiro, pra poder sustentar o filho. Aí tem gente que até fala que ela perdeu a dignidade alguma coisa assim (…)". (Aluno não representante)

(…) é muito mais sério… tem mulheres que vendem o corpo por uma lata de leite, entendeu? É todo um sistema que precisa ser trabalhado, não é só falar de educação sexual, é falar de identidade, é falar de merecimento, é falar de percepção, (…).

Falar do sexo por exemplo, não é falar com alguém que tem que fazer sexo, falar de sexo muitas vezes é prevenir uma prática sexual de desrespeito, violência.

Tanto para os meninos quanto para as meninas a frente da nova sociedade diz que a gente tem que sair por aí fazendo o que todo mundo quer, que tem que aproveitar a vida, e agora! e a gente nunca teve um número tão grande como agora de ISTS, gravidez na adolescência…" (Psicóloga)

"Psicóloga! Como a menstruação afeta o emocional da mulher?" (Aluno 4)

“Humm! Ótima pergunta… acontece várias mudanças no corpo da mulher, e na vida da mulher como um todo tem três fases que são muito relacionadas ao adoecimento mental, emocional (…) com a puberdade que vem a menarca que é a primeira menstruação, o outro é o climatério que vem juntamente com ele a menopausa, quando a mulher fica mais velha e tá deixando de menstruar e o último é o período gestacional. Esses três momentos na vida de uma mulher é propício ao adoecimento mental, porque a mulher fica vulnerável, mexe com a parte hormonal.

O adoecimento mental não é só para os pensamentos, quando o médico avalia a parte hormonal da nossa visão biologia, ciência (…) também afeta o emocional.

Tem um palavrão que vou ensinar pra vocês! Que eu gosto muito… biopsicossocial espiritual. O que significa isso, nós seres humanos somos bio carne, psico mente, pensamentos sensações, social é as relações, e o nosso espiritual que é independente de qual seja, o ser humano vai ter fé, em quem for, por exemplo em Deus (…).

Então a gente precisa falar dessa totalidade, (…), a menina adolescência tem essa dificuldade de reconhecer quem ela é, com toda a mudança do corpo, (…) e a perceber que o corpo dela não é mais de uma menina, mas de uma mulher (…).

O trabalho que a gente tá fazendo, e que eu tô fazendo com vocês agora e com a professora é extremamente importante, pois cada vez mais precisamos falar sobre isso. Menino, precisa saber de menstruação? Precisa! pois, se ele estiver dentro de um casamento com uma menina, ele tem uma mãe, ele tem uma sobrinha, ele fala com as amigas, ele precisa conhecer até mesmo para ajudá-la. Por exemplo, (…) no processo de TPM não é só no pré-menstrual em termos emocionais, é um transtorno pré-menstrual em termos físicos também (…) fica dolorido, senti uma dor no pé de barriga, costas ficam mais doidas na lombar.

A gente tem que parar de ter vergonha de falar sobre menstruação, menstruação é vida, menstruação faz parte da vida da mulher. Os meninos também sofrem mudanças na menarca, quando vem a primeira ejaculação do menino. (…)” (psicóloga)

“Como ajudar o psicológico de uma pessoa após o abuso e estupro?” (Aluno 5)

Não existe uma maneira específica, o que vocês precisam entender é que a psicologia é uma ciência, e que não posso usar a minha visão pessoal para tratar a psicológica dessa pessoa então o primeiro passo é sempre acolher. (…) pergunto se

posso abraçar, pois chega muito fragilizada e pode ter aversão ao abraço (…).

Então precisa oferecer à pessoa um cenário de confiança, responsabilidade (…). Então a primeira coisa é acolher, ouvir com verdade, ser sensível ao outro e dar o apoio que a ciência e psicologia prega.

(…) na psicologia tem que processar a dor, dar um novo significado para aquela dor que é processo de entender que a culpa não foi sua, que você não tem responsabilidade sobre os atos do outro, e a partir do momento que você mudou o significado aí sim eu consegui criar um novo caminho, entender que aquela dor existiu e que agora ficou uma cicatriz (…). Até porque (…) é necessário dar um novo significado, se não toda vez que ocorrer um ato sexual, pode projetar e enxergar tudo e vai entender que o sexo é lugar de dor, de raiva, é um lugar de ódio, e a conseguir realizar o ato. Então, tudo tem que ter calma, processo, não existe psicologia, cura de um minuto, tudo na psicologia é um processo que vem da pessoa, psicólogo não dá as respostas o psicólogo usa técnica para a pessoa ache nela mesmo a solução para o que está acontecendo". (Psicóloga)

"Aí nesse caso também a pessoa começa a colocar muita coisa na mente, e a mente vai embaralhando: a culpa é minha por deixar um homem me assediar! no caso do homem também essas coisas, e aí a pessoa começa a lesionar o próprio corpo com raiva de si mesmo". (Aluna não representante)

"Sim! (…) aqui no município a gente tá tendo um projeto, o nosso projeto se chama Roda de Acolhimento a Escola, na totalidade do ser, o SER significa ser humano em sua essência rompendo os seus limites. E nessa roda vão ser em quatro encontros em cada escola do sexto ao nono a gente vai falar sobre ansiedade, automutilação, suicídio, e a gente vai falar sobre autoconhecimento e valor pessoal. Por quê? Porque a automutilação tem sido algo assim muito presente porque o nosso cérebro (…) não sabe separar o que é real, o que é imaginário. Quando eu imagino muito algo, meu cérebro começa a acreditar naquilo e começa a entregar o meu corpo.

Então, por exemplo, eu sofri um abuso sexual, eu começo a acreditar que eu sou culpada, (…), que eu não tenho valor, que o meu corpo não tem valor, que a minha identidade não tem valor. E eu começo a fazer automutilação pra que eu sinta dor na carne e diminua a minha dor emocional e é outra mentira que o cérebro conta, porque quando a dor da carne passar, a dor emocional vai ficar mais forte, porque vem mais um sentimento de culpa. Pera aí, o outro não me respeitou, nem eu mesma me respeito, o outro me violou, eu mesma me violo, sabe? Então assim, não adianta,

não resolve, eu sei que muitas escolas agora mesmo quando a gente tá conversando têm uma adolescente fazendo automutilação e a gente precisa falar sobre isso, sabe? E falar que não vale a pena, falar que não resolve, falar que eu apoio, falar que eu te respeito, que eu sei que não é frescura, eu sei que você não faz pra fazer chantagem, que eu sei que você não faz pra chamar atenção (…).

A sua vida importa, você importa e por mais que você tenha tido responsabilidade sobre qualquer coisa as responsabilidades trazem sim consequência, mas a consequência não precisa ser o final da sua vida. A gente é um eterno tornar-se, né? A gente tá em construção até o último dia, até o momento do nosso fôlego acabar, a gente tá em construção. Eu estou aqui conversando com vocês, mas eu não sou dono do conhecimento, entendeu? (…) eu não domino todos os assuntos, mas dou tudo de bom daquilo que eu sei em prol da vida do outro. (…) a automutilação é também usar drogas, é beber bebida alcoólica (…) é arranhar meu corpo, bater minha cabeça na parede, tudo isso é automutilação" (Psicóloga)

"A senhora já teve algum caso de uma paciente, que teve medo de revelar a sua sexualidade para a família?" (Aluna 6)

"Sim já tive! Geralmente acontece de início na fase da adolescência, porque muitas vezes a pessoa está se percebendo, e aí entra em questionamento com ela mesmo. E assim independente de religião, uma coisa que eu quero dizer pra você é que Deus é amor, então eu tenho que amar o meu próximo independente de como ele se perceba, vocês entenderam? Independentemente de como ele se perceba. Então, tem que começar a trabalhar essa visão de que você precisa ser honesto com você mesmo. Como que você percebe? Você sabe das consequências? (…) Como é que é tua concepção de você mesmo? Como você está lidando com isso? E falar também das consequências porque a gente tá num mundo que prega que aceita, que respeita, que luta (…), mas não aceita, por isso que muitos homossexuais são mortos, a gente percebe muitos homossexuais sendo agredidos por ser homossexuais. Então a gente tem que pensar na totalidade e como família você precisa sim entender que você precisa de pessoas que amem do seu lado e é difícil, assim como para própria pessoa é difícil dizer para a família que é homossexual, (…). A gente não usa mais o nome homossexualismo com o ismo no final, por que ismo significa doença, então é homossexual mesmo, relação homoafetiva.

E eu falo sempre, pra você é essa realmente a sua identidade é assim que você se percebe, porque a gente entra numa sociedade… como é que eu posso dizer

pra vocês de luta! Então antes de enfrentar o mundo olhe na verdade como está você.(…) Porque a gente tem que falar com muito cuidado sobre isso, será que eu estou me enxergando ou eu tô me espelhando no outro?" (Psicóloga)

"Com quantos anos a mãe já pode discutir sobre o assunto da sensualidade?" (Aluna 7)

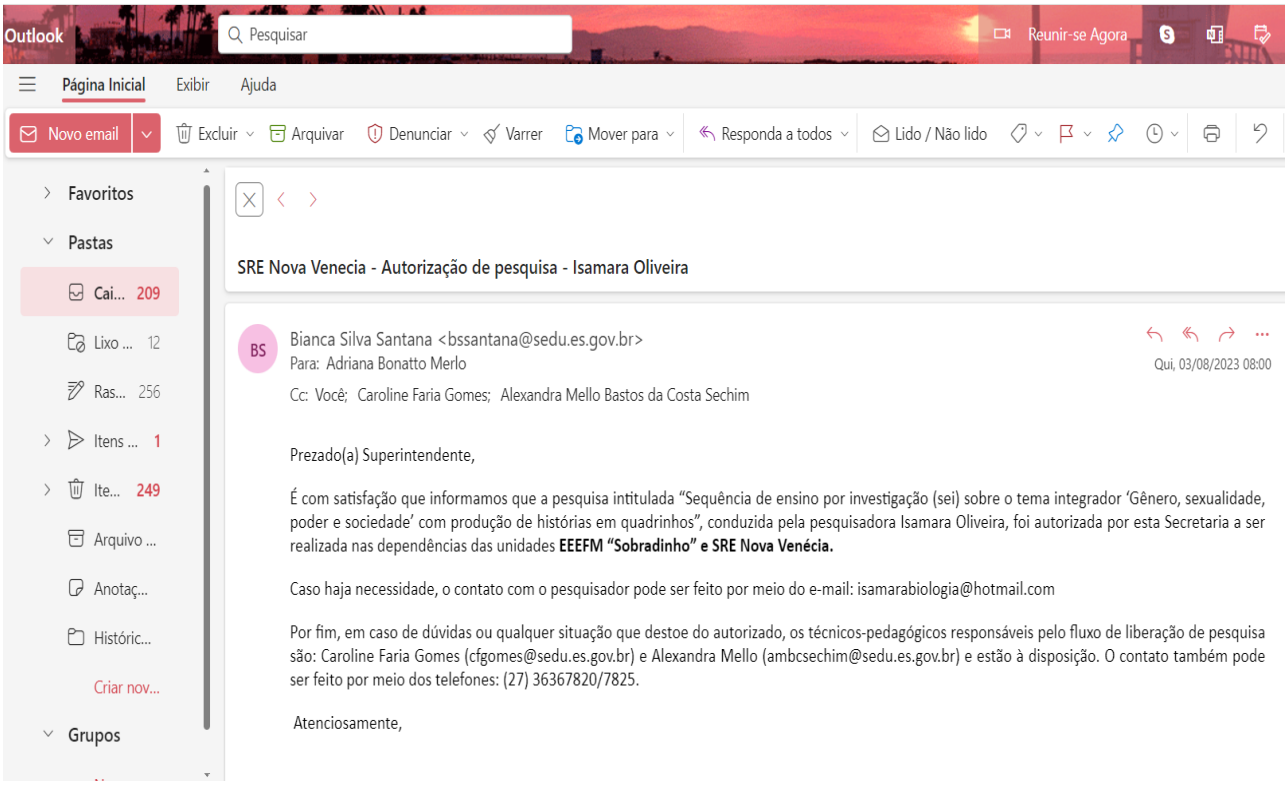
"A gente não tem uma idade certa. Para uma criança de quatro anos, é lógico que tem coisas que eu não vou conseguir falar com ele, igual eu tô chegando pra vocês aqui falando (…) ele não vai entender, mas já pode começar a falar, que não pode deixar ninguém pegar nas suas partes íntimas, que quem vai pegar é só a mamãe, o papai, a vovó e a mulher que cuida de você. Então já está trabalhando a sexualidade com essa criança, não da forma que eu estou trabalhando com vocês, mas deve ser falado desde pequeno, por quê? Hoje uma das coisas que mais acontece mesmo é o abuso sexual e as vezes acontece dentro da nossa própria casa e a gente não percebe, (…). Então a gente tem que trabalhar isso o mais cedo possível. No momento que você perceber que já está começando a entender (…) ele mesmo vai ter curiosidade de perguntar (…), só que a gente vai falar de forma diferente, vou falar uma linguagem que dá pra ele entender (…)

E sempre ensinar também os nomes corretos de cada órgão, (…) eu vi isso na internet que a criança chegou pra professora, criança pequenininha de pré-escola e falou: meu avô fez isso e isso e isso! e não sabia falar o nome do órgão. Então, a professora achou que não era nada de mais, e deixou isso pra lá, até que chegou a notícia de que a criança estava sendo abusada pelo avô e descobriram da pior forma, se ela soubesse falar realmente o nome do órgão, poderia ter descoberto antes, evitado muitos problemas". (Psicóloga)

Agradeço a vocês e lembrando que essas informações vão ser importantes para vocês, e podem ajudar outras pessoas e levar a frente para que todas as pessoas e para que a gente possa ser uma sociedade cada vez melhor!

ANEXOS

ANEXO A: AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



Outlook

Pesquisar

Reunir-se Agora

Página Inicial Exibir Ajuda

Novo email | Excluir | Arquivar | Denunciar | Varrer | Mover para | Responda a todos | Lido / Não lido

Favoritos

Pastas

Cai... 209

Lixo ... 12

Ras... 256

Itens ... 1

Ite... 249

Arquivo ...

Anotaç...

Históric...

Criar nov...

Grupos

SRE Nova Venecia - Autorização de pesquisa - Isamara Oliveira

BS

Bianca Silva Santana <bssantana@sedu.es.gov.br>

Para: Adriana Bonatto Merlo

Qui, 03/08/2023 08:00

Cc: Você; Caroline Faria Gomes; Alexandra Mello Bastos da Costa Sechim

Prezado(a) Superintendente,

É com satisfação que informamos que a pesquisa intitulada "Sequência de ensino por investigação (sei) sobre o tema integrador 'Gênero, sexualidade, poder e sociedade' com produção de histórias em quadrinhos", conduzida pela pesquisadora Isamara Oliveira, foi autorizada por esta Secretaria a ser realizada nas dependências das unidades **EEEFM "Sobradinho" e SRE Nova Venécia.**

Caso haja necessidade, o contato com o pesquisador pode ser feito por meio do e-mail: isamarabiologia@hotmail.com

Por fim, em caso de dúvidas ou qualquer situação que destoe do autorizado, os técnicos-pedagógicos responsáveis pelo fluxo de liberação de pesquisa são: Caroline Faria Gomes (cfgomes@sedu.es.gov.br) e Alexandra Mello (ambcsechim@sedu.es.gov.br) e estão à disposição. O contato também pode ser feito por meio dos telefones: (27) 36367820/7825.

Atenciosamente,

ANEXO B: PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS

CENTRO UNIVERSITÁRIO NORTE DO ESPÍRITO SANTO - UFES

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SEQUÊNCIA DE ENSINO POR INVESTIGAÇÃO (SEI) SOBRE O TEMA INTEGRADOR GÊNERO, SEXUALIDADE, PODER E SOCIEDADE COM PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.

Pesquisador: ISAMARA OLIVEIRA LIMA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 68228423.1.0000.5063

Instituição Proponente: CENTRO UNIVERSITARIO NORTE DO ESPIRITO SANTO - CEUNES

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.103.475

Apresentação do Projeto:

Abordar temas relacionados à sexualidade nas escolas é bastante complexo, uma vez que envolve muitas questões sociopsicológicas, nessa perspectiva o objetivo da pesquisa a ser desenvolvida é analisar como a metodologia de ensino pesquisa-ação/ investigação e a produção de histórias quadrinhos podem contribuir para discussões acerca do tema sexualidade com ênfase no contexto social dos estudantes. A necessidade foi confirmada a partir da análise das principais problemáticas que circundam o tema, como os históricos de gravidez na adolescência e sua influência no abandono escolar, o comportamento dos estudantes muda quando tocamos no assunto, perceptivelmente alguns se sentem intimidados, a disseminação de informações errôneas ou tabus, bem como preconceito ou abominações quanto ás relações homoafetivas e a necessidade da conscientização sobre a violência contra a mulher, abuso e assédio contra crianças e adolescentes. Nesta pesquisa será adotada uma abordagem qualitativa utilizando a metodologia de pesquisa-ação e a Sequência de Ensino por Investigação, no qual os participantes da pesquisa serão levados a realizar procedimentos científicos, investigar as próprias hipóteses, validá-las e direcioná-las, como meio de mudar a sociedade e ambiente em que os temas de estudo serão introduzidos.

Optou-se em desenvolver a abordagem metodológica de ensino por investigação e pesquisa-ação, por meio de uma sequência de ensino com a temática sexualidade e produzir histórias em

Endereço: Rodovia BR101 Norte, Km 60
Bairro: Litorâneo **CEP:** 29.932-540
UF: ES **Município:** SAO MATEUS
Telefone: (27)3312-1519 **Fax:** (27)3312-1510 **E-mail:** cepceunes@gmail.com

quadrinhos, oferecendo aos alunos uma discussão sobre o assunto e ao professor um material de apoio. A proposta desta pesquisa é apresentar aos estudantes temas cotidianos relacionados a sexualidade de uma maneira mais leve e dinâmica, a fim de que gere discussões e reflexões, e que reflitam sobre a formação de uma sociedade baseada em princípios de equidade, respeito e amor pelo próximo, conscientizando-os sobre problemas sociais de violência e assédio contra mulheres, crianças e adolescentes, assim como práticas homofóbicas e gravidez na adolescência.

A presente pesquisa será realizada em uma Escola da Rede Estadual de Ensino Regular na cidade de Boa Esperança – ES, com um grupo de 13 estudantes do 8° ano do Ensino Fundamental do turno vespertino, com idade entre 12 e 15 anos. A maioria dos alunos é da zona rural do interior do município onde a escola está situada, sendo que a maior parte trabalha no contra turno escolar. A escolha desta escola como campo da pesquisa se deu pela atuação da pesquisadora como corpo docente.

Sequência investigativa sobre a temática sexualidade

Para o desenvolvimento desse trabalho será levado em consideração as Sequências de Ensino Investigativas (SEIs) na qual consiste em uma sequência de ensino que a princípio apresenta aos estudantes a problemática, a fim de que, a partir do protagonismo e autonomia do aluno, eles busquem e investiguem soluções e respostas para o problema apresentado, além disso disponibiliza aos alunos os recursos necessários para a pesquisa e busca de soluções (SASSERON, 2008).

Desenvolvendo esta proposta, pretendemos tornar o conhecimento científico adquirido pelos alunos realmente relevante não apenas nas aulas de ciências, mas ao longo de suas vidas, tornando-os cidadãos críticos e conscientes de suas responsabilidades e importância diante da sociedade. Durante o desenvolvimento de todas as etapas o pesquisador terá de observar o desempenho e engajamento dos alunos, os estimulando a desenvolver autonomia por meio do protagonismo e serem autores das suas habilidades, ideias e escolhas.

1ª etapa- Apresentação do tema e ambientação

2ª etapa- Problematização e levantamento de hipóteses.

3ª etapa- Investigação

4° etapa- Culminância da sequência investigativa.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar como a metodologia de ensino pesquisa-ação/ investigação e a produção de histórias quadrinhos podem contribuir para discussões acerca do tema sexualidade com ênfase no contexto social dos estudantes.

Objetivo Secundário:

Construir uma sequência didática baseada no ensino por investigação sobre o tema integrador Gênero, Sexualidade, Poder e Sociedade.

Ressignificar o tema sexualidade em termos biológicos, sociais, políticos e éticos desconstruindo mitos, preconceitos e tabus;

Produzir histórias em quadrinhos, narrando histórias cotidianas através de desenhos e textos sobre questões sociais e sua relação com a sexualidade.

Avaliar a eficiência das intervenções, verificando se a metodologia utilizada impactou no conhecimento dos adolescentes sobre a sexualidade contemporânea.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Foi informado pela pesquisadora:

Riscos:

Os riscos envolvidos com esta pesquisa são mínimos e estão relacionados ao desconforto e à inibição em prestar as informações solicitadas, e neste caso, você poderá se negar a dar qualquer tipo de informação que cause constrangimento ou mesmo desistir da pesquisa a qualquer momento, sem a necessidade de explicar o motivo. Durante a pesquisa terá toda liberdade de fazer qualquer pergunta ou questionamento relacionado ao estudo.

Benefícios:

O benefício dessa pesquisa é contribuir no processo de ensino aprendizagem desenvolvendo juntamente com os estudantes discussões e reflexões sobre a temática sexualidade de uma maneira mais leve e dinâmica a fim de que os estudantes desenvolvam habilidades cognitivas, senso crítico reflexivo, autonomia, desconstruindo mitos e preconceitos sobre a sexualidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa mostra-se relevante na medida em que pretende analisar como a metodologia de ensino pesquisa-ação/ investigação e a produção de histórias em quadrinhos podem contribuir

para discussões acerca do tema sexualidade com ênfase no contexto social dos estudantes.

Foi informado pela pesquisadora:

A presente pesquisa será realizada em uma Escola da Rede Estadual de Ensino Regular na cidade de Boa Esperança – ES, com um grupo de 13 estudantes do 8° ano do Ensino Fundamental do turno vespertino, com idade entre 12 e 15 anos. A maioria dos alunos é da zona rural do interior do município onde a escola está situada, sendo que a maior parte trabalha no contra turno escolar. A escolha desta escola como campo da pesquisa se deu pela atuação da pesquisadora como corpo docente.

Sequência investigativa sobre a temática sexualidade
Para o desenvolvimento desse trabalho será levado em consideração as Sequências de Ensino Investigativas (SEIs) na qual consiste em uma sequência de ensino que a princípio apresenta aos estudantes a problemática, a fim de que, a partir do protagonismo e autonomia do aluno, eles busquem e investiguem soluções e respostas para o problema apresentado, além disso disponibiliza aos alunos os recursos necessários para a pesquisa e busca de soluções (SASSERON, 2008).
Desenvolvendo esta proposta, pretendemos tornar o conhecimento científico adquirido pelos alunos realmente relevante não apenas nas aulas de ciências, mas ao longo de suas vidas, tornando-os cidadãos críticos e conscientes de suas responsabilidades e importância diante da sociedade. Durante o desenvolvimento de todas as etapas o pesquisador terá de observar o desempenho e engajamento dos alunos, os estimulando a desenvolver autonomia por meio do protagonismo e serem autores das suas habilidades, ideias e escolhas.
1ª etapa- Apresentação do tema e ambientação
2ª etapa- Problematização e levantamento de hipóteses.
3ª etapa- Investigação
4° etapa- Culminância da sequência investigativa.

Metodologia de Análise de Dados:
A forma de coleta de dados escolhida incluirá observações das aulas, conversas informais com os estudantes e um diário de campo (com registros de características do espaço físico, atividades propostas, comportamentos e diálogos, eventos específicos, reflexões levantadas pelos alunos,

possíveis conflitos e considerações sobre o tema), fotodocumentação, preservando a identidade dos participantes.

Além disso, com base nas informações coletadas durante a intervenção da primeira etapa da sequência investigativa, serão elaborados roteiros de investigação que servirão como apoio para a produção do material das entrevistas semiestruturadas.

Os materiais coletados serão examinados e reorganizados para fornecer análises qualitativas e reflexões sobre as metodologias utilizadas. É importante ressaltar que será garantido o respeito à privacidade e à confidencialidade das informações dos participantes, bem como serão adotadas medidas para evitar qualquer tipo de constrangimento durante o processo de coleta de dados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as solicitações foram atendidas, sendo o parecer de aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Sr(a). Pesquisador(a),

a) Segundo a Resolução 466/2012 (CONEP/CNS), a eticidade da pesquisa implica em assegurar aos participantes da pesquisa os benefícios resultantes do projeto, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa (Título III, 1.n). Tal imperativo deve constar dos Projetos e devem ser previstas formas de tais benefícios;

b) De acordo com a Resolução 466/2012 (CONEP/CNS), o pesquisador deve apresentar Relatórios Semestrais de sua pesquisa (Título X, X.1, item 3, letra b). Para pesquisa com duração menor que um ano, Relatório Final (Regimento Interno do CEP/CEUNES, Art. 34°). Os Relatórios Parcial e Final devem ser enviados através da Plataforma Brasil (item "enviar notificação", anexar o respectivo documento).

c) Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas (Norma Operacional CNS nº 001/2013, 2.1.H.1).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação

CENTRO UNIVERSITÁRIO NORTE DO ESPÍRITO SANTO - UFES

Continuação do Parecer: 6.103.475

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2094262.pdf	17/05/2023 14:08:47		Aceito
Outros	CartarespostaaoCEPisamaralima.pdf	17/05/2023 14:02:26	ISAMARA OLIVEIRA LIMA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracaosedu.pdf	17/05/2023 13:58:24	ISAMARA OLIVEIRA LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOISAMARAOLIVEIRALIMAREFORMULADO.pdf	17/05/2023 13:54:23	ISAMARA OLIVEIRA LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termodeassentimentolivreeesclarecidoaunosmenores.pdf	17/05/2023 13:52:51	ISAMARA OLIVEIRA LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termodeconsentimentolivreeesclarecidoparapaiseresponsaveis.pdf	17/05/2023 13:51:50	ISAMARA OLIVEIRA LIMA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoisamara.pdf	18/03/2023 09:18:39	ISAMARA OLIVEIRA LIMA	Aceito
Outros	termodecompromissodopesquisador.pdf	03/03/2023 18:47:07	ISAMARA OLIVEIRA LIMA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

SAO MATEUS, 06 de Junho de 2023

Assinado por:
Juliano Manvailer Martins
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia BR101 Norte, Km 60
Bairro: Litorâneo **CEP:** 29.932-540
UF: ES **Município:** SAO MATEUS
Telefone: (27)3312-1519 **Fax:** (27)3312-1510 **E-mail:** cepceunes@gmail.com

ANEXO C: REPORTAGEM SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL SER AINDA UM TABU NO BRASIL, E O QUANTO OS ADOLESCENTES SOFREM COM ESSA FALTA DE INFORMAÇÃO

Educação sexual ainda é tabu no Brasil e adolescentes sofrem com a falta de informação

Sem lei que determina o debate do assunto em escolas, jovens sofrem com problemas em questões que interferem no esclarecimento da sexualidade.

27/06/2019 00h21 · Atualizado há 4 anos

A educação sexual no Brasil ainda não é um assunto fácil de ser discutido. Em um país de dimensão continental, não só zonas mais rurais e no interior, mas também as principais capitais enfrentam questões culturais, políticas e religiosas que interferem no esclarecimento da sexualidade.

A repórter Eliane Scardovelli foi até Codó, município maranhense de 80 mil habitantes, onde a menstruação é um tabu. **Ela acompanhou o trabalho da Plan International**, uma organização não governamental, que instrui moradores da cidade sobre conceitos de higiene básica, saúde menstrual e hábitos de vida saudável para crianças e adolescentes.

ONG Plan em aula sobre educação sexual

Em conversa com Francisca da Silva, de 18 anos, Eliane descobriu que a falta de informação sobre menstruação é algo comum na cidade e acaba gerando muitos mitos.

> **Meu marido diz que não é pra passar por cima dele quando eu estou menstruada. Ele não deixa.**
>
> — Francisca da Silva, de 18 anos

A pequena cidade ainda sofre com o pouco debate do tema nas salas aulas. Segundo a professora Morgana Ponte de Sousa, a educação sexual só é debatida a partir do sétimo ano e que muitos assuntos não são aceitos pelos pais dos alunos.

"Em relação ao corpo humano, a gente trabalha mais no sétimo e oitavo ano. No sexto a gente fala sobre o planeta, sistema solar. Na escola a gente vai passar o conteúdo do corpo humano mais bem detalhado. Mas tem alguns pais que às vezes não aceitam. E às vezes as crianças chegam na sala e falam 'minha mãe não disse isso'. Então a gente tem que saber como vamos passar para eles. Tem que ser de uma forma delicada para que eles possam absorver o conhecimento, mas sem o lado maldoso", afirma a professora.

Falta de conhecimento gera dúvidas

A última edição da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar mostra que 27% dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental já tiveram relação sexual.

A repórter Mayara Teixeira conheceu o trabalho da Casa do Adolescente, em São Paulo, criada em 1991. A Casa funciona como um laboratório de novas políticas de saúde para os jovens paulistas. O local oferece oficinas para jovens com diversos assuntos que abordam desde nutrição até a educação sexual.

Jovens discutem sexualidade na Casa do Adolescente, em São Paulo — Foto: TV Globo

Para a ginecologista e obstetra Albertina Duarte Takiuti, falar de educação sexual é papel da família e da escola. "A deseducação sexual já está em todos os lugares. Os adolescentes falam sozinhos sobre a sexualidade que faz parte do plano da vida. A educação sexual é papel da família, da escola, do Estado e das políticas públicas", disse a coordenadora do programada Saúde do Adolescente.

Em nota à reportagem do **Profissão Repórter**, o Ministério da Educação disse que a educação básica é norteada por três documentos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica e a Base Nacional Comum Curricular.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi publicada em 1996 e não define parâmetros para a educação sexual. O Ministério da Educação ainda afirma que as redes estaduais e municipais têm autonomia para definir quais e como os temas devem ser apresentados aos estudantes.

Para a especialista em educação sexual Lena Vilela, falta uma lei para que o assunto seja melhor abordado nas escolas. "Não existe uma lei que defina o que precisa ser ensinado em termos de educação sexual. O que existe são orientações técnica que sugerem o que a escola poderia conversar sobre sexualidade com alunos, mas isso não chegou a virar uma lei", diz.

Lena também alerta que falar de educação sexual não é só falar de sexo, mas sim preparar a criança para identificar questões de abuso.

"Educação sexual não é falar de sexo. É também, dependendo da idade e com quem você vai falar, é preparar a criança para a questão do abuso sexual, que é importante. A cada ano você trabalha determinadas questões ligadas à sexualidade e ao comportamento para que essa criança entenda melhor o que está acontecendo com ela."

Masculinidade tóxica

No ano passado, o dicionário Oxford escolheu como palavra do ano o adjetivo "toxic", "tóxico", em português. O aumento nas buscas pela expressão "masculinidade tóxica" deu ainda mais peso à escolha. Ela se refere às "relações tóxicas" - ou pressões para que os homens tenham um comportamento padrão e, em muitos casos, machista.

Repórter Júlio Molica conversa com jovens do Instituto Papai, em Recife — Foto: TV Globo

O repórter Júlio Molica conheceu adolescentes do Instituto Papai, em Recife, uma organização sem fins lucrativos que, desde 1997, desenvolve ações para discutir a masculinidade. O Instituto também fala de situações de abuso sexual, agressão contra mulheres, gravidez e uso de camisinha.

Para o estudante Wellington Costa, de 14 anos, a pressão para provar a masculinidade está no dia no dia a dia. "No dia a dia a gente vê meninos sofrendo pressão para ficar com meninas. É uma escolha dele, mas todos ficam botando pressão para ficar com ela. Ai ficam chamando de fresco, viado", afirma.

Para Carolina Barros, psicóloga do Instituto Papai, em Recife, meninos também sofrem com o machismo pela necessidade de não poderem expressar seus sentimentos.

> **Meninos também sofrem com o machismo. A impossibilidade de expressar sentimentos é algo muito presente no universo masculino. Todos esses atributos são delegados às mulheres como se fossem do feminino**
>
> — Carolina Barros, psicóloga

Para muitos homens, o primeiro contato com o sexo é através da pornografia, o que reforça alguns estereótipos, serve para distorcer a ideia do que é sexo e fomenta o machismo.

"Acredito que as consequências do consumo de pornografia como educadora de sexualidade é muito ruim porque distorce a ideia do que é sexo. Muitas vezes esse sexo acaba sendo muito egoísta, muito machista, porque o cara só está preocupado com o prazer dele", afirma Claudio Serva, fundado do instituto PrazerEle, em São Paulo. **Confira a reportagem completa acima.**